



Vanusa Maria Queiroz da Silva

Militares e Sociedade: Um estudo sobre a formação dos oficiais do Exército Brasileiro

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Eduardo de Vasconcelos Raposo

Rio de Janeiro
Setembro de 2019



Vanusa Maria Queiroz da Silva

Militares e Sociedade: Um estudo sobre a formação dos oficiais do Exército Brasileiro

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Eduardo de Vasconcelos Raposo

Orientador
PUC-Rio

Prof.^a Sarita Léa Schaffel

Centro de Estudos de Pessoal - Exército Brasileiro

Prof. Everton Araujo dos Santos

AMAN - Exército Brasileiro

Prof.^a Maria Alice Rezende de Carvalho

Departamento de Ciências Sociais - PUC-Rio

Prof. Fernando Cardoso Lima Neto

Departamento de Ciências Sociais - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 2019.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Vanusa Maria Queiroz da Silva

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1999) e mestre, mestrado profissionalizante, em Bens Culturais e Projetos Sociais pela Fundação Getúlio Vargas (2008). Possui interesse em métodos quantitativos de pesquisa, especialmente no que tange a utilização de pesquisas com o programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences).

Ficha Catalográfica

Silva, Vanusa Maria Queiroz da

Militares e sociedade: um estudo sobre a formação dos oficiais do Exército Brasileiro / Vanusa Maria Queiroz da Silva ; orientador: Eduardo de Vasconcelos Raposo. – 2019.

147 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2019.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Exército Brasileiro. 3. Oficiais. 4. Processo de socialização. I. Raposo, Eduardo de Vasconcelos. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. III. Título.

CDD: 300

*Dedico este trabalho
à minha mãe Yolete e ao meu pai José Maria.*

Agradecimentos

Agradeço ao meu professor e orientador, Eduardo Raposo, pela orientação, pela confiança que depositou em mim e por ter me incentivado a chegar até aqui.

Aos membros da banca examinadora, os professores: Everton Araujo dos Santos (Exército/AMAN), Fernando Cardoso Lima Neto (PUC-Rio), Maria Alice Rezende de Carvalho (PUC-Rio) e Sarita Lea Schaffel (Exército /CEP/FDC) por terem lido atenciosamente meu trabalho e pelas contribuições que foram essenciais para a realização do mesmo.

Aos professores suplentes: Júlio César Gomes e Paulo Renato Flores Durán pelo apoio dado à realização deste trabalho.

À Capes/PROSUC e a PUC, pela concessão da bolsa de estudos, sem a qual seria impossível a realização desta tese.

Agradeço aos membros da pesquisa “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, já mencionados, e ao Denis de Miranda por sua participação fundamental na minha tese e, também, a Camila Bravo e Ana Paula Texeira.

Agradeço aos professores: Maria Celina D’Araujo – que acompanha e contribui com minha trajetória desde a graduação –, Marcelo Burgos, Angela Maria de Randolpho Paiva, Ricardo Ismael e Zaia Brandão, que me deram a oportunidade de trabalhar em seus respectivos projetos de pesquisa e me proporcionaram uma experiência imprescindível para minha formação profissional.

Nos projetos acima mencionados tive a chance de trabalhar com queridos colegas: Camila Romero Lameirão, Joana Macedo, Julia Petek, Francicleo de Castro Ramos (Léo), Sarah Laurindo, Ana Carolina Canegal, Mariana Camasmie, José Ribas, Ari Carneiro, Cecília Marafelli, Priscila Andrade M. Rodrigues e Rômulo Casciano.

Agradeço as cartas de recomendação dos professores Fernando Lattman-Weltman (UERJ) e Mário Grynszpan (UFF), que contribuíram para meu ingresso no doutorado.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Ciências Sociais pelos ensinamentos e pela ajuda.

Agradeço aos meus colegas de doutorado pelas boas discussões, o bom convívio e por tudo que aprendi com eles durante esse período.

Agradeço ainda o carinho e as contribuições de Mário Jorge de Paiva, Rafaelle Monteiro de Castro, Leonardo Giorno, Tisuru Ando, Perony Nogueira, Taísa Sanches, Caíque Belatto, Fabiana Ribeiro, Marcos Milner e Gustavo Cravo.

Por fim, agradeço à minha família, meu pai José Maria, à minha mãe Yolete e meus irmãos: Júnior e Jânio pelo carinho, incentivo, compreensão e por estarem presentes nos momentos de grandes desafios.

Agradeço a todos os meus sobrinhos: Anne, Hiago, Kathleen e Jéssica, em especial a Luana Queiroz com quem convivi mais durante o doutorado. Quando me vi impossibilitada de trabalhar na tese sempre me dizia “Titia, você vai conseguir!”. Seu carinho e confiança tornaram essa caminhada mais leve. E a Julie que agora está seguindo o mesmo caminho.

Resumo

Silva, Vanusa Maria Queiroz da; Raposo, Eduardo de Vasconcelos. **Militares e Sociedade: Um estudo sobre a formação dos oficiais do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro, 2019. 147p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objeto da presente tese é o processo pelo qual jovens ainda imbuídos de valores correntes na sociedade civil, ao ingressarem em instituições militares se transformam, gradualmente, em porta vozes dos valores dessas instituições. Para levar adiante a proposta apresentada, realizaremos comparação entre três grupos de Oficiais do Exército Brasileiro: os oficiais da AMAN (Academia Militar de Agulhas Negras), os Oficiais técnicos temporários (OTT) e os pertencentes ao Quadro Complementar de Oficiais (QCO). A hipótese é a de que esses três grupos de oficiais apresentem alguma diferença quando confrontados com temas sociais, políticos, éticos e institucionais da vida nacional brasileira, em razão de possíveis diferenças em suas mentalidades, estratégias de carreira, interesses e visões de mundo, o que nos possibilitará realizar reflexão tanto sobre as chamadas instituições totais, quanto sobre os padrões de “isolamento” dos oficiais do Exército Brasileiro. A maneira por nós construída para localizarmos e analisarmos as possíveis diferenças existentes entre esses “tipos” de oficiais repousa no *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, coordenado pelos professores Eduardo Raposo e Maria Alice Resende de Carvalho - ambos do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio - e pela professora Sarita Lea Schaffel do CEP/Exército.

Palavras-chave

Exército; Oficiais; Brasil; socialização.

Abstract

Silva, Vanusa Maria Queiroz da; Raposo, Eduardo de Vasconcelos (Advisor). **Military and Society: A study on the training of the Brazilian Army officers**. Rio de Janeiro, 2019. 147p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis aims the officers of the Brazilian Army. More precisely, the process in which young yet imbued of current values in the civil society, when joining military institutions, they become, gradually, in spokesperson of these institution's values, starting to belong and serving them. To carry out the proposal, we will perform the comparison between three groups of officers from the Brazilian Army: Agulhas Negras Military Academy (AMAN, from Portuguese, Academia Militar das Agulhas Negras), the Temporary Officer Technicians (OTT, from Portuguese, Oficiais Técnicos Temporários) and the ones who belong to the Complementary Officers Team (QCO, from Portuguese, Quadro Complementar de oficiais). The hypothesis is that these three Officer groups show some difference when confronted with social, political, ethical and institutional contents of the Brazilian national life because of possible differences in their mindset, career strategies, interests and world perspective. Posture that will allow us to suppose not only about the called total institutions but also about the “isolation” patterns of the Brazilian Army Officers. The way we decided to trace and analyze the possible differences between these type of Officers lies on the *Survey* “What the Officer of the Brazilian Army think” coordinated by the Professors Eduardo Raposo and Maria Alice Resende de Carvalho, both from the Department of Social Science at PUC-Rio and also by the Professor Sarita Lea Schaffel from CEP/Brazilian Army.

Keywords

Army; Officers; Brazil; socialization.

Sumário

1. Introdução	14
2. Processo de socialização: Dos valores pessoais, dos valores profissionais e institucionalização	21
2.1. Socialização primária.....	22
2.2. Socialização secundária	24
2.3. A socialização e a definição de papéis sociais	25
2.4. O poder na construção da identidade.....	32
2.5. O campo como jogo social.....	38
3. Diferença entre civis e militares: a construção da identidade militar	42
3.1. O corpo do militar	42
3.1.1. A postura corporal do militar	43
3.1.2. Uniforme	45
3.2. Formação e processo de socialização dos militares.....	47
3.2.1. Oficiais Combatentes.....	48
3.2.2. Oficiais Não Combatentes	52
3.2.3. Tradição disciplina e hierarquia	53
4. Tradição e Modernidade no EB do final do Século XX ao início do Século XXI.....	58
4.1. Formação educacional.....	60
4.1.1. Oficiais Combatentes.....	61
4.1.2. Oficiais não combatentes.....	64
4.2. Processo de socialização no EB.....	69
4.2.1. Formação comum, específica e pós-graduação	70
4.3. A tradição e a especialização no EB.	73
5. Perfil da Amostra.....	75
6. Dados do <i>survey</i> : “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”	86
6.1. Valores institucionais	87
6.2. A função do EB.....	98
6.3. Fatos que mostram a aproximação entre o EB e o mundo civil... 105	
6.3.1. Opinião sobre a aproximação do EB com a universidade Civil	105
6.3.2. Sobre a família	107
6.3.2.1. A família de origem	108
6.3.2.2. A família do militar	109
6.3.2.3. A família tradicional.....	110
6.4. A presença da mulher no EB	113
6.4.1 O papel social definido por sexo	115
6.4.2. Mudanças sociais.....	117
6.5. Opinião sobre os valores sociais	120
7. Conclusão	123
8. Referências bibliográficas	129

Anexos	135
Anexo 1 - LEI Nº 12.786, DE 11 DE JANEIRO DE 2013.....	136
Anexo 2 - Questões retiradas e utilização do <i>survey</i>	138
Anexo 3 – Carta Convite	144
Anexo 4 – Estrutura do índice de liberdade	145
Anexo 5 – Valores militares por vínculo (frequência)	146
Anexo 6 – Valores militares por vínculo (cruzamento)	147

Lista de tabelas

Tabela 1 – Especialização, vínculo e categoria.....	17
Tabela 2 – Posto	75
Tabela 3 – Vínculo	75
Tabela 4 – Grau de instrução da mãe por Vínculo	79
Tabela 5 – Grau de instrução do pai por Vínculo	80
Tabela 6 – Tendência.....	124

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Grupo de oficiais por Vínculo	76
Gráfico 2 – Sexo por Vínculo.....	76
Gráfico 3 – Cor por Vínculo	78
Gráfico 4 – Região de nascimento por Vínculo	78
Gráfico 5 – Há militares na família por Vínculo	80
Gráfico 6 – Pai militar ou civil por Vínculo	81
Gráfico 7 – Estudou no Colégio Militar por Vínculo	82
Gráfico 8 – Apenas parente militar por vínculo.....	83
Gráfico 9 – Filho (a) de civil, NÃO tem parente militar e NÃO ESTUDOU em colégio militar por vínculo.....	84
Gráfico 10 – Oficiais com mais contato com o meio militar antes de ingressar no EB por vínculo	85
Gráfico 11 – Como o (a) Sr.(a) incorporou os valores militares por Vínculo	87
Gráfico 12 – O (a) Sr.(a) acredita que o culto aos Valores Militares varia de que maneira em relação ao tempo de serviço militar: por Vínculo.....	89
Gráfico 13 – Grupo de valores que melhor representa o espírito militar por Vínculo.....	90
Gráfico 14 – Afirmação apresentada que mais se aproxima da imagem do Exército Brasileiro por Vínculo.....	93
Gráfico 15 – O (A) Sr.(a) atribui a credibilidade do Exército principalmente a: por Vínculo	94
Gráfico 16 – Algumas organizações possuem uma “cultura” própria. No Exército por Vínculo.....	96
Gráfico 17 – Ser um bom profissional militar exige principalmente: por Vínculo	97
Gráfico 18 – O Exército Brasileiro se reconhece mais na expressão “Braço forte” ou “mão amiga” por Vínculo	100
Gráfico 19 – Opinião sobre a utilização das Forças Armadas na Manutenção da Ordem Social	102
Gráfico 20 – Opinião sobre a utilização das Forças Armadas para combater o tráfico de drogas e armas por Vínculo.....	103
Gráfico 21 – Opinião sobre a utilização das Forças Armadas para ajuda humanitária por Vínculo.....	103

Gráfico 22 – A aproximação entre o Exército e a Universidade pode contribuir para o aperfeiçoamento dos seus oficiais: por Vínculo	105
Gráfico 23 – Assinale a opção com a qual o (a) Sr. (a) mais se identifica: por Vínculo	106
Gráfico 24 – Acha que a transformação da família tradicional está contribuindo para a decadência da sociedade por Vínculo	107
Gráfico 25 – A presença da mulher no Exército Brasileiro é aceitável desde que restrita a funções administrativas: por Vínculo	118
Gráfico 26 – A presença da mulher no Exército Brasileiro é aceitável para todas as atividades, inclusive as de combate: por Vínculo	119
Gráfico 27 – A presença da mulher no Exército Brasileiro, é aceitável mesmo em funções de comando: por Vínculo	119
Gráfico 28 – Acha que o mundo, em constante mudança, obriga a adaptação de nossa mentalidade por Vínculo.....	120
Gráfico 29 – Índice de liberdade do indivíduo	122

1. Introdução

“A sociologia tem mostrado exaustivamente [...] que organizações possuem características e vida próprias que não podem ser reduzidas a meros reflexos de influências externas. Isto vale particularmente para as organizações militares que, além de serem de grande complexidade, se enquadram no que Erving Goffman chama de instituições totais. Essas instituições, pelo fato de envolverem todas as dimensões da vida de seus membros, constroem identidades mais fortes. Quando plenamente desenvolvidas, requerem de seus membros uma radical transformação de personalidade”

José Murilo de Carvalho¹

O objeto dessa tese são os oficiais do Exército Brasileiro (EB). Mais precisamente o processo pelo qual jovens cadetes ainda imbuídos de valores correntes na sociedade civil, ao ingressarem em instituições militares se transformam, gradualmente, em porta vozes dos valores dessas instituições, que passam a pertencer e a servir.

Como ponto de partida tomamos as afirmações contidas nos estudos de Erving Goffman, segundo a qual “instituições totais” ou “lugares de enclausuramento” - como são, por exemplo, os exércitos, as ordens religiosas e os manicômios -, possuem regras próprias muito desenvolvidas as quais são transmitidas aos seus membros.² Nessas instituições são, portanto, mais visíveis os valores propriamente organizacionais do que os valores de seus membros.³

No caso das instituições totais, sua capacidade em afirmar seus valores “acima” os valores pessoais, de seus membros, ancoram-se em certo “isolamento” em relação ao mundo que as cercam. Isolamento que, no caso dos exércitos modernos, como o brasileiro, ocorre em um ambiente onde a instituição fornece a seus membros empregos estáveis, assistência médica, espiritual, educacional, habitacional, recreativa entre outras. Isolamento que tem como finalidade e

¹ Forças Armadas e Política no Brasil (Carvalho, 2006. p.13).

² São regras transmitidas por procedimentos de obediência e hierarquia, acompanhados de rituais de socialização.

³ Sobre Estados e instituições fortes, regidos por regras mais consolidadas, que impõem à seus membros seus critérios e valores, casos extremos são encontrados nos clássicos estudos de Erving Goffman e Foucault, quando nos falam de “instituições totalizantes” e “corpos dóceis. Goffman, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. Foucault, Michael. Vigiar e Punir. Ed. Vozes, Petrópolis.

consequência substituir os valores relativos à sua identidade, adquirida na vida civil de jovem cadete, pela identidade e valores do militar adulto.⁴

Esse distanciamento do mundo civil visa preparar o cadete para cumprir a missão constitucional do Exército, como registrado no artigo 142 da Constituição da Federal do Brasil/1988:

As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.⁵

Nessa instituição, o cadete é preparado para ser um oficial combatente, com a função principal do EB. Mas, para que eles possam se concentrar no aprimoramento de suas habilidades, outros militares, oficiais não combatentes, precisam exercer as atividades complementares necessárias para o funcionamento da instituição. Por exercerem funções complementares, esses oficiais não precisam ser submetidos a um curso tão intenso de socialização no EB, ou seja, não ficam tão isolados da vida civil como os cadetes.

Este padrão é identificável, depois de formados, no exercício de sua profissão no EB. E, são perceptíveis, por exemplo, nas inúmeras transferências de estado de moradia que o oficial da AMAM (Academia Militar de Agulhas Negras)

⁴ É necessário considerar que as diferentes instituições de um sistema social possuem, cada qual, conteúdos e histórias que os estruturam em condições muito particulares, o que as faz serem dotadas de densidade própria. E regidas por regras que, apesar de se influenciarem mutuamente, guardam peculiaridades que condicionam e marcam o comportamento e a ação de seus membros, vide a teoria dos campos sociais descrita por Pierre Bourdieu. Suas impressões digitais, compostas pela originalidade tanto dos “territórios” quanto dos “atores” que nele se deslocam estrategicamente. Elementos estruturais e estratégicos que, em suas peculiaridades, nos fornecem as chaves da compreensão da vida de uma determinada instituição.

⁵ Sobre uma das funções do EB a GLO consta no site do ministério da defesa: “Realizadas exclusivamente por ordem expressa da **Presidência da República**, as missões de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) ocorrem nos casos em que há o esgotamento das forças tradicionais de segurança pública, em graves situações de perturbação da ordem.

Reguladas pela **Constituição Federal**, em seu artigo 142, pela **Lei Complementar 97**, de 1999, e pelo **Decreto 3897**, de 2001, as operações de GLO concedem provisoriamente aos militares a faculdade de atuar com poder de polícia até o restabelecimento da normalidade.

Nessas ações, as **Forças Armadas** agem de forma episódica, em área restrita e por tempo limitado, com o objetivo de preservar a ordem pública, a integridade da população e garantir o funcionamento regular das instituições.”

Site do Ministério da Defesa: <https://www.defesa.gov.br/exercicios-e-operacoes/garantia-da-lei-e-da-ordem>. Acessado: 01/09/2019

é obrigado a fazer ao longo de sua carreira.⁶ Mas dependendo do grupo que pertence o oficial, este não é transferido, e pode sair do Exército sem passar pela experiência de morar em vila militar, por exemplo. Esse contexto aponta mais independência em relação ao EB, do que os oficiais da AMAN, no sentido que nessa condição o militar tem mais liberdade para organizar sua vida pessoal.⁷

Nesta pesquisa não serão analisados todos os oficiais não combatentes, apenas os oficiais do Quadro Complementar de Oficiais (QCO) e os Oficiais Técnicos Temporários (OTT). Estes oficiais, como será mais detalhado ao longo da tese, têm um vínculo mais tênue, quando comparados com os oficiais da AMAN, mas também se diferenciam entre si, já que os QCO são oficiais de carreira e os temporários não são, eles só podem ficar no EB por um período de 8 anos.

Neste estudo utilizaremos a palavra *vínculo* para distinguir esses oficiais. A variável vínculo – que é representada pelo grupo de oficiais que esses militares pertencem – indica o grau de afastamento que cada campo tem do mundo civil. Sendo assim, entendemos como vínculo: a especialização do militar, o tipo de socialização e a perspectiva de carreira. Isto porque, a especialização, o curso de formação e a perspectiva de carreira serão utilizados como indicadores de uma maior ou menor exposição ao mundo civil. Esses grupos são classificados da seguinte forma:

⁶ Essas transferências são essenciais do ponto de vista profissional, já que sua função no EB exige o conhecimento do território e dos hábitos e costumes das diferentes regiões do país, mas por outros lados torna os laços com a família de origem e com os amigos que fazem no tempo que ficam em casa cidade mais tênue. Este fato promove uma relação mais forte com seus colegas militares, pois são estes que dão o apoio quando o militar transferido e sua família chegam à cidade onde o militar foi designado para trabalhar.

⁷ No que se refere ter menos chance de morar em vila militar, este fato garante ao militar viver em um local com uma vizinhança civil e um período fora do quartel, pois nas vilas militares impera os valores militares.

Tabela 1 – Especialização, vínculo e categoria

Especialização	Vínculo	Categoria
Combatente	Carreira	Aman
Não combatente	Carreira	QCO
	Temporário	OTT

Fonte: Site no Ministério da Defesa

A existência destes grupos nos informa também sobre a relação entre a tradição e modernidade dentro do EB. Questão sempre presente, já que a sociedade está em constante transformação, e o EB é uma instituição tradicional, mas que se tornou mais visível devido à dimensão das transformações sociais ocorridas nas últimas décadas.

Primeiro foi a mudança de regime militar para o regime democrático. Com a mudança de regime de governo o comando das Forças Armadas passou dos militares para os civis, já que o Presidente do Brasil é o comandante chefe das Forças Armadas⁸.

À medida que a democracia foi se consolidando, alterações ocorrem nesta área, como: a extinção dos Ministérios da Marinha, Exército e Aeronáutica⁹ e a criação, para substituí-los, do Ministério da Defesa. Desde então, o ministro da Defesa, escolhido pelo Presidente da República, ficou encarregado dos assuntos relacionados às Forças Armadas.

Outras transformações relevantes foram os avanços tecnológicos que mudaram a noção de tempo e espaço. A disseminação de aparelhos celulares e computadores, com acesso à *internet*, facilita a comunicação e o acesso à informação. Isto aproximou os militares do mundo civil. Os avanços tecnológicos também modificaram a relação entre os países e a forma de resolver os conflitos entre os mesmos.

⁸ Para mais informações acessar o site do Ministério da Defesa: <https://www.defesa.gov.br/forcas-armadas>

⁹ Em 1999, no segundo Governo de Fernando Henrique Cardoso.

Sendo assim o EB tem o desafio de mudar, para se adequar às demandas da sociedade atual, ao mesmo tempo em que se dedica à preservação das suas tradições. Podemos observar essa dinâmica na configuração dos quadros de oficiais do EB, na forma, por exemplo, como se divide o oficial combatente e o não combatente.

Foucault (1988), Goffman (2013), Berger e Luckmann (2014) e Pierre Bourdieu (Grenfell, 2018) nos mostram sob diferentes perspectivas que a visão de mundo é uma construção humana, sendo assim compreendemos que o processo de socialização está muito associado à visão de mundo do indivíduo.

Nosso objetivo nesta tese é identificar se o processo de socialização influencia na visão de mundo dos militares. Isto porque nossa hipótese é a de que os oficiais da AMAN, do CQO e os temporários têm uma visão de mundo diferente, por terem sido socializados em cursos com um nível de intensidade diferente.

Qual a comprovação empírica de tais enunciados? Como podemos provar que tal processo ocorre de fato? ¹⁰ Pretendemos pesquisar o grau e a qualidade do isolamento a que são submetidos hoje os oficiais do Exército Brasileiro. Ou seja, procuraremos desvendar “se” as mudanças oriundas da sociedade contemporânea estão impactando os valores e percepções dos Oficiais do Exército Brasileiro, sobre uma série de questões de natureza social, ética e institucional da vida brasileira.

Metodologia

Não tivemos acesso a dados que permitissem a construção de uma série histórica, para analisar se as mudanças ocorridas no EB produziram uma alteração na visão de mundo dos oficiais da AMAN. Mas, a partir de elementos como: a bibliografia disponível sobre o tema, de visita realizada a AMAN, dos dados do *survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, de sites do EB, Ministério

¹⁰ Essa capacidade de transformação de valores institucionais em valores que habitam corações e mentes dos membros do EB continua a ser bem-sucedido? Mesmo em um mundo que se move rapidamente e onde as informações, embaladas em um mundo globalizado, penetram nas dimensões mais ocultas da vida social?

da Defesa, Canal do EB no *Youtube*, entrevista qualitativa, etc., vamos comparar esses grupos de oficiais para saber se a visão de mundo dos mesmos é diferente.

Para responder essa questão vamos dividir a tese em duas partes. A primeira parte tem o objetivo de abordar diferenças que existem entre o militar e o civil, e, também, apontar como essas diferenças estão presentes no EB e se manifestam em várias ocasiões na disputa entre a tradição e a modernidade.¹¹ Na segunda parte, apresentaremos dados do *survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro” para melhor esclarecer tais indagações e apontamentos.

O referido *survey*¹² - base empírica central da presente tese -, foi realizado através de 95 perguntas fechadas oferecidas aos 20.435 Oficiais do Exército Brasileiro, dos quais 2.726 responderam a pesquisa. Como já indicado no início da apresentação, é composto por perguntas que traçam o perfil dos oficiais e, também, por perguntas que mostram seus posicionamentos diante de questões referentes a valores.¹³

Voltando ao tema das variedades existentes entre os oficiais, é preciso dizer que dos 2.249 questionários respondidos, selecionamos apenas os primeiros e os segundos tenentes, que correspondem a 473 tenentes.

Escolhemos os tenentes por serem os postos iniciais da hierarquia de oficiais, e porque os Oficiais Temporários só ocupam os postos de primeiro e segundo tenente. Entendemos que adicionar as respostas correspondentes aos outros postos poderia criar o viés de seleção devido à diferença de tempo de carreira. Como nosso objetivo é verificar se esses processos de socialização interferem na visão de mundo, optamos por este recorte que também garante que eles estejam na mesma faixa etária.

¹¹ Descreveremos as semelhanças e as diferenças do processo de socialização destes oficiais e abordaremos também a razão da diferença.

¹² As perguntas utilizadas na Tese e a carta convite enviada aos entrevistados, encontram-se respectivamente, no **Anexo 3** e **Anexo 4**.

¹³ A primeira parte do questionário - as 39 primeiras questões - teve como intuito qualificar os oficiais em seus diferentes postos, regiões de nascimento, estado civil, cor, religião e nível educacional. As demais questões - 40 a 94 - são relativas a temas sociais, políticos, éticos e institucionais como: ensino religioso, homossexualidade, aborto, família tradicional, *apartheid* social, saber votar, corrupção, falta de qualidade da educação, impunidade, saúde pública precária e bons costumes.

Escolhemos os Oficiais da AMAN, Quadro Complementar de Oficiais (QCO) e Oficial Técnico Temporário (OTT) porque, como já mencionado, todos são oficiais do EB, mas têm vínculos diferentes como EB. Esta estrutura foi criada para atender as demandas do EB. E, como veremos, elas justificam as diferenças existentes entre os processos de socialização.

A presente tese se divide em 7 capítulos. Começamos com a presente introdução. Passaremos então a um capítulo mais teórico sobre as formas de socialização existentes na cultura humana de modo geral. No terceiro capítulo falaremos sobre a diferença social entre civis e militares, onde trataremos da construção da identidade militar. No quarto capítulo falaremos da tradição e da modernidade dentro do Exército Brasileiro. No quinto, apresentaremos o perfil da amostra. No sexto capítulo analisaremos especificamente os dados do *survey*. E encerraremos a presente tese com a conclusão, além dos anexos, os quais irão enriquecer os temas abordados.

2. Processo de socialização: Dos valores pessoais, dos valores profissionais e institucionalização

Ao pesquisar as diferenças e similitudes entre os oficiais da AMAN, do QCO e os Temporários percebe-se que o processo de socialização é um ponto de partida para entendê-los, à medida que a socialização é definida de acordo com a posição que esses militares ocupam nessas diferentes estruturas. Embora, os cursos oferecidos pelo EB tenham uma base de conhecimento comum a todos os oficiais, há também disciplinas específicas direcionadas a cada grupo, conteúdos que visam atender as particularidades de cada tipo de oficial.

Para compreender a construção dessas diferenças e similitudes é necessário recorrer a autores como: Foucault (1988), Castro (2004), Goffman (2013), Berger e Luckmann (2014) e Pierre Bourdieu (Grenfell, 2018), que são alguns pensadores que descrevem a dinâmica da vida institucional.¹⁴

Berger e Luckmann (2014) apontam que o ser humano diferente dos outros animais, tem um aparelho biológico incompleto, falta-lhe o instinto apurado que garante aos outros animais especialização e sentido de direção. Consequentemente, o ser humano precisa de mais tempo que os outros animais para apreender o sentido da vida e para se tornar autossustentável. Esses conhecimentos são adquiridos a partir da convivência com seus semelhantes, já que estes desenvolvem e transmitem os meios adequados para compensar as carências do sistema biológico humano. Em outras palavras, a sociedade produz e disponibiliza conhecimentos para que o ser humano crie um sentido para sua vida e para que se torne capaz de garantir sua existência.

Esses saberes, que variam de acordo com a cultura e a instituição social, são transmitidos no processo de socialização. Esta particularidade humana de produzir o sentido da vida e os meios de prover sua subsistência provoca a diversidade humana, ou seja, embora o ser humano pertença à mesma espécie, diferentes de outros animais, eles imaginam o mundo de acordo com a sociedade

¹⁴ Com tais autores selecionados, vale dizer, não desejamos esgotar o tema da institucionalização dentro do viés sociológico, mas tais autores formam um forte aporte para adentrarmos em tal tema, por isto os selecionamos.

onde foi socializado, e assim criam várias formas de viver, que são configuradas e estimuladas no processo de socialização, como afirmam Berger e Luckmann (2014):

[...] o processo de tornar-se homem efetua-se na correlação com o ambiente. Esta afirmativa adquire significação se refletirmos no fato de que este ambiente é ao mesmo tempo um ambiente natural e humano. Isto é, o ser humano em desenvolvimento não somente se correlaciona com um ambiente natural particular, mas também com uma ordem cultural e social específica, que é mediatizada para ele pelos outros significativos que o têm a seu cargo. Não apenas a sobrevivência da criança humana depende de certos dispositivos sociais, mas a direção do seu desenvolvimento orgânico é socialmente determinada. Desde o momento do nascimento, o desenvolvimento orgânico do homem, e na verdade uma grande parte de seu ser biológico enquanto tal está submetido a uma contínua interferência socialmente determinada.

[...] Não é preciso dizer, portanto, que o organismo e, ainda mais, o eu não podem ser devidamente compreendidos fora do particular contexto social em que foram formados (Berger e Luckmann, 2014, p 69-70).

Desta forma, os referidos autores ressaltam a importância da vida em sociedade para a sobrevivência humana, uma vez que os conhecimentos necessários para continuação da espécie humana são criados pelo ser humano e disponibilizados pelos mesmos a partir da interação social. Conhecimentos que são adquiridos pelos novatos nos diferentes processos de socialização por qual passam ao longo da vida.

2.1. Socialização primária

Para Berger e Luckmann (2014), o ser humano encontra na sociedade os recursos necessários para compensar as carências do seu aparelho biológico. Mas, embora tenha predisposição para vida em sociedade, não nasceu preparado para isso. Para viver em sociedade, geralmente, ele precisa passar por diversos processos de socialização. Na socialização primária aprende o sentido da vida e também os recursos que o capacita a experimentar os processos de socialização secundária.

O ser humano ao nascer é completamente dependente dos seres humanos socializados. São eles que garantem sua sobrevivência física - até que aprenda a prover suas necessidades - e o prepara para a vida social. E o faz, compartilhando

com a criança seu mundo - conhecimento, valores, posição, relações familiares e de amizade, profissional – ou seja, a partir da interação dos pais com o mundo que a criança compreende e interioriza o mundo objetivo e assim aprende a se relacionar. Em outras palavras, os pais que tornam a estrutura objetiva do mundo inteligível para a criança, a partir da educação informal e do próprio comportamento, que geralmente é copiado pela criança.

Nosso objetivo no presente trabalho não é falar propriamente do papel da cópia dentro da dinâmica social, de maneira aprofundada, mas cabe apresentar como este é um tema importante já discutido por diferentes pensadores de relevância, como é o caso maior de René Girard (2008), que dedicou alguns grandes momentos de sua obra a tratar da questão do processo de *mimesis* (μίμησις). Vale lembrar também, assim como a biologia, junto ao neoevolucionista Richard Dawkins (2019), falou em processos de cópia de maneira *mimética*.

Sendo assim, com os “seus pais”, como mencionado anterioremnte, a criança aprende a linguagem, os valores, e as normas vigentes na sociedade em que vive. Porém, este processo é limitado pela cultura e pelo ambiente em que esta criança está inserida. Por isso, não surpreende que a criança acredite que o mundo “dos pais” é o único possível:

Na socialização primária não há problemas de identificação. Não há escolha dos outros significativos. A sociedade apresenta ao candidato à socialização um conjunto antecipadamente definido de outros significativos, que ele tem de aceitar como tais sem possibilidade de optar por outro arranjo... são os adultos que estabelecem as regras do jogo... A criança pode participar do jogo com entusiasmo ou mal humorada resistência. Mas, infelizmente não há outro jogo a vista... já que a criança não tem escolha ao selecionar seus outros significativos identifica-se automaticamente. Pela mesma razão a interiorização da particular realidade deles é quase inevitável. A criança não interioriza o mundo dos outros que são significativos para ele como sendo um dos mundos possíveis. Interioriza-se como sendo o mundo o único mundo existente e concebível o mundo tout court. É por esta razão que o mundo interiorizado na socialização primária torna-se muito mais firmemente entrincheirado na consciência do que os mundos interiorizados nas socializações secundárias. (Berger e Luckmann, 2014, p174).

Na socialização primária o ser humano não tem escolha, o mundo acessível para ele é o mundo dos pais. Mas, a concepção de mundo é ampliada à medida que ele vai crescendo e tornando-se mais independente. Ao expandir seu

círculo social, o ser humano percebe que o mundo é mais complexo do que aquele vivenciado na infância, quando os pais tinham o controle sob a sua vida.

Com os aprendizados obtidos na socialização primária o indivíduo interioriza a realidade objetiva e se habilita para o processo de socialização secundária, quando terá acesso a novas instituições sociais.

2.2. Socialização secundária

A noção de que há outros sentidos para a vida, além daquele aprendido na socialização primária ocorre quando o ser humano adere a uma nova instituição social e percebe que a sua concepção de mundo não é a única. A socialização secundária prepara o ser humano para conhecer e interagir em estruturas sociais que são baseadas em outras visões de mundo. E ele precisa aderir a outras instituições sociais porque além de aprender a viver em sociedade, conhecimento adquirido na família, ele precisa tornar-se autossuficiente. E este conhecimento ele absorve aderindo a outras instituições sociais e conseqüentemente passando por novos processos de socialização para aprender a interagir de acordo com os regulamentos que norteiam o funcionamento do grupo¹⁵. Durante a vida o ser humano passa por diversos processos de socialização por iniciativa própria ou impulsionado pelas transformações ocorridas na sociedade, que o obrigam a readaptá-lo às interações sociais.

As instituições sociais são como submundos, portanto, são objetivadas a partir de: regras, códigos e símbolos próprios. Esses elementos identificam a instituição social, que embora estejam conectadas com a sociedade, tem um modo peculiar de se organizar para atender as demandas existentes. São essas particularidades, produtora de uma nova visão de mundo, que o ser humano precisa dominar para ser acolhido nesta nova instituição social.

Berger e Luckmann (2014) afirmam que na vida adulta espera-se que o ser humano seja capaz de garantir sua sobrevivência, que é conquistada, geralmente,

¹⁵ Para mais detalhes, ver Berger e Luckmann, 2014: cap. 3.

por meio do trabalho. Para exercer sua profissão o indivíduo precisa se qualificar e disputar uma colocação no mercado de trabalho. Sendo assim, se profissionalizar é optar por uma das áreas do conhecimento para se qualificar. E, mais uma vez, o ser humano precisa do outro para lhe ensinar o trabalho. E isto, geralmente, acontece através de instituições que regulam a estrutura dessa profissão – gerando oportunidade de negócio, formando e contratando esses profissionais. Sendo assim, ao decidir atuar numa determinada área de trabalho o indivíduo elege um dos ramos disponíveis para se especializar e posteriormente prestar serviço para a sociedade e dali tirar sua subsistência.

A profissionalização do indivíduo em uma determinada área do conhecimento consiste em aprender as técnicas necessárias para a prestação do serviço e se legitimar para o exercício da profissão. E por isso ele passa por um processo de socialização, período em que aprende os conhecimentos técnicos para atuar na área escolhida, mas também as particularidades da profissão, tais como: vocabulário próprio, postura e os símbolos que distinguem a profissão escolhida das demais. Além disso, aprendem a utilizar recursos para transmitir segurança de que o serviço prestado tem a qualidade e conseqüentemente atenderá as expectativas do contratante. Em outros termos, o profissional precisa dominar a técnica para executar seu trabalho, mas precisa também representar o “papel social” que o relaciona à sua profissão, isto é, ter um comportamento compatível com a profissão que exerce.¹⁶

2.3. A socialização e a definição de papéis sociais

Goffman (2013) discute a possibilidade de viver em sociedade, ou melhor, o que provoca o vínculo entre os indivíduos reunidos em um determinado espaço geográfico, na mesma época. O autor utiliza o método de comparação da vida em sociedade com o teatro para esclarecer seu argumento. Ao confrontar a vida na sociedade democrática com o teatro, Goffman (2013) mostra que a realidade não é

¹⁶ Para mais detalhes, ver Goffman (2013).

consequência de atitudes naturais. E no desenvolvimento da sua tese aponta que a sociedade é fruto da ação do homem.

O autor parte do pressuposto, que a vida em sociedade é resultado da interação, face a face, entre um ator e um interlocutor, se manifestando através representação de papéis sociais, que são predefinidos e que vão se atualizando de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade. Sendo assim, viver em sociedade provoca a restrição da naturalidade humana, à medida que a relação social força a substituição de uma atitude espontânea por um comportamento socialmente aprovado. E isso é feito, a fim de atender as seguintes necessidades: beneficiar a si próprio ou outra pessoa; ter a aprovação ou admiração de seu grupo; ou simplesmente com o intuito de viver de acordo com os valores e costumes da tradição.

Desta forma, Goffman ressalta que o fundamental neste ponto é entender que a realidade não é resultado de atitudes autênticas, como os indivíduos acreditam, e sim consequência da interação social. Logo, o relevante não é saber se o que está sendo apresentado é verdadeiro ou falso e, sim, o que torna a representação legítima, que do ponto de vista do interlocutor é a confirmação que o ator está autorizando a representar o papel social e se passa credibilidade ao representá-lo.

A legitimidade para representar um papel social está associada ao perfil do ator. Sendo assim, além de apresentar um bom desempenho, o indivíduo tem que ter características específicas que o qualifique para tal papel social, o que não significa a existência de um modelo único. O perfil exigido varia de acordo com a classe social, o lugar e período histórico.

A legitimidade do ator é testada porque o ator leva o interlocutor a agir de uma determinada maneira e a ação e a recepção resultante da interação é o que configura a vida em sociedade, independente se o que acontece corresponde a verdade.

A interação é viabilizada por informação e comunicação. A contribuição da informação, no caso do ator, reside no fato de disponibilizar os dados

necessários para um bom desempenho e o direciona para escolha do papel social. Agora o interlocutor usa as informações disponíveis - documental, impressão e a observação – para averiguar a sinceridade do ator, porque sabe que ele pode mentir, e precisa se certificar que está diante de alguém autorizado a representar o papel social e identificar qual a ação mais adequada diante do que está sendo representado.

No que se refere à comunicação, para o ator, sua relevância consiste em transmitir a impressão desejada. A comunicação também é uma forma de controle, o ator se autocontrola tendo em vista passar a imagem pretendida e, o interlocutor observa o que está sendo comunicado e procura acessar aquilo que o ator não consegue dissimular para ver além do que o ator quer transmitir.

Há uma comunicação a ser feita, em determinado tempo e espaço, mas a interação vai além desse tempo e espaço, porque é preciso outras informações além das iniciais, para confirmar a primeira impressão, e, portanto, a representação tem que ser reafirmada ao longo do tempo.

A sociedade é dinâmica, ao mesmo tempo em que a interação abrange a tradição e também reserva espaço para inovações, portanto os papéis sociais vão se transformando ao longo do tempo. Vale ressaltar, também, que no mesmo período, o que é considerado legítimo por um grupo pode ser considerado fraude por outros. O quadro apresentado até aqui não é tão rígido como parece, no primeiro momento, há algumas exceções, dentro dos limites preestabelecidos. Esta flexibilidade existe com a intenção de evitar ruptura.

Em outras palavras, Goffman (2013) utiliza o teatro para explicar a vida social, e nos mostra que cada instituição tem um propósito e a sua concretização acontece através do bom desempenho dos indivíduos que participam da instituição social. Como já mencionado o desempenho desses indivíduos é avaliado tanto pela capacidade de realizar bem a atividade relacionada à instituição social, quanto pela capacidade do membro dessa instituição manusear bem os códigos de sua área de atuação, representando bem o papel social a ele destinado.

Representar bem o papel social atribuído à profissão é fundamental para passar credibilidade e o sentido de pertencimento ao grupo que diz pertencer. Segundo Goffman (2013), o papel social associado a cada profissão origina-se na socialização que é desenvolvida para atender os objetivos de cada profissão. Neste período o candidato aprende as regras que norteiam a sua área de atuação. Mas, é possível afirmar que, a consolidação do papel social acontece através do convívio com os colegas de profissão, reconhecendo quem tem um bom desempenho e rejeitando aquele que não se adequa ao papel social. Quer dizer, para tornar-se um profissional é preciso ter algo que legitime no sentido de diferenciá-lo daqueles que não pertencem a este grupo. É também uma forma de regular e determinar quem pode atuar na área.

O papel social apreendido no processo de socialização de uma determinada profissão, não está restrito ao aprendizado das técnicas para atuar na profissão, mas também, está associado à institucionalização desta profissão. Quando o indivíduo aprende a reagir a determinadas situações de acordo com o papel social associado à instituição. Logo, o que está em questão não é a verdade do que está sendo exibido, mas, se o indivíduo está autorizado a representar determinado papel social e se o executa com competência, ou seja, se ele passou pelo processo de socialização e tem licença para representar esse papel social. Assim, Goffman (2013) afirma que a realidade é criada pela interação social, baseada nas representações de papéis sociais.

Ao incorporar um papel social, o indivíduo passa a se comportar de acordo com valores que a instituição a qual está vinculado desenvolveu para projetar sua imagem. Porque, como já mencionado, o papel social não está ligado diretamente à verdade do que está sendo produzido ou como isso é feito, mas é a forma mais eficaz de comunicar o que é realizado. Portanto, o papel social favorece a comunicação porque libera os que estão envolvidos numa interação das explicações gerais, porque, à medida que os envolvidos conhecem o papel social de cada um, já sabem como conduzir a conversa, a fim de atingir os objetivos que iniciaram a interação. Assim, podem se focar nas questões específicas aumentando as chances de uma comunicação eficaz.

Isso incorre, em algumas situações, em reprimir a natureza do indivíduo para ser aceito por um grupo. Quando pensamos em profissionalização, nosso tema de interesse, percebemos que no exercício do seu trabalho, o profissional em algumas ocasiões se vê na situação de ter que escolher entre fazer o que acredita e o que aprendeu no curso de formação. Quando consegue desempenhar bem seu papel tem benefícios, mas se não consegue, as chances de continuar no grupo diminuem, o que faz com que alguns, mesmo não se sentindo confortáveis na representação do seu papel social, se esforcem para serem convincentes a fim de continuar na instituição social.

Essa questão nos remete às diferenças que existem nas profissões. Por um lado, o papel social contribui para a diferenciação das profissões, mas também nos ajuda a identificar as diferenças que existem quando comparamos os profissionais que trabalham em setores diferentes. Um profissional no exercício de sua profissão não pode agir naturalmente. Ele precisa acionar uma série de recursos que o identifique com sua área de atuação. Esses recursos consistem em uma série de códigos, aprendidos no curso de formação, que resultam no papel social.

O indivíduo no exercício de sua profissão é estimulado a aderir ao papel social porque viabiliza seu trabalho, à medida que serve como uma das formas de legitimá-lo na profissão e também porque facilita a comunicação com seus colegas e a população em geral. Quanto mais próximo o profissional está da atividade mais importante de uma empresa, mais cobrança há em relação ao bom desempenho do seu papel social.

Há profissões cujo papel social não é tão complexo, ou seja, os profissionais têm que seguir as regras que norteiam a instituição, mas não precisam se afastar tanto do que ela é. Outras exigem uma imersão maior do profissional que precisa se transformar para atender as necessidades da profissão, como acontece com os militares. E mesmo dentro desse grupo, as diferenças de comprometimento variam de acordo com a posição que ocupa na instituição, como veremos mais adiante.

No caso do EB, observamos que embora a identidade militar seja muito marcante, dentro da instituição tem especializações que são mais representativas

do papel social dos militares que outras. E por isso, os militares passaram por diferentes processos de socialização. E este não tem um único padrão, varia de acordo com a especialização do candidato a militar. Em outras palavras, para realizar a atividade principal o EB precisa de oficiais com perfis diferenciados e os combatentes são mais exigidos de cumprir o papel social que os não combatentes, porque cada um tem uma prioridade no exercício de sua função, e por isso, as exigências variam e impactam na incorporação do papel social.

Castro (2004) afirma que mesmo entre os combatentes há diferença entre as Armas, todos compartilham os mesmos valores, cultuam as tradições, mas têm uma maneira peculiar de manifestar isso que o identifica à sua Arma:

O sistema das Armas fornece os tipos ideais dos integrantes de cada Arma – o infante, o cavalariano, o artilheiro, o engenheiro, o intendente, o comunicante, o matbeliano -, em referência aos quais cada indivíduo deve fazer sua opção e, depois, regular sua conduta em várias situações. No entanto, é importante frisar que os espíritos das Armas não existem isoladamente; o mundo dos espíritos das Armas é um mundo de relações, tendo sempre em vista o conjunto, a totalidade – tanto no combate quanto no cotidiano. (Castro, 2004, p 60).

Castro (2004) afirma também que essas diferenças são estimuladas a partir de vários elementos como: patrono, hino, o lugar que ocupa na formatura, e de se comportar, o jeito de marchar, reforçam determinadas características entre outras coisas. Conhecimentos que são transmitidos pelos instrutores e colegas mais antigos e reforçado ao longo da carreira. E aponta também que a utilização desses recursos no cotidiano é uma forma de estimular comportamentos que serão essenciais em caso de guerra. Ou seja, cada especialização tem seu propósito, sendo assim, é estimulado que o profissional viva em seu dia a dia o elemento que será mais exigido dele numa situação de guerra.

Sendo assim, o processo de socialização marca o indivíduo a ponto de, em muitos casos, mudar sua percepção de mundo e o estilo de vida. Mesmo que a socialização não cause uma transformação tão profunda, a pessoa não sai imune de um processo de socialização, ela precisa mudar para se adequar ao grupo, uns são mais exigentes que outros, mas há regras a serem observadas para que o associado continue no grupo.

Isto implica em assumir responsabilidade perante o grupo que se está inserido, pois ele o representa e se não desempenhar bem seu papel pode prejudicar a imagem de grupo e, dependendo da falta, ser retido do grupo. A esse respeito Berger e Luckmann (2014) apontam as diferenças que processo de socialização pode produzir:

Pode-se ver facilmente que a construção de tipologias dos papéis é um correlato necessário da institucionalização da conduta. As instituições incorporam-se à experiência dos indivíduos por meio dos papéis. Estes linguisticamente objetivados, são um ingrediente essencial do mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. A interiorizar estes papéis, o mundo torna-se subjetivamente real para ele (Berger e Luckmann, 2014, p.100).

Mesmo que o indivíduo não incorpore o papel social, no sentido de não ser para ele uma conduta natural, é necessário representá-lo bem para ter legitimidade para continuar na instituição, no caso abordado, continuar atuando na atividade profissional escolhida.

Para Goffman (2013), ter o domínio de uma técnica é importante, mas a interação pede mais que isso, é preciso que o ator passe a impressão de que domina a técnica e isso se dá a partir da representação do papel social – que é produzido para passar a imagem que o grupo quer transmitir e que as pessoas têm a expectativa de ver ao interagir com o representante deste grupo. A legitimidade divulgada por uma boa representação do papel social é também atribuída ao comportamento do ator. Isto leva o indivíduo a representar, no sentido de adotar postura e comportamento que não é natural, e o faz porque tem interesses de atingir um fim.

O seu objetivo pessoal que o fez ingressar em determinado grupo estimula o indivíduo a se comprometer com sua atuação. Ressalta ainda que a permanência do indivíduo em determinada instituição depende do seu desempenho. Segundo Goffman (2013), mesmo não se tratando de algo espontâneo, o envolvimento com o grupo e a representação deste papel social afeta o indivíduo. Alguns são mais afetados que outros, por se tratar de uma exposição a uma nova maneira de pensar ou ordenar a sociedade.

2.4. O poder na construção da identidade

Foucault (1988) afirma que a vida na sociedade democrática é pautada por regras impessoais e estabelecidas para substituir o tipo de poder exercido na sociedade tradicional – quando o poder estava centralizado no rei e, portanto, a vida em sociedade era produzida a partir da vontade do soberano.

Dessa forma o poder de normatizar a sociedade passa do rei para instituições sociais constituídas pela população e seus representantes com a função de organizar a vida em sociedade. E a partir daí a sociedade passa a operar com um poder abstrato e difuso. Assim, demonstra que nessa nova configuração, o poder e a dominação estão dentro do corpo de cada pessoa. E essa transferência do poder para dentro de cada um exige uma padronização e transforma o Homem em indivíduo. E o poder que a princípio é externo vai ficando cada vez mais internalizado. Deste modo, Foucault (1988) nos apresenta outra perspectiva para analisar a vida em sociedade, demonstrando como as instituições moldam o corpo.

A partir dessa mudança, quem dita as regras de conduta não é mais o rei, mas as leis impessoais elaboradas pelo povo, através de seus representantes, sendo as instituições responsáveis por aplicá-las.

Partindo do pressuposto que o poder está em todas as pessoas e em todo espaço, Foucault (1988) conclui que o poder está no corpo de cada membro dessa sociedade. Em uma relação de disputa entre poderes e saberes, sendo a história uma arte da cinza genealogia para se entender os caminhos percorridos, em que muitas vezes entender os perdedores é tão importante quanto se entender os vencedores das batalhas.

Como entender a história da sexualidade, e dos ditos anormais, sem se ter em mente, por exemplo, toda a cruzada contra a masturbação de certo momento histórico europeu? Como falar de tal controle do corpo sem o cinto de Jalade-Laffont? E mesmo das ideias médicas de se aplicar uma solução salina no canal urinário dos jovens onanistas para ao causar ferimento, ficar impossível a masturbação indolor? A criança controlada pela família passa a um controle médico mais rígido se a família por sua vez falhasse. Do mesmo modo de conceitos genéricos de controles psiquiátricos, com o tempo tudo foi sendo

categorizado em um controle e categorização minuciosa. Desde de Krafft Ebing com *Psychopathia Sexualis*, 1886, até o DSM-V¹⁷ apenas avançamos na minúcia do controle.

Tal como Goffman (2013), Foucault (1988) defende que a sociedade é resultado das relações humanas, mas diferente dele que observa a interação social para entender a sociedade, Foucault desenvolve seu argumento a partir da descrição e da análise do processo de disciplinar,¹⁸ e na sequência o biopoder,¹⁹ que foi a causa da mudança do comportamento das pessoas que vivem na sociedade contemporânea. Desse modo, Foucault (1988) apresenta as ações que estruturam a sociedade moderna.

Dentro dessa perspectiva, o corpo torna-se a peça chave de seu argumento. É notória a importância do corpo, não só na sociedade democrática, mas em todas. Tanto que é utilizado para marcar diferenças, sujeito a castigo e aprisionamento como estratégia de convencimento - e continua sendo empregado com esse fim.

O que tem de especificidade neste contexto é o fato de que, nesse caso, o corpo é concebido como o espaço onde se agrega o poder e o saber. Isto porque o corpo é objeto de estudo, e o saber produzido a partir dessa matéria é aplicado no próprio corpo para produzir a individualização e assim torná-lo apto para a vida na sociedade democrática. Portanto, enquanto mais se conhece o corpo humano, com base em pesquisa feita nesse mesmo corpo, ampliam-se as possibilidades de aprimorar as técnicas utilizadas para melhorar o desempenho do mesmo - domesticando-o e o tornado mais útil.

Neste tipo de sociedade a ação sobre o corpo, além de agir na consciência, afeta também a parte biológica e corporal. As técnicas derivadas desses estudos adestram e aprimoram o corpo, tornando alguns aprendizados automáticos, no sentido de que muitas respostas não são espontâneas ou fruto das escolhas racionais do indivíduo, mas apenas reflexo de aprendizados que foram

¹⁷ Livro referência da psiquiatria americana, no que tange a classificação de doenças mentais.

¹⁸ Cf. Marcelo Hoffman (2018).

¹⁹ Cf. Chloë Taylor (2018).

transmitidos por instituições sociais responsáveis ou que contribuem com o processo socializador.

A disciplina, adotada pelos agentes do processo socializador, condiciona comportamentos; cuidam para que esses sejam reproduzidos; através de exercícios, adoção de rotinas e estímulos à adesão as regras. E como consequência tem corpos exercitados para o trabalho.

Essa disciplina, que mudou a rotina das pessoas e conseqüentemente forjou o indivíduo moderno, foi inspirada em instituições fechadas como: quartel e o convento. Até então esse procedimento era restrito aos membros desse tipo de instituição e aos poucos foi sendo incorporado à vida cotidiana de toda população. E isso foi feito, primeiramente, organizando e distribuindo os indivíduos no espaço para melhor identificá-lo e controlá-lo. Esse novo uso do espaço mudou radicalmente a relação do Homem com o espaço, a partir desse momento o espaço passa a ser caracterizado também por sua utilidade.

Quando as pessoas estão ordenadas de acordo com seu perfil torna-se mais fácil identificar e acionar os indivíduos mais qualificados para determinada ação. Este tipo de seleção aumenta a possibilidade de um resultado positivo na execução de qualquer tarefa. É um princípio de ordenação que em alguma medida já poderia ser observado até em Platão.

Foucault (1988) afirma que, na disciplina os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade é a posição na fila. As disciplinas organizando as celas, os lugares e as fileiras criam espaços ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. A primeira das grandes manobras da disciplina é, então, a constituição de painéis vivos, que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas.

Adicionar a organização do espaço ao controle do tempo foi fundamental. O advento do horário associado ao controle da atividade favorece, segundo Foucault (1988), ao estabelecimento da censura, obriga a ocupação de uma área de determinada forma, regulamenta os ciclos de repetição e, ainda, garante a

qualidade do tempo empregado. O tempo que é medido e pago deve ser igualmente um tempo de boa qualidade. Isso significa que durante o trabalho o corpo deve está aplicado exclusivamente à execução da tarefa combinada.

A exatidão e a aplicação são virtudes fundamentais desse tempo - que Foucault (1988) denomina de tempo disciplinar - tempo que é capitalizado e acumulado dentro do corpo do indivíduo, que devolve para a sociedade ações mais eficientes. Enfim, para que o corpo possa ser bem utilizado e controlado é recomendado colocar as atividades em série possibilitando a visualização de todos e a escalação do perfil adequado para a realização das diferentes atividades demandas pela sociedade. E, ainda, facilitar a intervenção pontual, o aperfeiçoamento das tarefas e, por fim, a formação e a atualização das habilidades dos indivíduos - quando for necessário, além de dificultar o desperdício de tempo. A recuperação do tempo que escapava é válida à medida que faz o tempo render e, conseqüentemente, aumenta o lucro.

Por último, Foucault (1988) trata da composição das forças. Ele chama a atenção que com o passar do tempo é preciso mais do que organizar a população no espaço e tempo. É preciso compor forças para obter um aparelho eficiente, diminuindo ainda mais o espaço para a espontaneidade, iniciativa e autonomia. Ao abordar os recursos para o bom adestramento, Foucault (1988) reafirma a necessidade da individualização, e para isso acontecer deve haver um comprometimento com a análise da população com o intuito de: separar, analisar; diferenciar; leva seus processos de decomposição até as singularidades necessárias e suficientes para atingir os objetivos. Por isso, uma grande ferramenta disciplinar foi o surgimento do censo moderno, onde se media a saúde do corpo social e como, em última análise, aprimorá-lo.

Para aprimorar esse processo é primordial acrescentar a vigilância hierárquica, ou seja, a presença de um chefe imediato simbolizando os elementos de coerção, que são usados com a finalidade de estimular os indivíduos a aderir às regras e, mais, desempenhar sua função da melhor forma possível. Os estímulos adotados para conseguir isso são: punição, quando a norma é descumprida; e a premiação para aqueles que se destacam positivamente no desempenho de suas atividades.

A punição e o prêmio visam reduzir os casos desviantes. Esses parâmetros servem também como indicadores para hierarquizar as qualidades, competências e aptidões. Foucault (1988) declara que outro recurso aplicado é o exame; que combina as técnicas da hierarquia, porque fiscaliza, e de sanção, porque comprova o que foi observado e normaliza. A partir do exame é possível quantificar, classificar e punir, estabelecendo sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. O emprego do exame evidencia as relações de poder e de saber existentes nas relações humanas.

Em suma, o processo disciplinador individualiza e reorganiza a sociedade, muda a relação entre as pessoas, entre as pessoas e o espaço, e assim cria uma nova realidade. Com o desenvolvimento de novos saberes, o espaço foi reorganizado, novas instituições foram inauguradas para a prestação de serviço e para manter os usuários sob controle.

As disciplinas são devolvidas à sociedade e incorporadas pelas pessoas de forma tão natural, que parecem inerentes ao indivíduo, que muitas vezes não se dá conta que se trata de uma construção social, diferente do que ocorre nos quartéis, porque esse processo é tão explícito entre os militares que todos identificam como um artifício para criar a identidade do militar.

Goffman e Foucault ao analisarem a sociedade apontam que a realidade é consequência da ação humana. A vida em sociedade não é desenvolvida de uma maneira natural ou espontânea, mas resultado de convenções. Enquanto Goffman (2013) mostra que as regras são incorporadas e manifestadas na interação, quando acontece a representação do papel social, que é baseada na informação e comunicação; Foucault (1988) demonstra que desde a adoção do processo disciplinar, as normas são absorvidas e concentradas no corpo de cada pessoa. Esse corpo associado a uma nova concepção de corpo e espaço é fundamental para construção do indivíduo e a organização da sociedade moderna.

Os métodos de socialização descritos por esses autores são identificados no processo de construção da identidade do militar. O que foi descrito por Foucault é mais evidente no início da carreira, quando os aprovados na primeira fase do concurso, onde são testados seus conhecimentos gerais, são convocados

para o curso de formação. Para fazer esse curso os que vão seguir a carreira militar – Oficiais da AMAN e do QCO - têm que ficar um período internado num quartel, com os demais aspirantes a militar.

Durante esse período, eles não têm contato com o mundo civil, participam dos treinamentos necessários para formação. Esses ensinamentos são transmitidos de uma maneira peculiar, isto porque eles são pressionados e submetidos a uma rígida rotina de exercícios físicos e estudos. Aprendem no dia a dia a comandar e a obedecer, e assim, são integrados ao mundo militar onde a disciplina e a hierarquia são as bases que fundamentam esse grupo. Através da disciplina são incorporados os valores militares e aqueles que não se adequam a esse modelo desistem da profissão ou são dispensados. Os não vocacionados que seguem carreira são estigmatizados, e frequentemente punidos. Os castigos aplicados servem de exemplos para os outros e também é uma forma de pressionar o militar a assumir seu papel social.

Vale ressaltar que esse é um ponto que também diferencia os tipos de Oficiais analisados nesta tese, isso porque embora os oficiais de carreira sejam submetidos a um treinamento rigoroso, os Oficiais da AMAN passam por um período de treinamento maior, já que formados no EB, enquanto os oficiais QCO fazem a graduação numa universidade civil, o que os possibilitam ficar menos tempo expostos a uma rotina tão dura. Já os oficiais Temporários recebem um treinamento sério e com vários desafios, mas não é tão rigoroso como o preparado para os oficiais de carreira, e a duração do treinamento é bem mais curto do que o aplicado aos oficiais QCO.

Esse papel social do “militar”, que deve ser incorporado durante o treinamento de iniciação à vida militar, vai sendo reforçado no dia a dia, quando os militares desempenham suas funções e interagem com seus colegas de profissão. Cada um tem consciência do lugar que ocupa, do lugar que o outro ocupa e até que posto pode alcançar na hierarquia. No exercício de sua profissão ele sempre se encontra numa posição de dar ou receber ordens. E esses elementos, como afirmou Foucault (1988), dá ao militar a consciência de sua individualidade e conseqüentemente a percepção que faz parte de um grupo que para funcionar cada um deve se ocupar de desenvolver bem o que lhe cabe fazer, sem questionar

ou mesmo tomar iniciativas; tudo deve seguir de acordo com as instruções do comandante da operação.

A participação dos oficiais de carreira em manobras e treinamentos – para o aperfeiçoamento ou para subir de posto – tem a função de prepará-los para o bom desempenho de suas funções, mas também relembram o espírito de corpo, consolida alguns valores e atualizam outros. E, mais uma vez, ressalta o que os autores citados neste capítulo nos ajudam a entender as diferenças entre esses grupos à medida que nos mostra que a verdade ou a realidade é uma construção social, e no caso do EB quem a determina é o comandante, já que numa operação não vale o que o soldado pensa, mas o que o comandante determina, pois a partir disso, serão arquitetadas ações que cabem aos “mais modernos” - como são chamados os militares quando estão na posição de obedecer – executar a estratégia elaborada por seus superiores de acordo com o que aprendeu nos treinamentos que recebem ao longo da carreira.

Como Foucault (1988) mencionou o recurso da disciplina e da hierarquia já eram adotados nos quartéis, o que a modernidade traz de novo é seu aperfeiçoamento contínuo e a adoção desses instrumentos na socialização da população. Na sociedade em muitas ocasiões isso é tão naturalizado que nem nos damos conta dessas particularidades. Mas, nos quartéis essas técnicas são aplicadas de forma mais explícita; uma vez que a disciplina e hierarquia são valores caros a esses profissionais, como veremos mais adiante.

2.5. O campo como jogo social

Outro autor de grande envergadura intelectual que merece ser selecionado para se tratar dos processos sociais em descrição é Pierre Bourdieu. Pensador, que transitou de forma bastante multidisciplinar por filosofia, antropologia e sociologia. Fez descrições bastante apuradas de diferentes espaços sociais e das disputas de seus atores.

Como em Foucault, o poder em Bourdieu parece possuir uma dimensão produtiva que mais do que meramente coagir, produz e faz desenvolver os entes

sociais. Onde o não determinismo de Bourdieu reside em dimensão próxima a de Foucault, não há uma grande estrutura de poder, história, ou o que seja a manipular de maneira inevitável a ação humana. Pelo contrário, há uma correlação entre os agentes e as estruturas, onde os embates entre os poderes-saberes-subjetividades²⁰ (para ainda se pensar em uma linguagem foucaultiana) são necessários para a compreensão do social.

Para Bourdieu era necessário investigar o espaço social onde ocorrem as interações, transações e eventos relevantes. E uma análise do espaço social envolve não só localizar o nacional e o internacional, o relacional e as especificidades históricas, porém também indagar os modos que geraram o conhecimento anterior do objeto sob investigação, no sentido que de ver quem faz o que, e com quais interesses foram gestados para essas práticas geradoras de conhecimento (Thomson, 2018, p. 95). Neste sentido temos de recordar os estudos de Bourdieu sobre educação, e mesmo educação superior, ao revelar modos de distinção e reprodução das elites políticas.

Os espaços sociais de Bourdieu são chamados comumente de *campo*. Sendo a instituição militar um local de reprodução, produção, conflito e assim sendo um campo de rica análise sociológica.

Bourdieu usou pela primeira vez o conceito de campo em seu texto *Champ intellectuel et projet créateur* e este se tornou um dos conceitos mais significativos em sua obra (Thomson, 2018, p. 95-6). Sendo uma forma de discutir a vida social enquanto um jogo. Sendo o campo social o espaço ocupado por agentes, pessoas ou instituições, e o que acontece em tal espaço é consequentemente limitado. O que pode ser feito é limitado pelas condições do campo (Thomson, 2018, p. 97).

O campo social sozinho não possui grande poder explicativo, mas soma a ele a ideia de um trio interdependente formado por campo, capital²¹ e *habitus*²² de

²⁰ Cf. Edward McGushin (2018).

²¹ Cf. Rob Moore (2018).

²² Cf. Karl Maton (2018).

maneira não causal, dominante e primária e chegamos a uma análise importante (Thomson, 2018, p. 97).

O jogo social descrito é competitivo, com vários agentes usando estratégias diferentes para manter e melhorar a sua posição, acumulando, segundo Bourdieu, diferentes capitais, tais como: econômico, social, cultural e simbólico, em que os atores sociais que iniciam o jogo com maior acúmulo de capitais já estão em vantagem sobre os demais. E, ainda, os campos são moldados de diferentes modos, diferindo por causa dos jogos existentes. Assim cada campo possui seus próprios craques, histórias, regras e formas de erudição (Thomson, 2018, p. 98).

Os paralelos com Foucault são interessantes, no sentido de pensarmos a questão da porosidade do real e como eles afetam os corpos dentro de seu constructo teórico das heterotopias. Foucault (2013) também marca a alteridade dos espaços, em que ele também queria analisar nas heterotopias não o ideal, o que deveria ser, mas o real em suas porosidades, diferenças de poderes, saberes etc.

Não é sem razão que se Foucault (2002) não fala de jogo, pelo menos ele fala de uma batalha – seguindo obviamente Nietzsche – em que o novo nasce do choque de duas espadas em luta que geram a inesperada fagulha da novidade. Os estudos genealógicos, cinza genealogia, envolvem exatamente ver como a história dos eventos não foi teleológica, mas surgida desses conflitos, nada de *Wunder-Ursprung*. Nada de uma miraculosa e incrível origem metafísica, mas o real em suas disputas muitas vezes perdidas na poeira do tempo (Foucault, 2008). Assim é que soma o não determinismo dos jogos de Bourdieu com o não determinismo das lutas foucaultianas, em que o EB surge como um dos campos de jogos ou batalhas existentes, em que surgem poderes, saberes e formas de moldar tais subjetividades.

O corpo produzido panopticamente pode ou não estar sendo observado o tempo todo. Observado, corrigido, aprimorado para melhor desempenhar a função militar. Ou para o que a instituição acredita ser, pelo menos, o melhor desempenho de tais corpos. Se em outras épocas o poder surgia como o

mecanismo de coação do corpo real, isso muda quando se entra em um molde de *quarentena* onde tudo deve ser vigiado, descrito, contabilizado.

E cada campo possui suas lógicas práticas distintas. Suas verdades, e por tal lógica que entendendo as diferentes *doxas* dos campos, o linguajar comum dentro do campo, um espaço para a ação não refletida mesmo (Thomson, 2018, p. 99). Algo bastante visível no campo militar, em que há a necessidade de se obedecer a uma hierarquia de modo bastante automático, com linguagem própria.

As pessoas ocupam mais de um campo social ao mesmo tempo, mesmo que existam homologias dentro dos campos, os campos enfim possuem suas interdependências (Thomson, 2018, p. 99-100).

Assim vemos certas diferenças na instituição militar de hoje em relação a outros momentos históricos, elementos que tornam as interdependências mais claras. Se no passado os militares ficavam durante o treinamento confinados durante praticamente a semana toda dentro do quartel, hoje com um expediente reduzido vemos maior contato com outros campos sociais e isso possui impacto na visão de mundo dos próprios atores sociais.

Do mesmo modo se no passado o militar tão jovem ainda não possuía família durante seu treinamento, o que fazer agora quando um jovem pede licença do serviço para ir cuidar do filho doente ou alguma outra coisa similar?

Bourdieu também falou que o campo possui seus subcampos, os quais mesmo seguindo as lógicas gerais dos campos também possuíam suas especificidades (Thomson, 2018, p. 102). E assim vemos como mesmo que todos sejam militares podem e surgem diferenças, mesmo que não profundas, entre os atores analisados na presente tese.

Também afirma que como existem mudanças dentro dos campos de acordo com a ação dos atores também se torna válido esperar e estudar a diferença interna dentro dos campos, em que terminam por surgir setores mais conservadores ou progressistas dentro dos campos.

3. Diferença entre civis e militares: a construção da identidade militar

3.1. O corpo do militar

Os civis e militares reconhecem suas diferenças principalmente a partir de dois pontos: *o comportamento e a postura corporal*. Essas diferenças são produzidas desde o processo de socialização ao meio militar, já que os cursos e treinamentos são organizados para forjar a identidade militar, e isso é construído a partir da distinção entre o militar e o civil. Castro (2004) observou que: “Todos os atributos físicos e comportamentais marcam uma fronteira entre militares e paisanos que é vigiada com o máximo rigor na AMAN, sendo a causa mais frequente de punições disciplinares.” (Castro, 2004, p.45). Esse rigor é manifestado na atenção que eles dão aos mínimos detalhes, ou seja, tudo tem que estar de acordo com o que foi determinado. E para garantir isso, eles investem na vigilância e punição para os que violam as regras estabelecidas. Esse empenho pode estar relacionado a duas demandas essenciais para o EB: consolidação da identidade militar e a identificação de cada profissional na estrutura do EB.

Os civis e os militares ressaltam e reforçam suas diferenças criticando as características um do outro, como por exemplo: quando uma pessoa é rotulada como “Caxias”, menção ao Duque de Caxias, patrono do EB – é um indicativo de que esta pessoa é excessivamente metódica e rigorosa com o resultado de um trabalho, mesmo que isso custe mais esforços dos realizadores da atividade.

Esse tipo de comportamento é criticado por ser considerado pelos civis como uma intransigência. De uma forma geral, os militares valorizam esta característica porque revela o empenho em cumprir uma missão e, portanto não é um defeito, mas uma qualidade.

Já entre os militares é comum chamar um colega de paisano²³ - forma pejorativa de se referir a um civil - quando este faz algo que demonstre fraqueza, ou indisciplina, traços atribuídos ao civil e que é rejeitado no meio militar, já que

²³ A origem de “paisano” está no francês *paysan* (camponês, rústico). O equivalente a “paisano”, em termos conotativos, seria “milico” depreciativo de “militar”. pág. 42 (Castro,2004)

os militares são submetidos a treinamentos físicos e psicológicos para torná-los mais fortes e disciplinados, sendo assim esperam que os colegas correspondam ao treinamento recebido na instituição e tenham uma atitude mais firme diante dos desafios (Castro, 2004).

A criatividade, descontração e um jeito mais relaxado são mais associados aos civis. Já o militar é percebido com mais pragmático, tenso e sisudo. Essa seriedade também é demonstrada na postura corporal do militar que geralmente é mais rígida que a do civil. Estes exemplos reforçam a ideia de que ser “militar” é mais que uma profissão, é também um “modo de ser”. Um corpo, o qual foi moldado dentro da lógica foucaultiana, como iremos ver ainda em maiores detalhes.

3.1.1. A postura corporal do militar

Em relação ao corpo, percebemos que o militar é marcado pelo uso do uniforme e postura corporal²⁴ rígida. Embora saibamos que essas exigências não são exclusividades de tal grupo, uma vez que várias profissões também demandam dos seus profissionais boa postura, uso do uniforme ou determinam o traje adequado para o trabalho. Porém, a diferença que separam estes dois grupos consiste no tempo investido pelos militares nesses aspectos. É fato que o trabalho desenvolvido pelos militares requer um bom condicionamento físico, mas estes elementos também são recursos utilizados na produção da identidade militar e a individualização necessária para que cada um ocupe um lugar específico na estrutura do EB.

A prática de atividade física é parte do trabalho militar, eles são profissionais muito exigidos fisicamente, pois são submetidos a treinamentos que os preparam para o combate, e participam frequentemente de cerimônias em que são obrigados a ficar de pé por horas, executar movimentos cadenciados e precisos, o que requer condicionamento físico. É exigida também uma postura corporal padrão, que Foucault (1988) descreve da seguinte forma:

²⁴ A esse respeito ver: Castro (2004).

Eis como ainda no início do século XVII se descrevia a figura ideal do soldado. O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho; seu corpo é o brasão de sua força e de sua armas – essencialmente lutando – as manobras como a marcha, as atitudes como o porte da cabeça se originam, em boa parte, de uma retórica corporal da honra (Foucault, 1988, p 125).

Os próprios militares afirmam que são identificados como militares mesmo sem farda, ou outro sinal que o associe a sua profissão, por civis e outros profissionais do EB e relacionam esse fato a sua postura corporal (Castro, 2004). Para Foucault (1988) a postura corporal diferenciada é construída a partir dos treinamentos.

Segunda metade do século XVIII: o soldado se tornou algo que se fábrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos (Foucault, 1988, 125).

Quer dizer, a educação física e os processos disciplinares são meios utilizados pelo Exército para forjar a identidade militar e, essas ações marcam o corpo do militar de tal forma que relevam seu papel social. Por isso o corpo do militar é constantemente observado para que responda às demandas operacionais do trabalho e também para que corresponda ao papel social almejado, ou seja, que comunique os princípios da instituição.

Quando visitamos a AMAN – e aqui apresento uma análise de viés um pouco mais etnográfico – tivemos a oportunidade de assistir ao treinamento para cerimônia de formatura dos cadetes²⁵ e constatamos o quanto os militares estão atentos aos mínimos detalhes. Estávamos em um andar acima da área onde acontecia o treinamento, o cenário se apresentava com todos os elementos tão alinhados que no primeiro momento só se via a forma que a soma dos cadetes produzia. E à medida que os instrutores se aproximavam dos entes sociais para corrigir postura, posição dos objetos que os cadetes tinham nas mãos, a direção do penacho que fazia parte do chapéu etc., fomos prestando atenção aos indivíduos que compunham aquela configuração, pois os movimentos sincronizados e harmônicos tornaram os entes “invisíveis”. Esse efeito é resultado da capacidade

²⁵ Como se nomeia os alunos da AMAN.

dos instrutores de notarem e corrigirem os erros por menores que sejam, e também da disposição dos cadetes de repetirem os mesmos movimentos inúmeras vezes.

Esse tipo de cerimônia nos demonstra o poder que o EB tem sobre o corpo dos militares e também exemplificam os valores que estão na base dessa instituição: disciplina e hierarquia, como já comentado. Princípios que possibilitam a sintonia dos militares e que permitem que eles funcionem como uma “engrenagem”, como mostra essa cerimônia. Pois estão interligados, cada um sabe o que precisa fazer para que o conjunto apresente o resultado planejado. Em outras palavras, um precisa do bom desempenho do outro para que a missão do EB seja cumprida tanto nas operações como na imagem que desejam projetar.

3.1.2. Uniforme

O uniforme militar contribui para a coesão, controle e posiciona o militar na estrutura do EB, isso porque ao mesmo tempo iguala e classifica o militar. Por essa razão o EB dá importância aos mínimos detalhes – da confecção e da apresentação – do uniforme.

O rigor em relação ao uso do uniforme é tão grande que existe um regulamento ²⁶ que detalha todas as características e a ocasião de uso dos uniformes. E, também, consta a descrição dos tipos de fardas e acessórios e, assim como a combinação desses elementos. Ao analisar este manual percebemos o apreço que os militares têm aos detalhes, uma vez que há indicação do tipo de tecido e aviamentos que devem ser utilizados na confecção destas peças.

Ao nivelar os militares a partir do uniforme, o EB demonstra a coesão da tropa, ao mesmo tempo em que viabiliza a identificação de cada militar e torna as pequenas diferenças mais visíveis. Quando assisti ao ensaio da cerimônia de formatura dos cadetes da AMAN, percebi que a postura corporal e o uniforme direcionaram minha atenção para a totalidade, mas ao analisar a ação dos

²⁶ Mais informação em: Canal do Exército Brasileiro: Conheça Seu Exército - UNIFORMES DO EXÉRCITO. <https://www.youtube.com/watch?v=5HMVNSsjuIE>

instrutores corrigindo as falhas dos cadetes entendi que a padronização do corpo do militar facilita a identificação e a correção dos erros cometidos pelo militar, que normalmente passa despercebido por aqueles que não estão familiarizados com o meio militar.

Mas, há na farda elementos que diferenciam os militares, uma vez indicando a posição que o militar está na hierarquia do Exército, os cursos e homenagens expostos na farda distinguem aqueles que ocupam o mesmo posto e o tipo de uniforme utilizado indica a atividade que o militar está participando. São elementos a transmitirem informações através da imagem do militar.

Ou seja, os símbolos presentes no uniforme do militar servem para localizá-lo na estrutura do EB. Na plaqueta conta o nome, através das insígnias é possível saber o posto e a graduação do militar e nos distintivos estão expostos a especialidade e os cursos realizados pelo ente, entre outras particularidades²⁷.

Dessa forma, exemplificamos como os civis e militares valorizam a boa postura e o uso de roupas adequadas para o trabalho, mas o que os diferencia é como se apropriam desses elementos e o que esse tipo de apropriação revela sobre eles.

Os militares tendem a expor mais o trabalho realizado no corpo para transformá-lo no que Foucault (1988) denomina de “corpos docéis”, ou seja, um corpo que é modificado, através da disciplina, para atender as necessidades da sociedade, nesse caso específico do EB. Em outros termos, através da disciplina o corpo do militar é condicionado para as operações militares, mas também serve para comunicar sua posição na estrutura existente. Além disso, mostra, por exemplo, quando desfilam no dia 7 de setembro, data em que se comemora a Independência do Brasil²⁸, que os aprendizados adquiridos no EB estão sob o controle do mesmo.

²⁷ Mais informação em: Canal do Exército Brasileiro: Conheça Seu Exército: Uniformes, Insígnias e Distintivos do Exército. <https://www.youtube.com/watch?v=869-428xjTU>

²⁸ Para mais informações sobre a respeito a acesse a página do EB: <https://www.defesa.gov.br/noticias/46978-hist%C3%B3ria-e-tradi%C3%A7%C3%A3o-marcam-o-desfile-7-de-setembro>

Como aponta Berger e Luckmann (2014, p. 77) existem várias maneiras de realizar algo, mas ao elegermos um modo de fazer e tornamos isso um hábito, nos livramos da pressão psicológica de tomar decisões a cada vez que precisamos realizar o mesmo fato. Assim, quando cada grupo decide realizar algo de uma maneira particular ele se diferencia dos outros grupos, tornando o “seu modo de fazer” uma particularidade do seu grupo.

3.2. Formação e processo de socialização dos militares

Este critério é utilizado para confrontar as Forças Armadas, e dentro do EB para contrapor as Armas. Nessa tese, este método será utilizado para comparar os três tipos de oficiais analisados a fim de expor as diferenças destes grupos e justificar porque partimos do pressuposto que eles têm uma “visão de mundo diferente”. E agora, vamos mostrar como se situam estes oficiais nesta escala (mais militar até mais civil) a partir dos seguintes parâmetros: análise do processo de socialização, formação e a especialização.

Ao ingressar no EB todos os candidatos a oficial passam por uma densa socialização que visa familiarizar o candidato a oficial ao ambiente militar, fase na qual o candidato a oficial tem a oportunidade de vivenciar o mundo militar, de forma mais ou mesmo intensa de acordo com o vínculo estabelecido com o EB. Neste período, os novatos aprendem as regras que norteiam a instituição e a forma de interagir. Aprendizado que é disponibilizado através das aulas, treinamentos militares e a inserção a uma nova rotina.

Apesar de todos estarem submetidos às mesmas regras, a forma de se apropriar dos valores e tradições do EB varia de acordo com a especialização e com o tipo de vínculo estabelecido com a instituição. Esses traços definem a natureza da relação que se estabelecerá entre o EB e os oficiais - Combatente, QCO e Temporário. Os vínculos que ligam esses oficiais ao EB são denominados de: carreira e temporário. Já as especializações os dividem em dois grupos: combatente e não combatente.

Portanto, como apresentado, todos estes oficiais passam por um período de socialização para adaptar-se aos valores militares e isso requer um afastamento do mundo civil. Para exemplificar o processo e a razão deste distanciamento do mundo civil, será demonstrado o processo de socialização dos oficiais combatentes, já que estes são mais isolados do mundo civil do que os demais oficiais.

3.2.1. Oficiais Combatentes

O oficial combatente é formado em Ciências Militares pela AMAN. Essa instituição educacional do EB recebe jovens entre 17 e 22 anos²⁹ que tenham concluído ou esteja cursando o 3º ano do ensino médio. São selecionados através de concurso público. Eles têm o período de socialização mais longo (5 anos), uma vez que coincide com o período de formação universitária. O curso funciona em regime de internato e prepara os cadetes – como são chamados os alunos da AMAN - para comandar e serem os guardiões das tradições do EB. Logo, mais que se familiarizar com a instituição e obter uma formação militar, eles se especializam em combate e por isso precisam incorporar a identidade militar.

Castro (2004) mostra que embora sua pesquisa que deu origem ao livro “O Espírito Militar – Um antropólogo na Caserna”, tenha sido realizada no final da década de 1980, e de lá para cá houve mudanças no EB, e conseqüentemente do curso de formação, no entanto a ênfase na discriminação entre militares e civis continua presente no processo de formação do oficial do EB.

A AMAN a fim de forjar a identidade do cadete o afasta do mundo civil, e assim criar as condições necessárias para que o cadete possa se entregar ao treinamento. Na AMAN o cadete não precisa se preocupar com nada, tudo que precisa é oferecido pela instituição, que em troca exige que ele se dedique exclusivamente ao curso.

Durante a formação, o jovem, é obrigado a morar na AMAN, fato que por si só já o afastaria do mundo civil, e que é reforçado pela mudança drástica da sua

²⁹ Fonte: <http://www.espcex.eb.mil.br/index.php/como-ingressar> Acessado em 08/07/19.

rotina. Seu dia é milimetricamente definido por seus superiores, que reservam muitas horas para estudo e exercícios físicos. Assim, a AMAN controla a vida do cadete, a ponto de definir o que ele vai vestir, como deve ser sua postura corporal, a hora que vai se alimentar e dormir.

Neste ambiente “estranho”, os cadetes são obrigados a interagir de uma maneira singular – baseado na disciplina e hierarquia – enquanto percebe que sua individualidade foi suprimida, uma vez que ao entrar na AMAN o cadete perde sua privacidade e o poder de decidir até as questões cotidianas.

O que prevalece no EB é a decisão do Comandante, que ao estabelecer uma regra prioriza os interesses do EB. Sendo assim, o indivíduo torna-se parte de um coletivo - que é priorizado nesta dinâmica – e a ele cabe apenas cumprir suas obrigações para que a totalidade funcione e estão sujeitos à punição caso a missão não seja cumprida conforme o planejado pelo comando. O cadete é preparado para entender que no EB o sucesso de uma missão depende do desempenho de todos os envolvidos na operação; um dos termos utilizados pelos militares para designar “trabalho”.

O estresse produzido pela mudança brusca de ambiente e a nova rotina reforça o laço entre os cadetes. Os desafios inerentes ao curso produzem solidariedade entre eles – em diversos momentos do dia o cadete colabora com os colegas e também é auxiliado por eles no cumprimento de suas obrigações – relação que estimula o companheirismo, e que em alguns casos transforma-se em amizade. E esta relação afetiva tem um significado diferente, à medida que não é fruto apenas da simpatia e identificação, mas surge entre pessoas que longe do que lhe é familiar encontram “em um estranho” compreensão e apoio para suportar problemas.

Em meio a estes aprendizados e mudanças, os cadetes são comparados constantemente aos civis. A comparação entre o militar e o civil revela a mudança de vida do cadete, ou seja, informa o que do mundo civil ele precisa deixar no passado e o que precisa ser incorporado ao novo campo social. E isso o ajuda a realizar sua nova condição de vida. Então, quando o instrutor critica uma atitude errada do cadete comparando-o a um civil, ele reafirma que o cadete

ingressou em novo mundo e, portanto, determinados comportamentos são inadmissíveis.

Ao analisar o processo de formação dos cadetes da AMAN, Castro (2004) aponta que os instrutores não só reforçam a diferença entre civis e militares, mas também, ressaltam que os militares são melhores:

Um oficial explica aos cadetes por que “aqui dentro” não deve haver cola: “Aqui não pode virar paisanaria”. Uma frase no quadro de aviso do curso básico afirma que “Cadete! Você é o melhor. Faça da Academia a melhor.” A meu ver, todos esses ensinamentos são fundamentais para a construção do espírito militar. A notícia que eles transmitem é clara: os militares são diferentes dos paisanos. E não apenas diferentes, mas também melhores. São melhores - nessa visão - não por características singulares que os militares tenham ou venham a ter individualmente, mas porque eles – enquanto coletividade, corpo - viveriam da maneira correta. Englobando e fundamentando todos os níveis de características diferenciais entre militares e paisanos acima mencionadas existe uma experiência totalizadora e básica para a identidade militar: a da preeminência da coletividade sobre os indivíduos. O resultado é a representação da carreira militar como uma “carreira total” num mundo coerente, repleto de significação e onde as pessoas “têm vínculos” entre si (CASTRO, 2004, p. 46).

O treinamento na AMAN modifica os cadetes, que por muitas vezes se sentem deslocados no mundo civil, como documentou Castro (2004). Em algumas ocasiões, sentem-se deslocados entre os jovens civis da mesma faixa etária que, geralmente, não compartilham dos mesmos valores, não têm interesses em comum, não demonstram admiração pela sua escolha profissional e demonstram pouca curiosidade sobre os assuntos relacionados ao EB.

Isso torna a perspectiva de estabelecer novas amizades remotas, até porque depois da experiência na AMAN, a amizade ganha um novo significado. Na percepção do cadete, raramente encontra-se entre os civis uma amizade baseada no companheirismo como acontece na AMAN. Isso mostra que os recursos utilizados na AMAN criaram o efeito pretendido, o cadete sente o afastamento do mundo civil: pelos desafios que a interação com os civis apresentam e também por serem identificados como militar sem farda, por um estranho.

Embora o desconforto com o mundo civil aproxime os cadetes ainda mais dos militares, não impede que eles tenham curiosidade a respeito do mundo civil e busquem ampliar seus contatos para conhecer mais o estilo de vida dos jovens civis.

Castro (2004) aponta que os cadetes procuram conversar com suas namoradas, familiares e conhecidos a respeito do estilo de vida dos civis. A curiosidade levou alguns a assistirem aulas avulsas nestas faculdades, e lá sentiram o quanto a vida acadêmica numa universidade é diferente da proporcionada pela AMAN.

Destacaram a falta de disciplina e seriedade, elementos que consideram essenciais para o melhor aproveitamento das aulas. Outro ponto, destacado que serviu para comparação entre estas instituições universitárias, é a concorrência entre os alunos.

A competição entre os civis foi considerada desleal porque os alunos não competem em condição de igualdade. De um lado, a faculdade não oferece um curso de nivelamento. E de outro, os alunos não criam mecanismo para compensar isso, ou ainda pior, não consideram isso um problema.

Na AMAN, na opinião destes cadetes, a competição é “sadia”, já que a instituição nivela os alunos e tem um acordo entre os mesmos para que prevaleça o mérito. A cola não é admitida e tão pouco estudar um número de horas maior do que foi acordado. Os colegas que são surpreendidos burlando estas regras são punidos pelos próprios colegas para assegurar a competição “sadia”, que eles não encontraram paralelo na universidade civil, onde o individualismo impera.

Em suma, quando os cadetes sentem a diferença, pois na AMAN são preparados para pensar o mundo a partir da totalidade, e no mundo civil não operam da mesma forma, pois os indivíduos não têm uma instituição pautando sua conduta, os civis não são livres para fazerem o que quiserem, mas o controle não é concentrado e visível como na AMAN.

O processo que pode ser compreendido a partir de que afirmam Berger e Luckmann quando estes definem a socialização

Na socialização não há problema de identificação. Não há escolha dos outros significativos. A sociedade apresenta ao candidato à socialização um conjunto antecipadamente definido de outros significativos, que ele tem de aceitar como tais sem possibilidade de optar por outro arranjo (Berger e Luckmann, 2014, p174).

Embora, o processo de socialização vivenciado pelos cadetes seja secundário, e, portanto, esses jovens deveriam ter mais independência para interferir neste processo, desde que aprendessem e desempenhassem bem seu papel social, como demonstrado por Goffman.

Mas, o processo de socialização da AMAN visa mais que a representação de um papel social. E isso é demonstrado na medida em que eles provocam o afastamento do cadete do mundo civil e criam uma dinâmica onde eles não podem evidenciar sua individualidade. E criam mecanismo para que eles se percebam como parte de um todo e por isso tem que se submeter à disciplina imposta pela instituição e obedecer à hierarquia.

3.2.2. Oficiais Não Combatentes

Os oficiais não combatentes - QCO e Temporário - trabalham nas atividades complementares do EB. Estes oficiais ingressam no EB após a conclusão da graduação em uma universidade civil; em uma das especializações do interesse do EB. São selecionados de acordo com a quantidade de vagas oferecidas nas especializações de interesse do EB.

O QCO é um oficial de carreira, cujo treinamento dura aproximadamente 8 meses. O que o diferencia do oficial da AMAN, além da área de atuação, é a especialização e o plano de carreira; já que eles, diferente dos Combatentes, são promovidos até o posto de Coronel³⁰. Em outras palavras, os oficiais de carreira são promovidos até o posto de Coronel³¹, mas só os oficiais da AMAN têm a possibilidade de ser promovido a General.

O oficial Temporário – como o nome já indica – permanecem no EB por um tempo determinado, até 8 anos. São selecionados a partir de processo de seleção em uma das Regiões do EB. A socialização dura 45 dias e ocorre em um dos Batalhões da Região onde se inscreveu para participar do processo de seleção.

³⁰ Ver anexo: LEI Nº 12.786, DE 11 DE JANEIRO DE 2013.

³¹ Só não são promovidos a Coronel aqueles que por algum motivo forem para reserva antes de cumprir o tempo de serviço previsto na lei.

Eles iniciam o trabalho no posto de 2º tenente e podem ser promovidos a 1º tenente. O objetivo dessa socialização é tornar conhecido o universo militar e adequar os seus conhecimentos à estrutura do EB.

É importante notar que a diferença que separa esses grupos é o processo de socialização, formação e especialização. Esses são os aspectos que definem a relação que estes oficiais estabeleceram com o EB. Como vimos até aqui, a forma como a socialização do oficial combatente é feita o distancia do mundo civil. As situações que são criadas para eles facilitam a interiorização dos valores militares. Diferente do que acontece com os não combatentes que aprendem a interagir no meio militar, mas não têm sua individualidade ameaçada, o processo de socialização provoca mudanças, mas não são tão impactantes como acontece com os oficiais combatentes.

3.2.3. Tradição disciplina e hierarquia

Apesar da disciplina e hierarquia estarem muito associadas ao mundo militar, classificar e padronizar são recursos utilizados pelas instituições sociais para aumentar a produtividade. E, também, é uma forma de garantir que o resultado saia de acordo com o que foi proposto por aquele que tem o poder de decidir. É uma forma do idealizador estar presente em todas as fases de um trabalho mesmo estando ausente fisicamente. Foucault (1988) mostra que a disciplina cria um tipo de realidade social:

[...] pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características; é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E para tanto, utiliza quatro grandes técnicas; constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza “táticas”. A tática, arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar. Nesse saber, os teóricos do século XVIII viam o fundamento geral de toda a prática militar, desde o controle e o exercício dos corpos individuais, até a utilização das forças específicas às multiplicidades mais complexas. Arquitetura, anatomia, mecânica, economia do corpo disciplinar [...] (Foucault, 1988, 150).

As instituições adotam estes recursos na sua rotina para potencializar o resultado dos serviços prestados, porém os evidencia de acordo com a sua cultura institucional. Ao comparar instituições militar e civil, na tentativa de compreender porque estes elementos estão mais associados ao meio militar, constata-se que nas instituições civis isso não é lembrado constantemente como acontece no EB. Ou seja, as instituições aplicam esses princípios nos seus processos de trabalho, porém a manifestação desses valores varia de acordo com a natureza da instituição.

Observamos que no EB a relação de trabalho entre o oficial mais novo (subordinado) e o mais antigo (chefe) pode ser marcada pelo autoritarismo – o mais antigo manda e o mais novo obedece sem questionar. A disciplina como aponta Weber (1979) cria as condições para que isso funcione:

O conteúdo da disciplina é apenas a execução da ordem recebida coerentemente racionalizada, metodicamente treinada e exata, na qual toda a crítica pessoal é incondicionalmente eliminada e o agente se torna um mecanismo preparado exclusivamente para a realização da ordem (Weber, 1979, p. 177).³²

Isso gera uma economia de tempo e tensão numa guerra, pois facilita a execução de ações que foram planejadas, sobrando mais tempo para investir na solução de problemas inesperados.

Como a função do Exército está muito associada à guerra, em tempos de paz, podemos afirmar que há a necessidade de criar urgências e solicitações incompreensíveis, muitas vezes até para um militar. Como, por exemplo, um oficial mais antigo exigir que um militar cumpra uma missão quando este já estava liberado para sair do quartel e tem um problema pessoal para resolver.

Este tem que mudar seus planos porque o seu superior quer que ele cumpra uma determinada missão naquele momento. E, mesmo sabendo do problema do oficial e que a missão pode ser realizada outro dia ou saiba que no quartel tem outros militares disponíveis e tão ou mais qualificados que o militar designado para o cumprimento da missão, ainda assim o superior determina que

³² WEBER, M. As origens da disciplina. In: ENSAIOS DE SOCIOLOGIA. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 177.

seja cumprida a missão pelo militar escolhido para fazê-la. Se o militar se recusar a fazer é punido por indisciplina ou falta de respeito à hierarquia.

Esse tipo de atitude pode ser considerada desnecessária por muitos, mas também pode ser interpretada de outra maneira, se lembrarmos que esses profissionais devem estar preparados para o combate. Em uma situação de guerra, a missão recebida deve ser executada do jeito e no tempo ordenado pelo mais antigo. Numa guerra não há tempo para ponderar cada razão e a adequação de cada missão recebida.

Como já mencionado, a tropa funciona como uma máquina, cada militar tem sua especialidade e ocupa uma posição neste conjunto. Então, a expectativa é cada um ao receber o comando execute sua parte com excelência. Se no quartel, em tempo de paz, quem recebe uma ordem pode analisar a racionalidade da mesma, em tempo de guerra isso pode custar muitas vidas. Os militares são preparados para o combate e, portanto, essa dinâmica de atender automaticamente ao comando e ao mesmo tempo ter autoridade para fazer os seus comandados cumprirem o que lhes cabem realizar quando recebem uma missão é uma competência que é exercitada diariamente no quartel.

A interação entre chefe e funcionário em uma empresa civil é diferente. Isto porque há uma demanda imediata a ser atendida, ou seja, há consumidores que querem usar seus serviços num tempo determinado e uma empresa para sobreviver precisa estar preparada para atender essa demanda. Diferente do que acontece nas Forças Armadas, que precisam estar preparada para combater, mas uma guerra não está no horizonte, e, portanto, tem que criar mecanismos para se preparar para situação de grande tensão psicológica.

O contato mais informal na execução de uma tarefa entre o chefe e os funcionários favorece: o aumento da produtividade, uma equipe mais colaborativa, a criatividade que, em muitos casos, é a alma do negócio do que uma relação tensa devido às atitudes rudes do chefe.

O vínculo estabelecido entre a instituição e o profissional, também atenua em muitos casos a presença da disciplina e hierarquia, pois a estabilidade que o

EB oferece aos seus funcionários e a necessidade de mostrar controle sob os militares criam um ambiente propício para atitudes mais duras da parte do oficial mais antigo, que a reproduz, quando necessário ao se relacionar com seus comandados, a fim de obter deles o resultado determinado por seus superiores.

Na empresa civil e privada é diferente. Primeiro, porque o pessoal é selecionado de acordo com o perfil da empresa e depois se o funcionário não render o que a empresa espera, ela pode dispensá-lo e contratar outro com o perfil mais adequado as suas demandas.

Sendo assim, nem sempre estes valores são acionados pelo outro, como demonstra Foucault (1988), o poder está tão impregnado na estrutura da empresa e encadeado com as aspirações do funcionário, que este muitas vezes assume o comportamento mais apropriado para a empresa, e atribui essa escolha a sua vontade. Mas, na verdade a conformação social o leva a agir daquela maneira, sem a necessidade de uma atitude ríspida por parte dos chefes como acontece no EB.

Ou seja, as empresas civis também se organizam baseados na disciplina e hierarquia, mas a presença destes princípios não se manifestam como nos quartéis. Todos os funcionários conhecem e seguem as regras, e sabem qual é o seu lugar na estrutura, mas isso não tem que ser concretizado a todos momentos através de atitudes e símbolos como acontece no EB. Há ambientes de trabalhos em que esses valores só se tornam visíveis quando algo de errado acontece.

A ausência de demanda por parte da sociedade para que os militares produzam o que ela precisa, no sentido de não ter um produto para entregar, faz como que os próprios militares criem essa tensão para interiorizar a disciplina e o respeito à hierarquia. Elementos que não são concretizados em produtos, mas que podem ser visualizados nas tradições do EB.

Em relação à tradição, é indiscutível a sua importância para a credibilidade de uma instituição civil. Embora a tradição contribua para a captação de clientes, sua relevância fica subentendida no dia a dia da empresa, sendo evidenciada em

momentos específicos, como na produção de uma peça publicitária e como incentivo para efetivação da política de qualidade do produto.

No EB, ela contribui para comunicar a história, mas com o objetivo não de vender um produto, mas de atribuir significado à instituição.³³

³³ Ver CASTRO, Celso, A invenção do Exército brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

4. Tradição e Modernidade no EB do final do Século XX ao início do Século XXI

As instituições são criadas para atender as necessidades da sociedade, estando limitadas pelo contexto histórico e social da mesma. Como a sociedade é dinâmica, as instituições precisam, de tempos em tempos, ajustarem-se para atender as demandas que as transformações impõem. Atualizar-se para atender as expectativas é uma das condições necessárias para garantir a sobrevivência de uma instituição. Porém, o impacto e o tempo de efetivação das mudanças variam de acordo com as características de cada uma, isto porque umas são mais flexíveis; enquanto outras, tradicionais, como o Exército, são mais resistentes à mudança.

Podemos identificar essa resistência na exposição do contraste entre o “velho” e o “novo” presentes nos quartéis. Este confronto é comum nas empresas em processo de atualização, pois todas passam de um período de adaptação, mas o Exército demora mais para absorver as “novidades” principalmente quando estas impactam suas tradições. E respondem a essas situações expondo o “novo” e o “velho”, ou seja, deixando que convivam lado a lado por mais tempo. Ao contrário de instituições mais modernas que tendem a fundir o “novo” e o “velho” mais rapidamente.

Essa diferença é resultado da importância que as tradições têm para o Exército. Isto porque este se apropria das tradições de uma forma distinta: já que faz referência a ela o tempo todo - as cerimônias e símbolos são constantes nos quartéis - e as utiliza para atribuir sentido à instituição tanto do ponto de vista de projeção da sua identidade como para conferir sentido às atividades. A influência da tradição é perceptível a todos que têm algum contato com Exército.

Para Castro (2002), quando falamos das tradições do EB, não estamos falando de eventos de um passado imemorial, mas da seleção de elementos desta História que represente a imagem que o EB determinou projetar, ou seja, que atribua um significado à instituição, que precisa das suas tradições, mas, ao mesmo tempo, é obrigada a se modernizar para garantir sua sobrevivência. Por isso ele fala de “invenção da tradição” que é:

[...] a tentativa de expressar identidade, coesão e estabilidade social em meio a situações de rápida transformação histórica, através do recurso à invenção de cerimônias e símbolos que evocam continuidade com o passado vezes ideal ou mítico (Castro, 2002, p.11).

Todos os profissionais que atuam no Exército sentem o peso da tradição, porém cada grupo interage com a tradição de uma maneira particular. O que se observa, nos grupos pesquisados, é que os oficiais da AMAN apresentam uma ligação mais forte com as tradições do Exército do que os oficiais não combatentes – QCO e Temporário. É possível que uma das razões para isso acontecer esteja relacionada à diferença de especialidades e, também, ao fato de o trabalho exercido pelos combatentes ir de encontro a alguns valores intrínsecos à sociedade.³⁴

Os não-combatentes são selecionados para fazer trabalhos na área administrativa e educacional, atividades que têm reconhecimento e suas execuções são compatíveis com os valores sociais. Já os combatentes são treinados para o combate – uma situação que envolve morte – os soldados que vão à guerra estão sujeitos a matar e têm grande probabilidade de morrer. Ações compreendidas e autorizadas num contexto de exceção, ainda assim, rejeitadas pela sociedade.

É uma profissão antiga, sua relevância – embora questionada – é reconhecida já que resiste ao tempo. Porém, causa um conflito à medida que para parte da sua formação e treinamento, ao longo da carreira, consiste em aprender e se aprimorar em técnicas de violência. Isso coloca o soldado em uma situação particular: porque a socialização primária desencoraja o uso da violência para a resolução dos conflitos. A família, escola e religião rejeitam a morte provocada pelo ser humano e nos induzem a rejeitar tudo que coloca em risco a vida humana, enquanto o Exército, para executar sua missão – agindo de acordo as regras estabelecidas pelo Estado – caminha no sentido oposto ao que foi ensinado, quando mata e coloca em risco vida dos soldados. Sendo assim, os militares e os civis encontram nas tradições do Exército um sentido para uma atividade que diverge dos valores mais caros para sociedade.

³⁴ Como já mencionado, os combatentes são treinados para o confronto, no teatro de operações eles estão prontos para matar e morrer. Ações que são rejeitadas pela família, escola e religião.

Podemos afirmar que por este motivo, a relação do oficial da AMAN com a tradição é mais forte do que a verificada com os oficiais não combatentes. O mesmo padrão de relação observado em relação ao vínculo com o EB – o oficial da AMAN tem o vínculo mais forte com o Exército, seguido dos QCO e, por último, dos oficiais Temporários. Assim, concluímos que a ligação que cada grupo tem com a tradição define a intensidade do vínculo com o Exército, que é constituído pela especialização e processo de socialização.

Para esclarecer a construção desse elo, neste capítulo especificaremos a criação desses vínculos a partir da comparação dos grupos estudados nas seguintes dimensões: (1) processo de formação educacional; (2) processo de socialização no Exército; (3) a especialidade que liga o militar ao Exército. Assim, pretendemos demonstrar o que definimos como vínculo, variável independente, utilizada para descrever a visão de mundo destes militares.

4.1. Formação educacional

A estrutura do Exército é constituída por militares com diferentes especializações. O próprio Exército forma os profissionais combatentes e os especialistas do QCO e Temporários são oriundos de universidades civis.

A AMAN e as universidades civis têm diferentes metodologias de ensino. Nesta seção destacaremos os pontos divergentes que contribuem para que os oficiais da AMAN estejam mais associados às tradições do Exército e sejam mais controlados por esta instituição do que aqueles formados por instituições outras. Desta forma, pretendemos oferecer mais informação sobre o perfil dos pesquisados e as razões que nos levam à hipótese que a intensidade do vínculo com o Exército está relacionada à visão de mundo dos Oficiais.

4.1.1. Oficiais Combatentes

Os oficiais ligados à área operacional são formados pela AMAN³⁵ – Academia Militar das Agulhas Negras – que é uma instituição de ensino superior responsável pela formação dos oficiais combatentes de carreira do Exército Brasileiro.

Em sua grade curricular³⁶ encontram-se as disciplinas ligadas às ciências humanas, exatas, sociais e militares inerentes às diversas especialidades que integram a Linha de Ensino Militar Bélica do Exército (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Intendência, Comunicações e Material Bélico). À instrução militar³⁷, segue o seguinte cronograma:

1. formação inicial do combatente (primeiro ano);
2. curso avançado com instruções de maior complexidade (segundo ano); e
3. especialização nos diversos cursos (dois últimos anos).

Isto é, a AMAN investe em diferentes dimensões, como consta no seu site:

A AMAN dedica especial atenção à formação ética e moral dos Cadetes, no intuito de entregar ao Exército oficiais que se destaquem pela integridade, honradez, honestidade, lealdade, senso de justiça, disciplina, patriotismo e camaradagem. A AMAN fundamenta a formação dos futuros oficiais no integral desenvolvimento da pessoa, atuando nos domínios afetivos, psicomotores e cognitivos. Merece atenção especial dos Cadetes a aquisição de competências profissionais e o desenvolvimento de sólidos atributos de liderança (site da AMAN).

A AMAN é responsável pela formação profissional e socialização ao meio militar. Aqueles que concluem o curso são declarados “Aspirante a Oficial” e recebem o grau de Bacharel em Ciências Militares. Os que são reprovados mais de uma vez são desligados do curso. Quer dizer, por mais difícil que seja o processo de socialização, o cadete sabe que ao concluir o curso ele terá um

³⁵ Informações retidas do site: <http://www.aman.eb.mil.br/institucional> Acessado em: 10/02/2019. O cadete antes de ingressar na Aman faz um curso de aproximadamente 1 ano na EsPCEEx(Escola Preparatória de Cadetes do Exército), funciona em regime de internato. Nesta instituição os alunos são nivelados, aprendem os conhecimentos básicos sobre o curso e o EB. Só com a aprovação neste curso, os candidatos a oficial ingressam na Aman. Para mais informação acessar o site da EsPCEEx: <http://www.espcex.eb.mil.br/>

³⁶ Informações retidas do site: <http://www.aman.eb.mil.br/institucional> Acessado em: 10/02/2019.

³⁷ Fonte: <http://www.concursosmilitares.com.br/como-ingressar-no-exercito/aman/> Acessado em: 10/02/2019.

emprego com estabilidade, uma característica muito valorizada – já que 40%³⁸ dos entrevistados, que são oficiais da AMAN, afirmaram que o emprego estável é um dos itens que os fizeram optar pela carreira militar – entre outras vantagens oferecidas para o oficial do EB. Mas para chegar a esse patamar ele precisará se dedicar exclusivamente ao estudo e ter resistência física e psicológica para superar os desafios que o curso oferece.

O cadete da AMAN, ao mesmo tempo em que está se profissionalizando, está se socializando com o meio militar. Como tudo no meio militar, o curso de formação dos combatentes é detalhadamente estruturado para proporcionar a formação adequada para o futuro oficial EB.

O aluno já chega à AMAN adaptado a uma rotina baseada na disciplina e hierarquia, pois há o curso de aproximadamente 1 ano na EsPCEX, e na AMAN encontra uma equipe de profissionais preparados para condicioná-los a esses princípios e para inseri-los num ambiente de tensão; reproduzindo, guardada as devidas proporções, um ambiente de guerra.

Os cadetes recebem dos oficiais a agenda especificando todas as atividades diárias com horários de início e término, agenda que todos devem cumprir no tempo estipulado, caso contrário receberão uma punição que pode ser individual ou coletiva.

O excesso de atividades e as cobranças obrigam o cadete a dedicar-se exclusivamente a sua formação, o próprio regime de internato é propício para imersão nos estudos, já que não tem distrações e está em contato direto e constante com os oficiais e os colegas. Estes tendem a ser solidários e cooperativos, já que estão submetidos à mesma condição. Além do mais, como têm em comum o objetivo de ser oficial, a tendência é que em suas conversas em momento de distração o assunto também seja a formação, que é o assunto que os aproxima.

³⁸ **Enumere de 1 (mais importante) a 8 (menos importante) cada um dos aspectos abaixo relacionados, que fez o (a) Sr.(a) optar pela carreira militar:**

a. Emprego estável; **b.** Remuneração digna; **c.** Oportunidade de ascensão social
d. Trabalho útil à sociedade; **e.** Previdência Social; **f.** Tradição familiar
g. Desejo dos pais, **h.** Vocação.

Os oficiais tornam-se um exemplo de que é possível superar os obstáculos e concluir o curso, já que passaram pela mesma experiência e atualmente possuem uma profissão estável e previsível. Cabem aos oficiais também cobrar – criar tensões – e também direcionar o aluno profissionalmente e orientá-lo na vida pessoal. Ou seja, ao mesmo tempo em os oficiais que cobram e levam o aluno à exaustão, eles também os apoiam e os inspiram.

Outro elemento que impulsiona o cadete ao aprimoramento é a avaliação, que começa na EsPCEX. O aluno é avaliado intelectualmente, fisicamente e também recebe nota dos colegas referente à sua sociabilidade. As notas atribuídas a estas matérias são transformadas em média, que serve para avaliar o desempenho no curso e também influenciar a carreira do aluno, podendo até ter reflexo em sua vida pessoal.

Como todos os cadetes pertencem à mesma turma, torna-se necessário um critério para diferenciá-lo, ordená-lo e posicioná-lo na estrutura do Exército, já que na estrutura hierárquica não admite duas pessoas no mesmo lugar. Então, esta média funciona como um indicador de mérito, e é o primeiro critério utilizado para posicionar o cadete na estrutura hierárquica do Exército. Essa eterna vigilância e análise são facilmente associadas ao modelo panóptico descrito por Michel Foucault, vale dizer.

Os cadetes são formados para atuar em uma das Armas, Quadro ou Serviço do EB, que tem suas especificidades. A turma tem que ser dividida entre as Armas que têm um número determinado de vagas a serem preenchidas. Neste caso, utiliza-se o indicador de mérito, ou seja, aqueles que possuem as maiores médias nas avaliações são os primeiros a escolherem sua Arma, Quadro ou Serviço. Uma escolha definitiva, pois não há possibilidade de troca.

A cidade onde o oficial trabalhará após a conclusão do curso também é disputada pelos cadetes e novamente é usado o critério da nota para definição a cidade onde trabalhará cada cadete. Neste caso, além de ter uma nota alta, que o possibilite escolher a cidade preferida, o cadete precisa contar com a sorte de ter vaga para sua Arma, quadro ou Serviço na cidade onde deseja morar.

Então concluir a AMAN é uma garantia de um emprego estável e com o mesmo salário que os demais colegas, mas só os primeiros colocados no curso da AMAN têm o poder de decidir seu futuro próximo, ou seja, a cidade onde irá morar nos primeiros anos da carreira.

O indicador de mérito também atinge a carreira em longo prazo, isto porque os mais antigos, que seguem bem avaliados, agora por outros parâmetros, serão os primeiros a serem promovidos. E como o número de vagas diminui à medida que o posto aumenta, aqueles que conseguiram as médias mais baixas são obrigados a passar para reserva antes de atingirem os postos mais altos da hierarquia do EB.

Como vimos, os cadetes da AMAN, durante 4 anos, são constantemente estimulados a estudar e a se aprimorar, e contam com uma equipe de oficiais comprometidos com sua formação, portanto, dispostos a compartilhar seus conhecimentos e apoio.

Sendo assim, o Exército, por meio de um ambiente controlado cria as condições que julga apropriada para a formação de oficiais com o perfil adequado para cumprir a missão do EB. Além disso, os insere num ambiente de culto às tradições, a começar pela sua arquitetura, a História do EB está espalhada pelo espaço, que vai se somar aos rituais³⁹ e símbolos que os remetem ao passado e os estimula a tornarem-se militares.

4.1.2. Oficiais não combatentes

Os oficiais não-combatentes têm uma experiência bem diferente. Oriundos das universidades civis, estes militares primeiro fazem a graduação, depois participam de um processo de seleção antes de ingressarem no EB e só então passam pelo processo de socialização ao meio militar.

³⁹ Continência, culto aos heróis, hinos e canções, ordem unida, treinamento físico e uniforme.

O ingresso desses oficiais no EB vem da necessidade responder às mudanças sociais e ao mesmo tempo preservar as tradições. Nestes quadros são admitidas mulheres e entram os conhecimentos específicos que os militares precisam. Algumas funções já eram exercidas por militares ou civis contratados, mas à medida que o processo de modernização avança, torna-se imprescindível especialistas que têm acesso ao que há de mais moderno produzido na sociedade.

Esses oficiais atendem à demanda, cada vez mais urgente de uma sociedade democrática, mais conectada com o mundo a partir das novas tecnologias e no momento de transformação na forma de fazer guerra. Ou seja, um momento em que o EB precisa se aproximar do mundo civil⁴⁰ e, portanto, precisam saber o que eles pensam e apreender a forma de interagir para defender seus interesses. Em outros termos, é necessário “criar” um novo tipo de oficial para estar em conexão com as mudanças e ao mesmo tempo proteger as tradições, no sentido de ter mais tempo de se preparar antes que a mudança chegue na atividade fim do EB, ou seja estar no controle do processo de mudanças, que são impostas pela sociedade.

E nesta seção, vamos apresentar o perfil, desses alunos, contrapondo aos oficiais combatentes com o objetivo de enfatizar as diferenças entre a formação dos combatentes e não-combatentes.

O que diferencia o aluno militar do civil é o grau de liberdade e acesso à diversidade presente nestes dois tipos de instituição. Estes fatores são manifestados na escolha da instituição que se diferencia pela metodologia de ensino; interação entre alunos, interação entre os professores e os alunos e a perspectiva de carreira após a conclusão do curso.

Essa informação já aponta para o maior grau de liberdade que os alunos civis desfrutam e também do maior contato com a diversidade, já que a possibilidade de mudar de turma – ao trancar a matrícula e retornar em outro

⁴⁰ Projeto” Transformações da Profissão militar no Brasil e na Argentina: a Perspectiva das Ciências sociais
site: O Exército Brasileiro. <https://www.youtube.com/watch?v=4QuOTs9Co7g>
Publicado em 1 de mai de 2019. Acesso em: 30/05/2019

momento – abre a possibilidade de interações com novos colegas e em alguns casos com uma nova direção, o que geralmente implica mudanças no ambiente.

Aprendizado diferente do cadete cuja rotina é definida e há pouco espaço para mudança, até porque o objetivo da AMAN é uniformizar. A AMAN oferece um curso básico de 1 ano para os alunos e depois os separa por Armas para que eles possam se especializar no trabalho que ele desenvolverá durante carreira, e desenvolver as características que o identifique com sua Arma, Quadro ou Serviço. Ou seja, há pouco espaço para diferença entre os alunos e as que existem tem uma função bem definida e são controladas pela instituição.

O aluno das instituições civis é livre para definir sua agenda; podendo alternar período de estudo com outras atividades tais como: trabalho, família e lazer. Dele não é exigido a mesma dedicação exclusiva ao estudo, como é imposto aos seus colegas militares. Estes fatores promovem uma interação diferente da estabelecida entre os militares, já que há mais liberdade e diversidade no ambiente universitário.

A interação estabelecida entre o professor e aluno nas instituições civis é mais espontânea, e não dirigida pela instituição. Geralmente, é uma relação mais informal, embora todos reconheçam que é uma relação hierárquica. No dia a dia costuma passar despercebida, sua percepção varia de acordo com a ocasião e a universidade/faculdade. Isto porque a relação de poder não tem o mesmo grau em todas as faculdades/universidades, fato que pode ser exemplificado na avaliação das provas.

As instituições civis têm suas particularidades em relação à avaliação das provas aplicadas aos alunos – liberando ou regulando o poder do professor de avaliar seu aluno. Há instituições que priorizam a aprovação do maior número de alunos, solicitando que o professor reavalie o aluno reprovado – aplicando outra prova ou solicitando um trabalho para complementar ou substituir a nota.

Na AMAN a avaliação é padronizada, mesmo na área de humanas – onde o professor pode usar critérios amplos para corrigir as provas. Mesmo nas provas

com questões subjetivas o professor tem o gabarito da prova com a indicação do conteúdo que se espera que o aluno responda.

Esse conteúdo é subdividido em várias partes, e a pontuação da questão varia de acordo com o número de elementos que o aluno responde e que está de acordo com a subdivisão. Ou seja, se no gabarito tem uma questão com uma resposta subdividida em 10 partes, e o aluno menciona 9 elementos dos 10 contidos no gabarito, ele tem 0,9 de pontuação para esta pergunta⁴¹. Ao adotar esse tipo de procedimento para avaliar uma resposta aberta, independente do professor que for corrigir a prova, a nota será constituída a partir dos mesmos parâmetros.

Nas universidades civis, principalmente no curso de humanas os alunos podem eleger pontos e formas diferentes de responder uma questão e, mesmo assim, obter a mesma nota.

Outro ponto que ressalta a diferença entre esses dois tipos de instituição refere-se à interação entre os alunos. As universidades reúnem em suas salas de aulas alunos de perfis variados em relação à: nacionalidade, gênero, idade e formação educacional. Diferente da AMAN que seleciona⁴²: brasileiro nato; do sexo masculino (até 2018); idade de 17 a 22 anos, completados até 31 de dezembro do ano da matrícula; com a 3ª série do Ensino Médio em conclusão ou concluída. Esta diversidade é ampliada quando a faculdade oferece várias graduações e mais ainda nas universidades que além das graduações em diversas áreas, oferecem curso de pós-graduação.

As universidades por terem programas de pós-graduação são mais envolvidas com pesquisas acadêmicas e por isso tendem a promover e incentivar seus alunos a participarem de congressos, seminários, palestras e têm mais bolsas de pesquisa e intercâmbio; possibilitando a seu aluno a ter mais contato com outras instituições de ensino. Além disso, há possibilidade do graduando

⁴¹ Ao visitar a AMAN tive acesso a um modelo de prova, gabarito e fui informada por um professor da AMAN sobre essa forma avaliar, que visa garantir a igualdade de todos os cadetes, mesmo quando a estrutura da pergunta não é objetiva.

⁴² Fonte: site: <http://www.aman.eb.mil.br/>

participar de pesquisa coordenada por um professor, aproximando o aluno do professor e dos possíveis pós-graduandos que participam da pesquisa. Logo, as universidades são mais plurais e disponibilizam mais recursos para impulsionar as interações internas e com alunos e professores de outras universidades.

Em relação ao espaço físico percebemos que a configuração e o uso estão associados ao tipo de formação pretendida. Na AMAN tem dormitório, refeitório, sala de aula, bibliotecas, área para treinamento militar e para exercício físico. Além disso, como já mencionado, o espaço é preenchido com elementos que os remetem à tradição. O espaço é organizado para estimular a convivência em grupo, para que todos tenham acesso às mesmas coisas. Ou seja, a AMAN visa uma formação mais homogênea e isto se manifesta na organização e no tipo de interação que é promovida neste espaço. Esta instituição tem uma área planejada, com vários ambientes, que são utilizados de forma ordenada a fim de produzir os conhecimentos necessários para formar o tipo de profissional pretendido.

Já nas instituições civis não têm o mesmo padrão. As faculdades normalmente têm um espaço físico menor, onde as pessoas se reúnem, mas têm a liberdade de interagir como quiserem.

As universidades possuem inúmeros departamentos, graduações e cursos de pós-graduação; cujo espaço comporta auditórios, bibliotecas, salas de estudo, sala de computadores e áreas próprias para encontros e manifestação cultural. O espaço é de convivência plural e apropriado para interações, resultando em um conhecimento mais abrangente, na medida em que facilita encontro de alunos de áreas diferentes, tornando a troca de conhecimento mais plural. Assim, percebemos que a diferença de espaço e do uso deste, também contribui para uma formação mais ou menos homogênea.

Várias faculdades\universidades civis – com seus diversos programas – formam profissionais qualificados, que depois de formados disputarão uma vaga de emprego no mercado de trabalho. Sendo assim, esses profissionais tendem a ser mais competitivos já que para conseguirem um emprego e mantê-lo, eles precisam ser mais qualificados que os demais e possuírem habilidade de se destacar para conseguir ou manter seu emprego.

4.2. Processo de socialização no EB

O Exército submete todos os candidatos, a oficial do EB, a um período de socialização, fase em que os candidatos são familiarizados com as tradições e a rotina do EB. Cada grupo estudado nesta tese tem um período de estágio específico.

Os alunos da AMAN são selecionados mediante concurso público, após a aprovação nesta fase, iniciam um curso preparatório na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), que é um estabelecimento de ensino militar do Exército que prepara jovens para o ingresso na AMAN, cujo objetivo⁴³ é contribuir com profissionais qualificados, treinados e motivados a cumprir a função destinada as Forças Armadas. Como consta no site EsPCEEx:

Forma o militar básico, com conhecimentos e práticas sólidas do combatente individual, em condições de, na AMAN, enquadrar-se em frações de combate, evitando que naquela Academia se perca tempo com revisões e reaprendizagem sobre técnicas individuais de combate⁴⁴ (Site da EsPCEEx).

Ainda segundo o site da EsPCEEx, essa escola tem “o patrimônio histórico preservado para que desperte orgulho no público e que sirva de inspiração aos valores materiais e imateriais cultuados pelo Exército Brasileiro e defendidos pelos nossos antepassados”⁴⁵. Sendo assim, o aluno aprende logo que entra para o EB, a importância de cultivar tradições, sentimento que será consolidado ao longo da carreira.

Este curso funciona em regime de internato⁴⁶ e tem duração de 1 ano. Os aprovados nesta fase ingressam na AMAN, e assim, tornam-se cadetes do EB, que são os futuros oficiais do EB. Na AMAN será definida sua especialidade e terá continuidade o processo de transformação e militar.

Os oficiais do QCO são formados em universidade\faculdade civil nas áreas de: Administração, Ciências Contábeis, Direito, Magistério, Informática, Economia, Psicologia, Estatística, Pedagogia, Veterinária, Enfermagem e

⁴³ Fonte: <http://www.espcex.eb.mil.br> Acessado em 15/01/2019

⁴⁴ Fonte: <http://www.espcex.eb.mil.br> Acessado em 15/01/2019

⁴⁵ Fonte: <http://www.espcex.eb.mil.br> Acessado em 15/01/2019

⁴⁶ O aluno recebe pagamento para custear suas despesas pessoais.

Comunicação Social. Passam pelo processo de socialização após a aprovação em concurso público. Estão aptos a participarem do concurso: brasileiro nato; ambos os sexos; com idade entre 20 e 36 anos, referenciados a 31 de dezembro do ano da matrícula e ter concluído o curso de graduação em área objeto do concurso.

O processo de seleção inclui: exame intelectual, inspeção de saúde e exame de aptidão física. Os aprovados neste concurso fazem um curso de 9 meses - na Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEEx), que é o estabelecimento de ensino responsável pela seleção e preparação dos candidatos a oficiais do QCO - neste período ocorre a formação Comum, Específica e a Pós-Graduação. Como consta no site da instituição essas etapas visam.⁴⁷

4.2.1. Formação comum, específica e pós-graduação

Como consta no site EsFCEEx, o Curso Básico de Formação Militar tem por finalidade promover o ajustamento do oficial-aluno às rotinas do Exército e capacitá-lo para o adequado desempenho profissional como militar. Com 35 semanas de duração, o curso irá desenvolver as capacidades do oficial-aluno para exercer as funções de Tenente e Capitão não aperfeiçoado.

A diversidade de atuação do Oficial do Quadro Complementar impõe-lhe, além da cultura geral e profissional, a necessidade de evidenciar liderança, disciplina intelectual e flexibilidade, entre outros.

O oficial do QCO deve constituir-se em exemplo aos seus subordinados, por meio de sua competência, dedicação e responsabilidade, alicerçado sempre em valores éticos e morais da instituição. Por esse motivo, os oficiais-alunos são aprimorados na área cognitiva, desenvolvidos na área psicomotora e engrandecidos na área afetiva.

A formação militar dos oficiais-alunos é de responsabilidade do Corpo de Alunos. Além de tomar conhecimento da estrutura do Exército e de sua dinâmica

⁴⁷ Site da ESFCEX :<http://www.esfcex.eb.mil.br/index.php/o-curso-cfo> acessado em: 17/02/2019

de funcionamento, o oficial-aluno terá oportunidade, ainda, de conhecer os regulamentos básicos, os manuais e as normas militares da Força Terrestre.

Agora vejamos a formação específica, como descrita no site da EsFCEEx:

Como consta no site da EsFCEEx, as atividades da área específica têm como objetivo sintonizar os conhecimentos adquiridos pelos oficiais alunos originados nos bancos das universidades/faculdades às peculiaridades organizacionais do Exército brasileiro.

As seções de ensino, nas suas respectivas áreas de conhecimento, ministram instruções visando capacitar o oficial aluno para o desempenho futuro das suas diversas missões.

O curso específico tem 190 (cento e noventa) horas, ministrados nas salas de aulas. No decorrer do ano são realizadas visitas aos diversos órgãos militares e organizações privadas.

Nesse período são elaborados os projetos interdisciplinares e artigos científicos, atividades que contribuem de forma decisiva para o futuro desempenho do militar.

Na Formação Específica, o oficial aluno receberá instruções que o subsidiará de conhecimentos necessários para o desempenho da sua atividade nas diversas Organizações Militares. Além disso, o curso possibilita inúmeras atividades que permitem aliar teoria à prática.

A consolidação do conhecimento é feito por área.

Sobre a pós-graduação: como consta também no *site* EsFCEEx, os primeiros passos na construção da Pós-graduação na Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEEx) surgiram com os Projetos Interdisciplinares (PI), que começaram a fazer parte do Curso de Formação de Oficiais do Quadro Complementar (CFO/QC) em 1998, como uma adaptação da formação específica às novas diretrizes da Modernização do Ensino no Exército Brasileiro.

A base pedagógica destes projetos é o trabalho em equipe e a metodologia da pesquisa científica, tendo como fundamento, desde 2003, a interdisciplinaridade entre as diversas áreas de especialidade, formando-se equipes de diversas profissões. Assim os oficiais-alunos começaram a produzir artigos científicos durante o CFO/QC, vide informação coletada no *site* da ESFCEEX.

No caso dos Oficiais do QCO, existem praças que se formam na universidade civil e prestam concurso, e apesar de militares, eles passam pelo mesmo processo de formação dos civis. Após a aprovação no concurso todos

passam por um processo de socialização na Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEEx).

Esses candidatos estudam logística, administração, orçamento, finanças e comunicação social. Eles são preparados para serem assessores dos comandantes. Trata-se de uma pós-graduação em ciências militares. E os aprovados neste curso terão uma carreira no EB e poderão chegar até o posto de coronel.

A especialidade e a idade serão definidas de acordo com as necessidades de cada Região Militar, e, portanto, será informado no edital do concurso, que é elaborado pelas Regiões Militares.

Após a classificação nesta primeira fase, o candidato faz um estágio de 45 dias, onde será submetido a atividades para ambientá-lo à rotina do Exército e suas tradições, como por exemplo: aprender a marchar, utilizar o uniforme, manusear uma arma, como tratar o superior/subordinado e será apresentado às tradições do EB e a sua importância.

Percebemos que esses profissionais que vão se encontrar no Exército têm uma formação educacional e socialização ao mundo militar diferente. Os da AMAN se especializaram ao mesmo tempo em que foram socializados ao Exército. O oficial do QCO foi socializado na cultura da instituição ao mesmo tempo em que se especializaram – unindo o conhecimento adquirido na universidade/faculdade de origem com os conhecimentos militares desenvolvendo as habilidades necessárias para assessorar os comandantes.

O mesmo não aconteceu com o oficial Temporário que antes de iniciar suas atividades fazem um curso de 45 dias para se ambientar ao meio militar. Sendo assim, cada curso molda a relação entre o aluno e a tradição de acordo com o tipo de oficial que está formando.

4.3. A tradição e a especialização no EB.

As tradições ao mesmo tempo em que unem esses oficiais, gerando um sentimento de pertencimento ao EB, ela também distingue os combatentes e não combatentes, já que o primeiro tem a função de proteger as tradições e o outro traz elementos de modernidade para a instituição. Em relação à função de unir esses grupos, Castro afirma:

É a repetição regular e coletiva dos rituais que cria e recria a própria coletividade enquanto tal, renovando em seus participantes o sentimento de pertencerem a algo comum - no caso o Exército Brasileiro (Castro, 2002, p.79).

Os oficiais combatentes precisam da tradição para demonstrar o valor que sua especialidade tem em um país que não tem tradição bélica. Já os oficiais não combatentes desenvolvem um trabalho que não é dependente das tradições do EB. A expertise desses oficiais está ligada a uma ocupação que é compreensível, e, portanto, não há necessidade de recorrer às tradições militares para exemplificar seu valor.

Quando um oficial não combatente escolhe a carreira militar, ele é motivado, por exemplo, pela vocação, busca de estabilidade, busca de experiência ou incentivados por outros militares da família⁴⁸.

O oficial não combatente tem facilidade de sair do EB, caso descubra que não tem aptidão para vida militar. Em muitos casos, a sua passagem pelo EB contribui para uma melhor colocação no mercado de trabalho. Por isto, a relação de dependência com a tradição do EB não é igual a do oficial combatente – que entra muito jovem no EB e passa por um período de afastamento do mundo civil para justamente interiorizar os valores e as tradições do EB, como já dito.

Eles contribuem – com conhecimentos técnicos e com experiência no mundo civil – para que os oficiais combatentes possam realizar as mudanças necessárias para se adequar a nova realidade – produzida pela democratização e os avanços tecnológicos.

⁴⁸ Ver dados da pesquisa, que indica o que os motivou ingressar no Exército.

Esta experiência tem a capacidade agregar ao EB as transformações ocorridas na sociedade tais como: o ingresso da mulher no mercado de trabalho – as mulheres só foram admitidas na AMAN a partir de 2018, antes disso ela era admitida apenas na área não combatente – e o jeito mais diplomático de resolver os conflitos.

O oficial combatente é preparado fisicamente, psicologicamente para o exercício de sua profissão. Esta requer que utilize os conhecimentos adquiridos no EB para combater com outros soldados, que ele não conhece e, portanto, não tem nenhuma disputa pessoal, soldado que está experimentando os mesmos sentimentos: medo, angústia, saudades, privações entre outros. Ou seja, lutam contra desconhecidos e podem defender causas, que não defenderiam se fosse uma escolha pessoal, está ali comprometido com a defesa da pátria. E por isso, o oficial combatente precisa incorporar os valores e tradições do EB, ou seja, ter algo que construa essa forte ligação com a instituição, para que tenham condições de se submeter ao que EB exige deles. Ou seja, colocar os interesses do EB acima das suas convicções.

Além disso, o oficial combatente não tem o poder de oferecer sua habilidade a outra empresa, principalmente aqueles que pertencem às Armas de apoio⁴⁹, pois trata-se de uma atividade bem específica. Sendo assim, para maioria, sair do EB e manter o mesmo padrão oferecido por esta instituição, implicaria em investir em nova especialização.

A tradição confere identidade aos oficiais combatentes como um todo, ao mesmo tempo em que caracteriza todas as Armas. Construindo e demonstrando as suas especificidades e a correlação entre essas partes⁵⁰. Castro (2002) nos mostra que:

Essas cerimônias e símbolos permitem, através da evocação do passado, construir a identidade social do Exército, o sentimento de algo que permanece para além das mudanças. Nesse processo, o próprio Exército inventa-se enquanto instituição (Castro, 2002, p.10).

⁴⁹ As Armas dividem-se em dois grupos: as Armas-Base (Infantaria e Cavalaria) e as Armas de Apoio ao Combate (Artilharia, Engenharia e Comunicações). Fonte: <http://www.eb.mil.br/armas-quadros-e-servicos>

⁵⁰ Sobre os símbolos e rituais de cada parte ver Castro 2004.

5. Perfil da Amostra

Antes de iniciarmos a análise dos dados, apresentaremos o perfil da amostra. Nosso objetivo com este capítulo é descrever as características dos oficiais por categorias em análise e também verificar se as características destes grupos podem interferir na correlação entre questões que indicam a percepção dos entrevistados e o seu vínculo com o Exército.

As primeiras tabelas nos mostrarão uma visão geral da relação entre os entrevistados e o EB. Analisaremos: o número de entrevistados por posto, o número de oficiais por vínculo, total de oficiais que responderam ao questionário, o número de entrevistados por grupo de oficial e grupo de oficiais por vínculo.

Tabela 2 – Posto

	n ^a de entrevistas	%
Segundo Tenente	92	19,5
Primeiro Tenente	381	80,5
Total	473	100,0

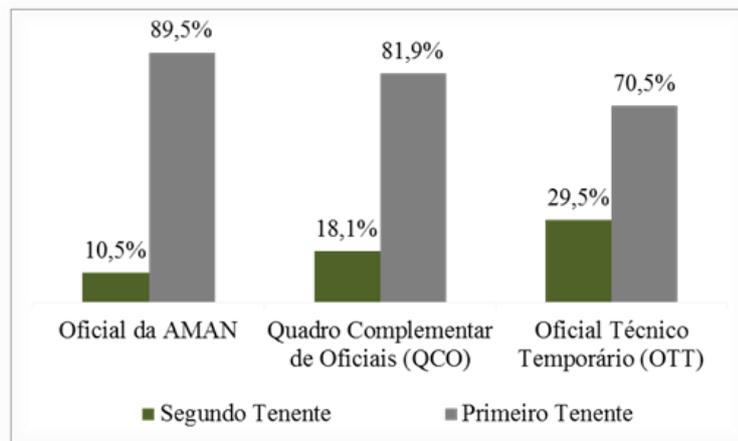
Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Tabela 3 – Vínculo

	n ^o de entrevistas	%
Oficial da AMAN	181	38,3
Quadro Complementar de Oficiais (QCO)	116	24,5
Oficial Técnico Temporário (OTT)	176	37,2
Total	473	100,0

Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Gráfico 1 – Grupo de oficiais por Vínculo



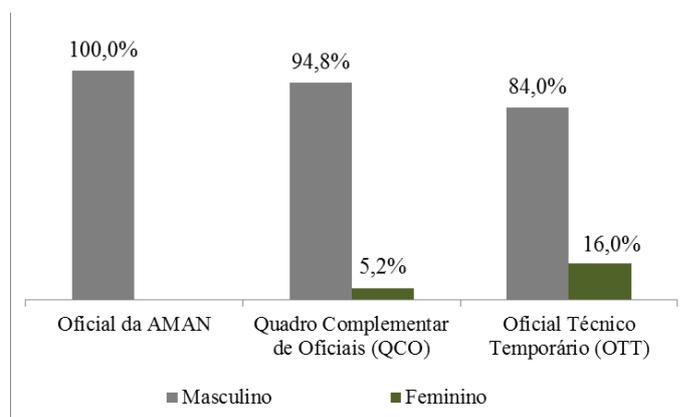
Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Aqui observamos que o número de primeiros tenentes que responderam ao questionário é maior do que os de segundos tenentes. O que indica um número maior de oficiais que estão mais distantes do período de socialização, já que os primeiros tenentes são mais antigos.

Isto não comprometeu a análise dos dados, primeiro porque todos os grupos têm um número maior de primeiros tenentes. O fato de a distribuição seguir o padrão que descrevemos em nossa hipótese, ou seja, o grupo de oficiais da AMAN – apresentar uma quantidade maior de primeiros tenentes do que os do QCO e este maior do que os oficiais temporários – indica que os resultados das comparações, que faremos mais a frente, não tenham viés de seleção.

Agora apresentaremos as características naturais dos entrevistados:

Gráfico 2 - Sexo por Vínculo



Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Os dados sobre o sexo dos entrevistados nos mostram que há, mais uma vez, ausência de viés. Como sabemos, no EB não tem mulher⁵¹ no quadro de oficial combatente, o que justifica os 100% de homens no grupo de oficiais da AMAN. A possibilidade de a mulher ter uma carreira como oficial do Exército começou na presente década de 1990 com a admissão de mulheres no grupo dos oficiais do QCO.

Como um dos elementos que estamos apontando – quando falamos de rigidez, ou intensidade do curso – é o fato do grupo de oficiais estar mais ou menos distante do mundo civil. A distribuição de mulheres entre os grupos torna-se relevante, isto porque ter mais mulheres no QCO do que no grupo de oficiais temporários criaria um viés, já que os oficiais do QCO recebem um treinamento mais intenso do que os temporários e, conseqüentemente, esta distorção poderia comprometer os resultados, no sentido de as similitudes e as diferenças encontradas poderiam estar associadas ao sexo e não ao tipo de vínculo.

Sendo assim, o fato do grupo de oficiais do QCO (5,2%) ter um número menor de mulheres⁵² do que os oficiais temporários (16,0%) – que estão mais próximos do mundo civil – é mais uma característica que assegura que o parâmetro utilizado para medir as diferenças existentes entre os grupos de oficiais esteja somente associado ao tal vínculo em análise, ou seja, a distância do mundo civil.

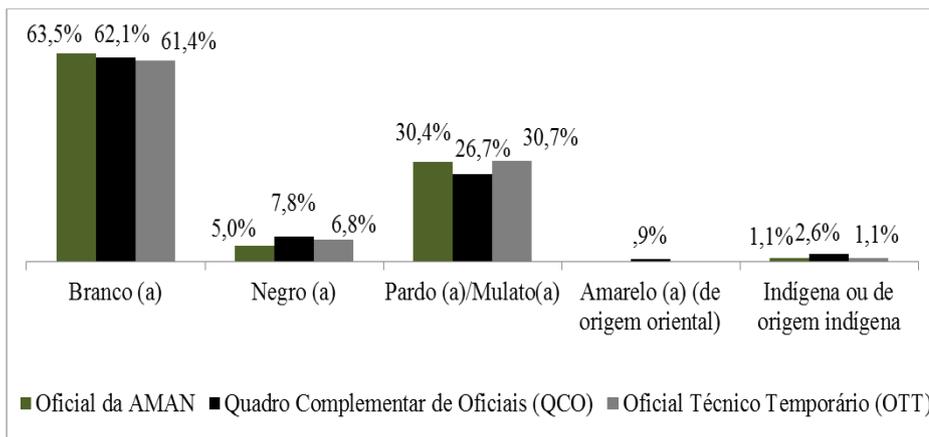
⁵¹ De acordo com o site do EB, em 2018 a AMAN tem a primeira turma formada também por mulheres. “Esta é a primeira turma mista de Novos Cadetes. 34 mulheres concluintes da Escola Preparatória serão as primeiras cadetes da AMAN. Elas foram admitidas no concurso para a EsPCEX em 2016 e agora chegam nas Agulhas Negras para serem declaradas “Cadetes de Caxias”. A AMAN preparou-se longamente para a admissão das mulheres. Além das obras estruturais, uma série de medidas administrativas, burocráticas e jurídicas foram tomadas, assim como a capacitação dos militares envolvidos na formação das cadetes.

Elas participarão das mesmas instruções e exercícios militares previstos para o Curso Básico. Os conhecimentos adquiridos pelo oficial combatente de carreira do Exército serão iguais para homens e mulheres, sem qualquer distinção na formação. Ao final do Curso Básico elas optarão pelo Serviço de Intendência ou pelo Quadro de Material Bélico, áreas nas quais atuarão por toda a sua carreira militar.”

Fonte: https://www.eb.mil.br/web/imprensa/aviso-de-pauta/-/asset_publisher/0004ie79MBVM/content/pela-primeira-vez-mulheres-ingressam-na-aman
Acessado em 11/10/2019.

⁵² Podemos afirmar que é um elemento que aproxima o EB do mundo civil, já que o ingresso da mulher no mercado de trabalho aconteceu antes no mundo civil e houve resistência dentro do EB para admiti-la em seus quadros.

Gráfico 3 - Cor por Vínculo

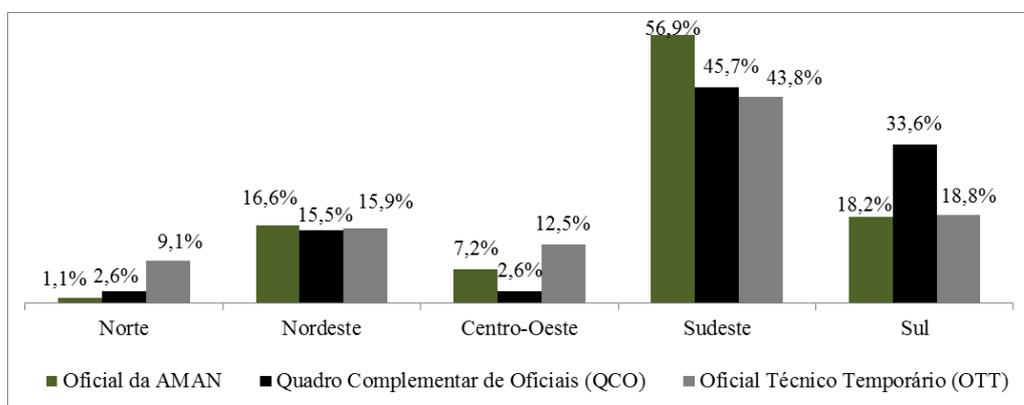


Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Ao analisar os dados percebemos que a cor que predomina é a branca. Em termos percentuais, vemos os oficiais da AMAN representarem 63,5% dos entes do recorte de cor branca, seguido do QCO (62,1%) e dos temporários (61,4%). Uma diferença insignificante podemos observar também entre os respondentes de cor pardo(a)/mulato(a), os oficiais da AMAN são 30,4%, seguido do QCO (26,7%) e dos temporários (30,7%).

O número de orientais e indígenas é pequeno: 7 oficiais de origem indígena - 3 oficiais do QCO, 2 da AMAN, e 2 temporários. E apenas 1, do QCO, de origem indígena.

Gráfico 4 - Região de nascimento por Vínculo



Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Em relação à região de nascimento, os dados indicam a maioria dos tenentes na ativa em 2013 nasceram na região sudeste e estão subdivididos da seguinte forma: AMAN (56,9%), QCO (45,7%) e temporário (43,8%).

No *survey* há dados também sobre o Estado de nascimento e considerando o número total de tenente, verificamos que os estados como maior percentual de tenentes são: Rio de Janeiro com 26,4%, Rio Grande do Sul com 14,0% e São Paulo com 12,1%. O Estado com menor representação é Rondônia que tem apenas 1 tenente (0,2%). A região Norte apresenta o menor percentual de tenentes, sendo o temporário representante de 9,1%, seguido do QCO com 2,6% e AMAN com 1,1%.

Vale destacar que diferente das demais regiões, a região Sul tem o maior percentual de oficiais do QCO, ou seja, tem mais oficiais do QCO (33,6%), do que temporário (18,8%) e da AMAN (18,2%).

Tabela 4 - Grau de instrução da mãe por Vínculo

	Não frequentou a escola	Até a 4ª série (Primário)	5ª a 8ª série (Ginásio)	Ensino Médio (Clássico/Científico)	Ensino Superior	Pós Graduação	Não sabe	Total
Oficial da AMAN	,6%	3,3%	12,2%	42,8%	25,0%	16,1%	0	100,0%
Quadro Complementar de Oficiais (QCO)	1,7%	38,3%	19,1%	27,8%	5,2%	7,0%	,9%	100,0%
Oficial Técnico Temporário (OTT)	1,2%	8,1%	15,6%	35,8%	25,4%	13,9%	0	100,0%
Total	1,1%	13,7%	15,2%	36,5%	20,3%	13,0%	,2%	100,0%

Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Em relação à escolaridade da mãe, constata-se que as mães dos oficiais da AMAN são mais escolarizadas que a dos temporários e a dos oficiais do QCO, pois apresentam o maior percentual de mães com o curso médio (42,8%), graduação (25,0%) e pós-graduação (16,1%).

As mães dos oficiais do QCO apresentam o grau de escolaridade mais baixo comparado aos demais grupos, ou seja, 59,1% das mães dos oficiais do QCO estudaram até a 8ª série (ginásio), as dos temporários 24,9% enquanto os oficiais da AMAN apenas 16,0% estão nesta categoria. Os oficiais do QCO tem o

maior percentual de entrevistados afirmando que a mãe “não frequentou a escola” (1,7%), “primário” (38,3%) e “ginásio (19,1%)”.

Tabela 5 – Grau de instrução do pai por Vínculo

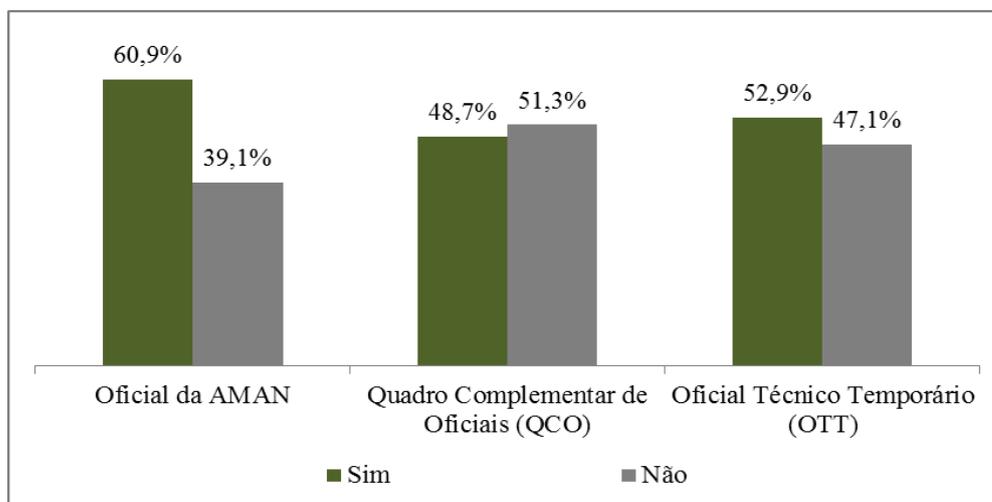
	Não frequentou a escola	Até a 4ª série (Primário)	5ª a 8ª série (Ginásio)	Ensino Médio (Clássico/)	Ensino Superior	Pós Graduação	Não sabe	Total
Oficial da AMAN	,6%	3,9%	8,9%	40,0%	26,1%	18,3%	2,2%	100,0%
Quadro Complementar de Oficiais (QCO)	4,3%	16,4%	24,1%	27,6%	11,2%	13,8%	2,6%	100,0%
Oficial Técnico Temporário (OTT)	2,3%	7,4%	14,8%	28,4%	29,5%	17,0%	,6%	100,0%
Total	2,1%	8,3%	14,8%	32,6%	23,7%	16,7%	1,7%	100,0%

Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Ao analisar os dados referentes aos pais, o mesmo padrão predomina. Os oficiais da AMAN têm os pais escolarizados – ensino médio (40,0%), superior (26,1%) e pós-graduação (18,3%). Nota-se também, ao comparar com as mães que as diferenças percentuais são pequenas. Sobre os oficiais do QCO, embora os dados mostrem que os pais têm a escolaridade menor em relação aos demais grupos, notamos ainda que os pais são mais escolarizados que as mães.

Para concluir, indicaremos a interação que esses oficiais tiveram com o mundo militar antes de entrar no EB.

Gráfico 5 – Há militares na família por Vínculo



Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

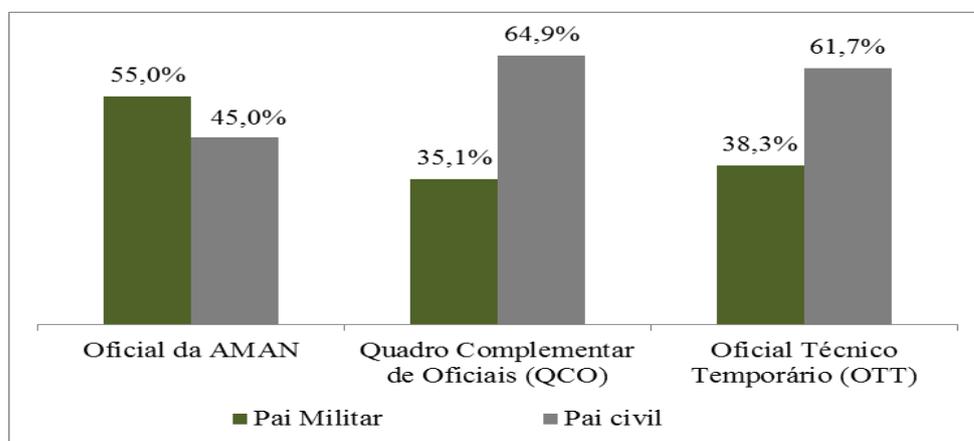
A maioria dos oficiais tem um parente militar (59,4%). O **gráfico 5** aponta que 60,9% dos oficiais da AMAN tem um parente militar, 52,9% dos oficiais temporários e 48,7% dos oficiais do QCO.

Os oficiais do QCO apresentam o menor percentual, o que poderia configurar um problema para nossa amostra se a diferença entre estes oficiais e os temporários fosse muito grande, o que não é o caso, já que a diferença de 4,2%, e amenizada por outros fatores mais determinantes, como veremos a seguir.

Este fato pode tornar os valores militares conhecidos por esses oficiais, caso eles tenham tido contato com esse familiar militar antes de ingressar no EB. O que pode atenuar o impacto com o mundo militar, principalmente se o oficial tiver sido educado por um militar, informações que não foram levantadas no *survey* e, portanto, não há como medir o efeito dessa característica nas respostas dos entrevistados.

Para entender melhor esta questão vamos verificar o número de entes em estudo que são filhos (as) de militar, informações contidas no gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Pai militar ou civil por Vínculo



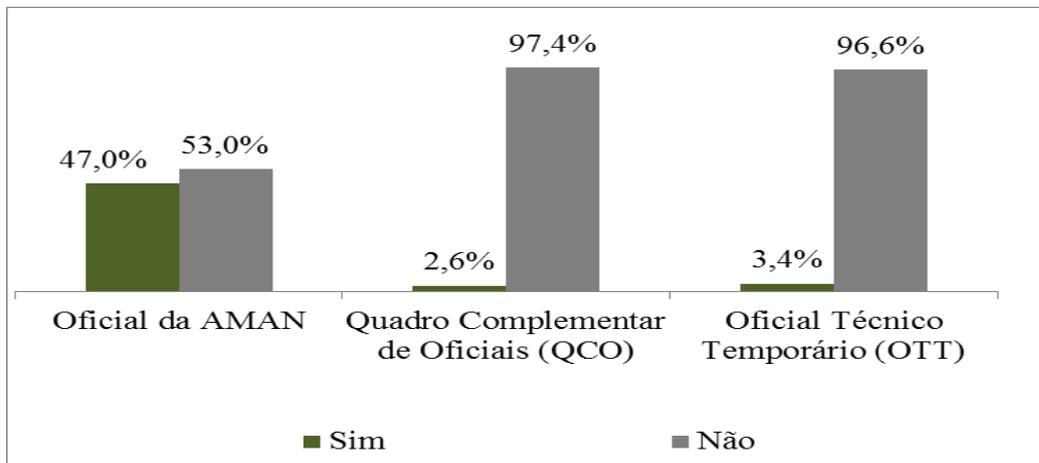
Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

O padrão se repete quando comparamos os grupos de oficiais com a variável “filho (a) de militar ou civil”, ou seja, 55,0% dos oficiais da AMAN são filhos de militar, 35,1% dos QCO e 38,3% dos temporários.

As diferenças entre QCO e temporário é 3,2%, 1% menor do que o apresentado quando se pergunta: “Há militares na família? (por Vínculo)”. O que

significa que há mais pais do que outros parentes, mas como já mencionamos a diferença é pequena. E, mais uma vez, não temos dados para saber o tipo de relação que o militar teve com o pai.

Gráfico 7 – Estudou no Colégio Militar por Vínculo



Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Estudar em Colégio Militar é uma maneira mais formal de ter contato com os valores e tradições do EB, antes de tornar-se um militar. Embora a natureza das exigências, feitas ao candidato a oficial, sejam distintas, o fato de ter estudado em Colégio Militar torna o ambiente militar mais familiar para o ex-aluno do Colégio Militar, pois este conhece as tradições e valores do EB.

Este fato também pode ser percebido, a princípio, como uma vantagem já que os ex-alunos do Colégio Militar já estão acostumados a interagir com base na disciplina e hierarquia.

Mais uma vez, o oficial da AMAN (47,0%) apresenta uma frequência maior do que os demais oficiais; temporário (3,4%) e QCO (2,6%). Neste caso, nota-se que a diferença entre os oficiais combatentes e não combatentes é significativa. E, novamente percebe-se que o intervalo que separa os oficiais do QCO dos temporários é insignificante, ou seja, (0,8%).

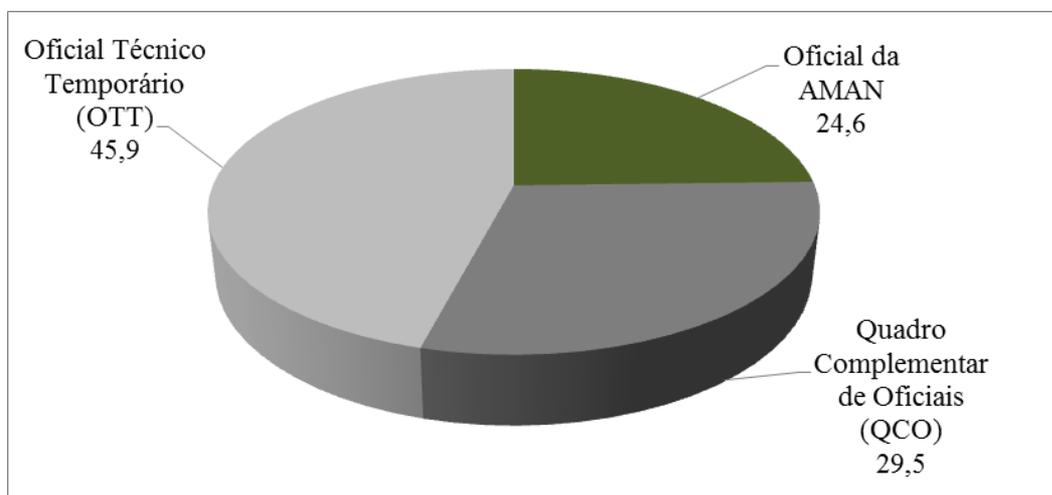
O fato de ter estudado em Colégio Militar não deixa dúvida sobre o contato do ex-aluno do Colégio Militar com o EB. O mesmo não podemos afirmar quando a pergunta se refere a ser parente ou filho(a) de militar. Pois, embora estas

perguntas indiquem uma aproximação com o mundo militar, este tipo de pergunta não revela a qualidade da aproximação do militar com o pai ou parente militar.

Os dados a respeito das perguntas “Há militares na família”, “Pai militar ou civil” e “Estudou no Colégio Militar” indicam que a maioria dos oficiais da AMAN teve contato com o mundo militar antes de ingressar no EB. Os oficiais do QCO e os temporários, como pudemos observar, apresentaram um percentual menor de respondentes afirmando ter tido algum contato com o mundo militar antes de ingressar no EB.

Como os percentuais do oficial QCO foram sempre menores do que os apresentados pelos temporários, embora o intervalo em todos os casos seja pequeno, reunimos os dados referentes às perguntas: “Há militares na família”, “Pai militar ou civil” e “Estudou no Colégio Militar” em uma única variável para conhecer o percentual de oficiais que não tiveram “nenhum” contato com o meio militar antes do ingressar no EB e assim dimensionar o impacto desta característica na nossa amostra.

Gráfico 8 – Apenas parente militar por vínculo

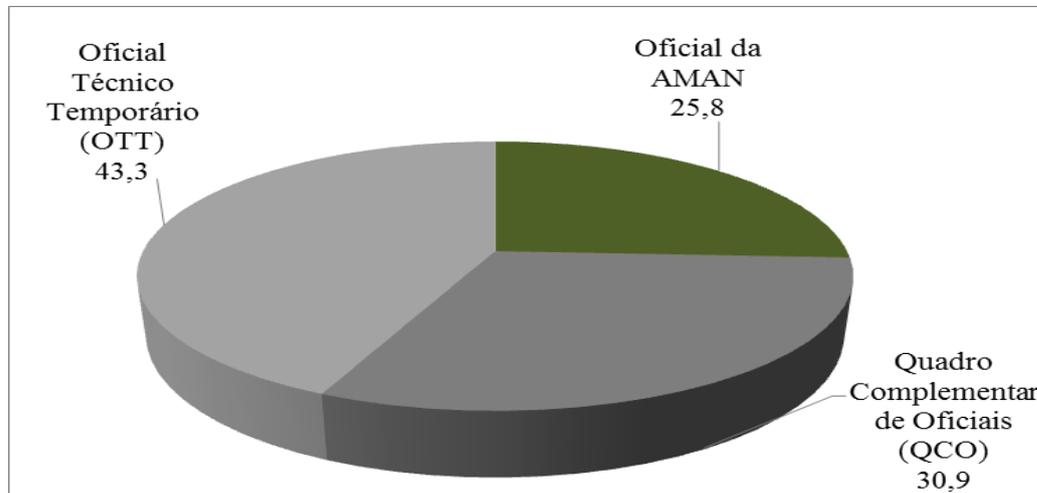


Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

No gráfico acima, consideramos apenas os oficiais que declaram ter um ou mais parentes militares – não incluímos o pai – que corresponde a 25,8% da nossa amostra e inferimos que: relação entre os grupos de oficiais e ter apenas um ou mais parentes militares está em consonância com nossa hipótese, no sentido de hierarquizar os oficiais por nível de aproximação com o mundo civil. E no caso

analisado, quem é mais próximo do mundo civil tem um percentual maior de oficiais que tem apenas um parente militar.

Gráfico 9 – Filho (a) de civil, NÃO tem parente militar e NÃO ESTUDOU em colégio militar por vínculo

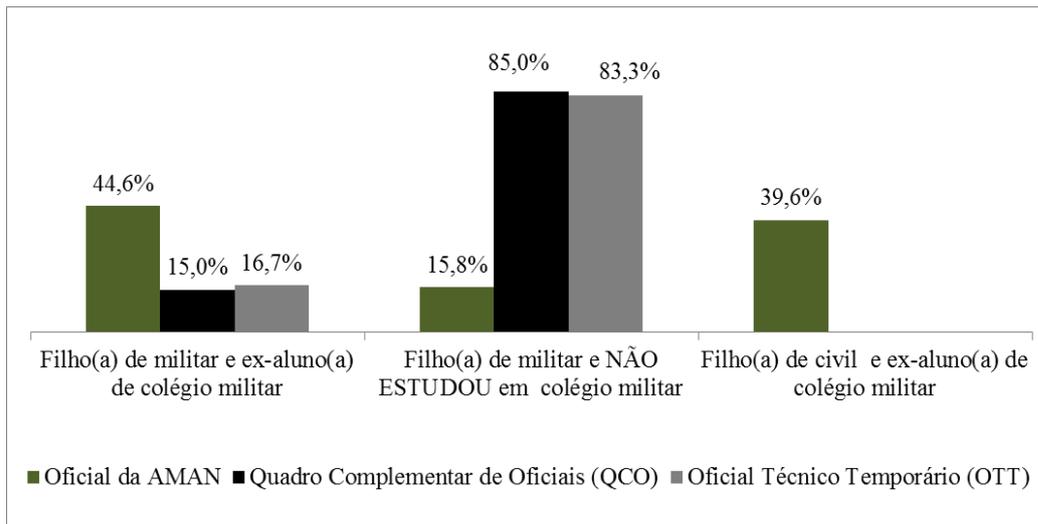


Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Ainda na tentativa de precisar a influência do contato com o mundo militar antes de ingressar no EB, selecionamos desta vez apenas os oficiais que responderam que “não” aos indicadores de contato com o mundo militar – incluído no *survey*: “Há militares na família”, “Pai militar ou civil” e “Estudou no Colégio Militar” – que corresponde a 41% da nossa amostra.

Ao observar a distribuição dos oficiais que não tiveram contato com o mundo militar, antes de ingressar no EB, constatamos que os grupos de oficiais mais próximos do mundo civil têm um percentual maior de entrevistados que afirmam não terem tido nenhum contato com o mundo militar antes de ingressar no EB.

Gráfico 10 – Oficiais com mais contato com o meio militar antes de ingressar no EB por vínculo



Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Quando reagrupamos as categorias e construímos uma sub-amostra, somente com os 33,2% dos entrevistados que responderam que tiveram algum contato com o mundo militar antes de ingressar no EB, identificamos que os oficiais do QCO e temporários têm percentuais semelhantes. Ou seja, as diferenças são pequenas, e ambos têm percentuais bem diferentes dos oficiais da AMAN.

Esta diferença sinaliza que os oficiais da AMAN tiveram mais contato com os valores e tradições do EB que os oficiais do QCO e Temporários. Analisando desta perspectiva inferimos que o relacionamento dos diferentes grupos de oficiais com o mundo civil não produz um viés de seleção já que a distribuição está de acordo com nossa hipótese, no sentido de hierarquizar os oficiais por nível de aproximação com o mundo civil.

6. Dados do *survey*: “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”

Estabelecida as diferenças entre os oficiais da AMAN, do QCO e Temporários, a partir de agora vamos comparar as perguntas retiradas do *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, que abordam os seguintes temas: valores institucionais, função do EB, fatos que revelam mudanças na instituição e valores sociais. Nosso objetivo é verificar se cada grupo tem um padrão de resposta característico, revelando assim uma visão de mundo diferente.

Em primeiro lugar, abordaremos os valores institucionais. A partir das perguntas reunidas nesta seção saberemos o que os tenentes do EB pensam a respeito da instituição, pois trataremos de questões relacionadas aos valores, imagem do EB e finalizaremos a seção com um questionamento sobre o que é preciso para ser um bom profissional militar.

Em segundo lugar, vamos falar sobre a função do EB, e mais uma vez ressaltaremos as mudanças ocorridas nesta área, devido às transformações sociais, tais como: a mudança do seu *slogan* após a redemocratização da sociedade e a maior demanda e visibilidade das atividades complementares.

Em seguida trataremos dos acontecimentos que promoveram a aproximação do EB com o mundo civil. Ou seja, falemos do processo de modernização que o EB está operando - apesar das divergências internas⁵³ - que provoca. Com base nestes dados é possível verificar como os entrevistados se posicionam diante destes acontecimentos.

Concluiremos apresentando as questões a respeito de valores sociais. Neste caso, além de um gráfico no qual é possível observar se eles são flexíveis a mudanças, construímos um índice, envolvendo o quanto esses entes defendem a

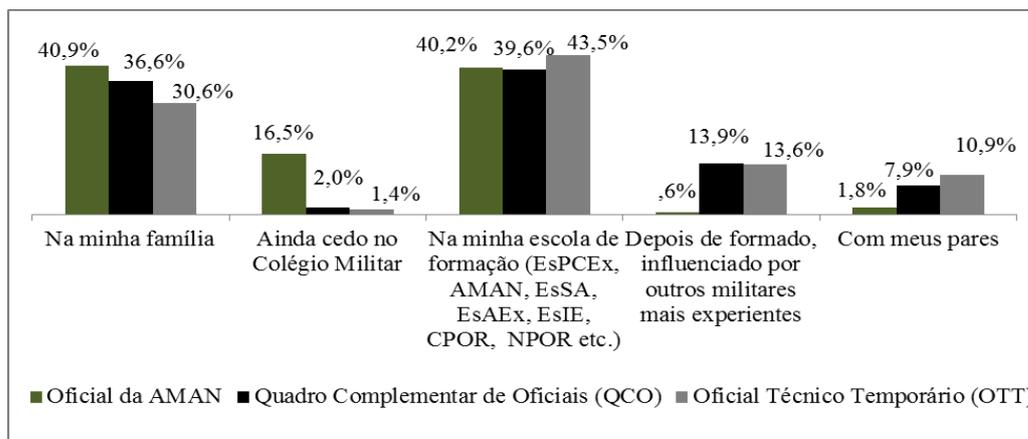
⁵³ Para mais informações ver D'ARAÚJO, Maria Celina. Militares, Democracia e Desenvolvimento: Brasil e América do Sul. Rio de Janeiro: FGV, 2010. _____. Mulheres, homossexuais e Forças Armadas no Brasil. file:///C:/Users/Jos%C3%A9%20Maria/Downloads/Mulheres_homossexuais_e_Forcas_Armadas_no_Brasil.pdf . Acesso em: 18 fev 18. Documentário: Ciências Militares: a modernização do ensino no Exército. CPDOC, FGV, 2019.

liberdade de ideias.⁵⁴ Este índice é composto por 5 perguntas a respeito do acesso a informação e outras questões que estão em pauta atualmente.

6.1. Valores institucionais

Iniciaremos falando sobre a incorporação de valores militares. O **gráfico 11** aponta os fatores que contribuíram para a incorporação desses princípios.

Gráfico 11 - Como o (a) Sr.(a) incorporou os valores militares por Vínculo



Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Entre as opções de respostas apresentadas, para indicar “como os valores militares foram incorporados”, a maioria indicou em primeiro lugar as “escolas de formação”(41,3%)⁵⁵, seguido de “família”(36,2%). Apenas 15,1% atribuíram aos colegas de farda tal papel importante – “Depois de formado, influenciado por outros militares mais experientes”(8,5%) e “Com meus pares” (6,6%).

Foram os oficiais da AMAN (2,4%) que menos atribuíram aos colegas de profissão à incorporação dos valores militares. Uma diferença significativa se

⁵⁴ Liberalismo é um conceito polissemico, mas aqui nos referimos a um liberalismo no campo das ideias. Para se entender melhor a riqueza do conceito de liberalismo sugerimos: José Guilherme Merquior.

⁵⁵ Optamos por apresentar nos gráficos apenas os percentuais que diferenciam os grupos de oficiais analisados nesta tese para facilitar a visualização das informações principais. Porém, na redação, sempre que necessário informamos o valor total correspondente a cada categoria comparada com os diferentes grupos de oficiais.

compararmos com os percentuais dos oficiais não combatentes, QCO (21,8%) e os Temporários (24,5%).

Apesar da diferença entre os oficiais não combatentes ser pequena, 2,7%, essa categoria aponta a seguinte tendência: quanto menos rígido o processo de socialização,⁵⁶ maior percentual de oficiais que afirmam ter incorporado os valores da instituição com outros militares durante o trabalho, sejam pares ou os oficiais mais experientes.

Identificamos também uma tendência, neste caso com sentido contrário na categoria “na minha família”. Ou seja, quanto mais rígido o processo de socialização, mais os oficiais atribuem à família a incorporação dos valores militares, embora a diferença dos percentuais seja ainda menor.

Diante desse resultado, decidimos explorar mais essa informação e para isso selecionamos uma subamostra. Neste caso, selecionamos apenas aqueles que declaram que o pai é militar. Feito isto, fizemos uma nova frequência⁵⁷ da pergunta “Como o (a) Sr.(a) incorporou os valores militares” e assim, verificamos que os oficiais que são filhos(as) de militar atribuem mais a família (51,5%) do que a escola de formação (23,7%) a “incorporação dos valores”, diferente do que acontece quando estão todos os tenentes reunidos independente do pai ser militar ou civil – quando a frequência de “escola de formação” é maior do que “Na família” – como mostra o gráfico 11.

Quando observamos somente os filhos de militares temos a seguinte distribuição⁵⁸ da mesma pergunta “Como o (a) Sr.(a) incorporou os valores militares” agora relacionada ao vínculo: Oficiais da AMAN (47,2%), QCO (58,8%) e os temporários (55,5%). Ou seja, os oficiais não combatentes filhos de militares atribuem mais à família a incorporação dos valores militares do que os oficiais da AMAN que têm uma formação mais completa. Desta forma, pudemos verificar a importância da família para a incorporação dos valores militares.

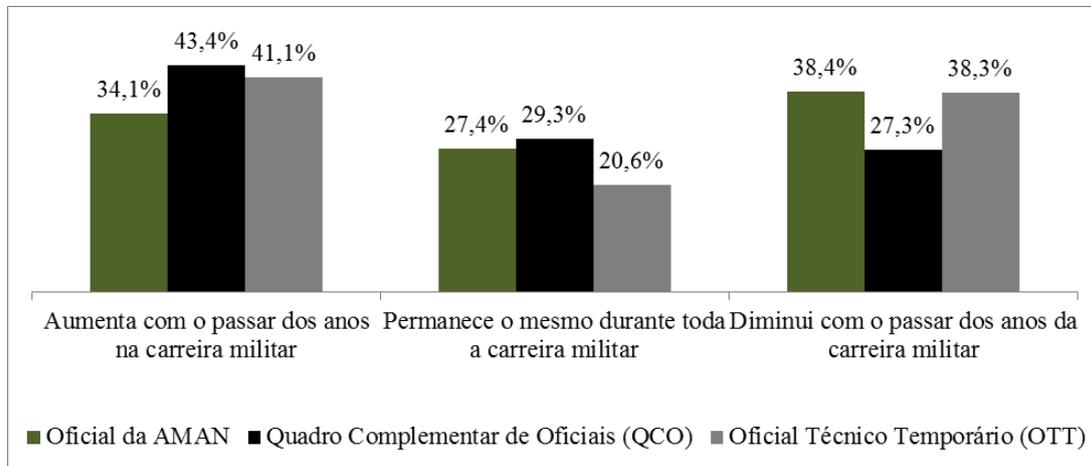
⁵⁶ No sentido dos valores desses oficiais serem mais compatíveis com o mundo civil.

⁵⁷ Ver tabela no **Anexo 5**.

⁵⁸ Ver tabela no **Anexo 6**.

Em relação ao “culto aos valores militares” os oficiais se posicionam da seguinte forma:

Gráfico 12 - O (a) Sr.(a) acredita que o culto aos Valores Militares varia de que maneira em relação ao tempo de serviço militar: por Vínculo



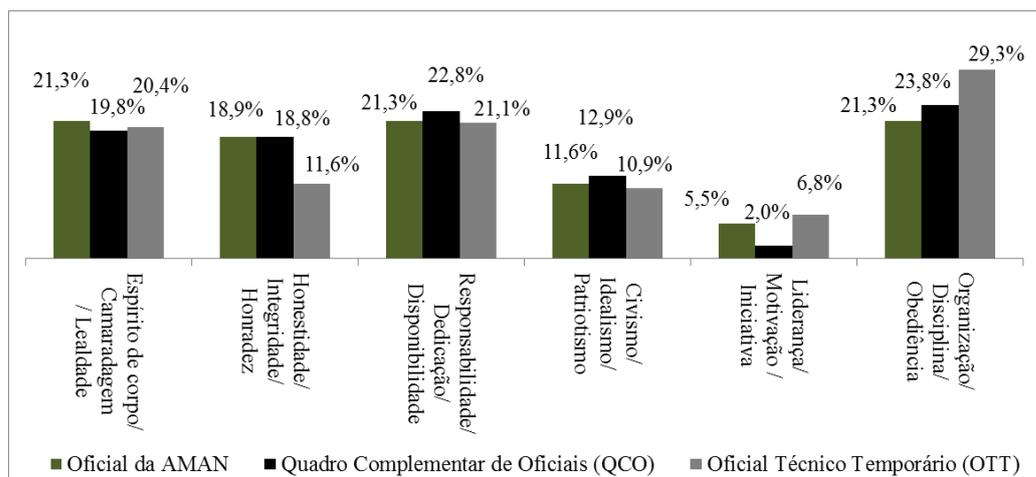
Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

No momento em que são questionados sobre o culto aos valores militares os oficiais ficam divididos. Aqueles que acreditam que “aumenta com o passar do tempo” corresponde a (38,9%), seguido de “diminui com o passar do tempo” (35,6%) e “Permanece o mesmo” (25,5%).

Vale destacar que são os oficiais do QCO que apresentam o maior percentual (43,4%) entre aqueles que afirmam que “culto aos valores militares aumenta com o passar do tempo”. Seguido dos oficiais Temporários (41,1%) e os Oficiais da AMAN (34,1%). Embora haja diferença percentual entre os grupos, não podemos afirmar que estas diferenças sejam significativas entre os oficiais do QCO e temporários. Mas é possível indicar uma tendência: os oficiais não combatentes – QCO (43,4%) e Temporário (41,1%) – atribuem mais ao convívio com os militares o aumento do culto aos valores de tal instituição que o oficial da AMAN (34,1%).

Vejamos agora o próximo gráfico. Foi apresentado aos oficiais seis grupos de palavras que os descrevem. Depois foi solicitado aos oficiais que escolhessem entre as opções apresentadas a que melhor representa o “espírito militar”.

Gráfico 13 - Grupo de valores que melhor representa o espírito militar por Vínculo



Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Os conjuntos de valores mais apontados foram: em primeiro lugar, “Organização/Disciplina/Obediência” (24,8%), em segundo lugar “Responsabilidade/Dedicação/Disponibilidade” (21,6%) e em terceiro lugar “Espírito de corpo/Camaradagem/ Lealdade” (20,6%).

Como podemos observar esses grupos de valores exprimem os princípios que estruturam o EB e que são os mais observados na socialização, principalmente na AMAN.

O conjunto de valores mais apontando “Organização/Disciplina/Obediência” são fatores que apesar de intrínsecos as organizações sociais, nós os associamos mais ao papel social do militar, ou seja, quando pensamos em características para descrever os militares são esses valores que vêm à tona no primeiro momento. Como vimos anteriormente, isto é estimulado pela forma como o EB se apresenta para o público, já que nos eventos abertos ao público é possível ver esses elementos concretizados nos corpos dos militares que participam da cerimônia. Portanto, são esses elementos que nos informam sobre o EB.

Quando analisamos como variam, entre os grupos de oficiais, o percentual referente à “Organização/Disciplina/Obediência”, percebemos que os oficiais temporários apresentaram o maior percentual (29,3%), seguido dos QCO (23,8%) e dos oficiais de AMAN (21,3%).

Isto indica que quanto menos rigoroso o treinamento, maior o percentual de oficiais que elegem “Organização/Disciplina/Obediência” com o grupo de valores que mais representa o espírito do militar. Podemos relacionar este resultado ao fato dos oficiais da AMAN serem mais ligados ao mundo militar e estarem há mais tempo sujeito aos valores e tradições do EB, portanto, eles estão mais divididos entre as opções: “Organização/Disciplina/Obediência” (21,3%), em segundo lugar “Responsabilidade/Dedicação/Disponibilidade” (21,3%) e em terceiro lugar “Espírito de corpo/Camaradagem/ Lealdade” (21,3%).

Durante o curso na AMAN eles tiveram a oportunidade de experimentar, com mais frequência e intensidade, situações que os despertam para esses valores, como mostra Castro (2004).

Já os oficiais do QCO, que embora apresente o mesmo padrão de resposta apresentado pelo total de oficiais – “Organização/ Disciplina/ Obediência” (23,8%), em segundo lugar “Responsabilidade/Dedicação/Disponibilidade” (22,8%) e em terceiro lugar “Espírito de corpo/Camaradagem/ Lealdade” (19,8%) – o que o diferencia dos demais é o fato de apontar em segundo lugar a opção “Responsabilidade/Dedicação/Disponibilidade”.

Os oficiais temporários apresentam o mesmo padrão de resposta – “Organização/ Disciplina/ Obediência” (29,3%), em segundo lugar “Responsabilidade/Dedicação/Disponibilidade” (21,1%) e em terceiro lugar “Espírito de corpo/Camaradagem/ Lealdade” (20,4%) – sendo que diferente dos demais grupos, eles possuem o maior número de oficiais respondendo: “Organização/ Disciplina/ Obediência”, como pode ser observado no **gráfico 13**.

Em segundo lugar aparece “Responsabilidade/Dedicação/Disponibilidade” (21,6%), ao observamos a distribuição de frequência entre os grupos de oficiais percebemos que a diferença é pequena – QCO (22,8%), AMAN (21,3%) e temporário (21,1%).

Em terceiro lugar aparece “Espírito de corpo/ Camaradagem/ Lealdade”, a diferença percentual que separa esses três grupos, em relação a esta opção de resposta, é também muito pequena.

Os oficiais da AMAN apresentam 21,3%, seguidos dos Temporários com 20,4% e por fim vemos o QCO com 19,8%. Apesar da pequena diferença são os oficiais da AMAN que mais apontam esse trio como o melhor grupo de valores para representar o espírito militar. Vale lembrar que, estas características eram apontadas pelos cadetes para descrever a relação entre eles durante o curso da AMAN. Essas também são lembradas pelos cadetes quando querem distinguir o militar do civil (Castro, 2004, p. 40-1).

O grupo de atributos que teve o menor percentual foi o de “Liderança/Motivação/Iniciativa” (5,1%). Embora esses atributos não sejam normalmente relacionados aos militares, são elementos presentes no trabalho desenvolvido por estes profissionais.

Estes oficiais são comandados pelos mais antigos, mas também no desenvolvimento do seu trabalho comandam os mais jovens que eles, quando solicitados. Por isso precisam desenvolver essas habilidades.

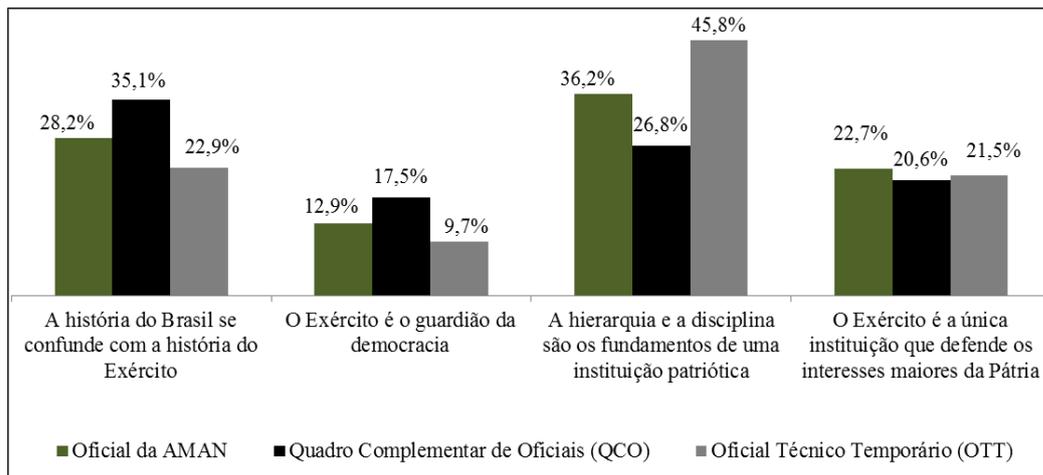
Mesmo os oficiais temporários, que apresentam o menor percentual nesta categoria, e que em vários momentos desta tese afirmamos que recebem o treinamento menos rigoroso, são preparados para manifestar esses valores, não só quando estão atuando dentro da sua especialidade, mas também quando têm que realizar atividades especificamente militares, como por exemplo, quando são escalados para “tirar serviço”.⁵⁹

É importante ressaltar que os oficiais da AMAN são treinados para comandar, e por isso têm aula de liderança. À medida que vão subindo de posto têm chances de fazer outros cursos, onde essas características são aprimoradas. Eles exercerão a função de comando ao longo da carreira. E são os tenentes com perceptivas de comandar o EB, e essa função exige as habilidades contidas nesta opção, “Liderança/Motivação/Iniciativa”.

⁵⁹ Ou seja, continuar trabalho depois do expediente para manter o funcionamento do quartel. Nestas ocasiões surgem mais oportunidades do oficial temporário atuar fora de sua especialidade, atuando em funções mais militares e, portanto, tendo que tomar decisões e liderar os mais modernos, fora da sua área de atuação.

De uma maneira geral, esses três grupos de características apresentados nos primeiros lugares tem uma diferença percentual pequena, indicam que esses atributos descrevem o espírito militar independentemente do tipo de vínculo que associa o oficial ao EB.

Gráfico 14 - Afirmação apresentada que mais se aproxima da imagem do Exército Brasileiro por Vínculo



Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Quando o assunto é o que mais se aproxima da imagem que o próprio oficial tem do Exército entre as opções de enunciadas afirmaram que “A hierarquia e a disciplina são os fundamentos de uma instituição patriótica” (37,4%). Sendo que os oficiais temporários (45,8%) e os oficiais da AMAN (36,2%) foram os que mais escolheram essa afirmação. Os oficiais do QCO apresentaram um percentual de 26,8%

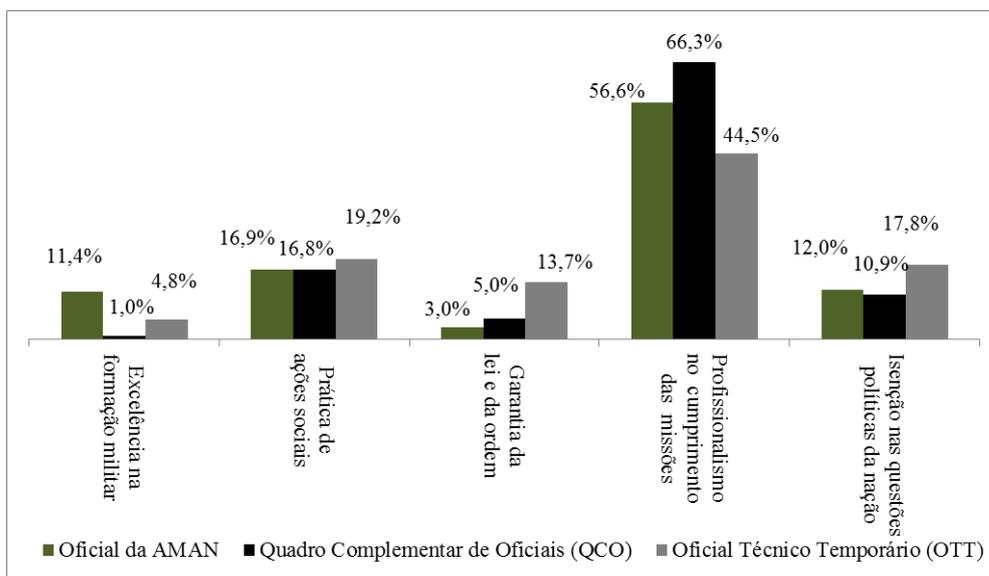
Esse resultado mostra mais uma vez como a disciplina e hierarquia estão associadas ao Exército, uma vez que essas características também foram apontadas pela maioria dos tenentes.

Vale ressaltar que mais uma vez os temporários apresentaram um percentual maior no quesito relacionado à disciplina e hierarquia, embora os demais grupos compartilhem da mesma opinião. Talvez isso se dê ao fato que eles estejam expostos por menos tempo à disciplina rígida adotada pelo Exército, e por isso sintam mais o peso no presente.

Os QCO prefeririam a opção que apareceu em segundo lugar entre os oficiais: “A história do Brasil se confunde com a história do Exército”, remete ao fato do Exército ser uma instituição que esteve presente desde o início da história do país e vir se transformando para continuar conectada com a sociedade.⁶⁰

A opção com menor frequência é “O Exército é o guardião da democracia” (12,9%).

Gráfico 15 - O (A) Sr.(a) atribui a credibilidade do Exército principalmente a: por Vínculo



Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Este gráfico mostra que em relação à credibilidade do EB, os oficiais mostram-se mais divididos. Embora a maioria relacione a credibilidade do EB ao “Profissionalismo no cumprimento das missões” (54,7%), quando observamos a distribuição por grupos de oficiais, encontramos uma diferença percentual significativa, pois 66,3% pertencem ao QCO, 56,6% são oficiais da AMAN e 44,5% são oficiais temporários.

“Prática de ações sociais” (17,7%) está em segundo lugar, e isto aponta a importância que os tenentes dão às atividades sociais desenvolvidas pelo Exército. Todos apontam essa categoria como a segunda opção mais importante e neste caso a diferença que separa os oficiais é pequena. Oficiais temporários

⁶⁰ Ver LEAL, Victor Nunes. (1975) [1949], *Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo, Editora Alfa-Ômega.

representam 19,2%, oficiais da AMAN possuem 16,9% e por último os oficiais do QCO representam 16,8%.

Em terceiro lugar, todos os oficiais responderam: “Isenção nas questões políticas da nação” (13,8%). E, mais uma vez os oficiais temporários apresentam a maior frequência (17,8%), seguido dos oficiais da AMAN (12,0%) e por último dos oficiais do QCO (10,9%).

A partir da 4ª resposta mais mencionada pelos oficiais, para atribuir a credibilidade ao Exército, é possível diferenciar mais os grupos de oficiais.

Para os oficiais da AMAN, a 4ª resposta mais citada foi a “Excelência na formação militar”, opção que aparece com a menor frequência quando consideramos todos os tenentes, 6,5%.

Nesta categoria, os oficiais da AMAN apresentaram o maior percentual (11,4%) se destacando dos demais grupos.

Para os oficiais não combatentes, a 4ª resposta mais mencionada foi “Garantia da lei e da ordem”. Enquanto, apenas 3,0% dos oficiais da AMAN responderam esta opção, 13,7% dos oficiais temporários afirmam ser esta resposta a mais adequada para atribuir credibilidade ao Exército. E os oficiais do QCO apresentaram apenas 5,0%, do número que os aproximam dos oficiais da AMAN.

O baixo número de oficiais de carreira (8,0%) que responderam “Garantia da lei e da ordem”, como uma opção que atribui credibilidade ao Exército, pode estar associado a insatisfação em exercer uma função que é da polícia.

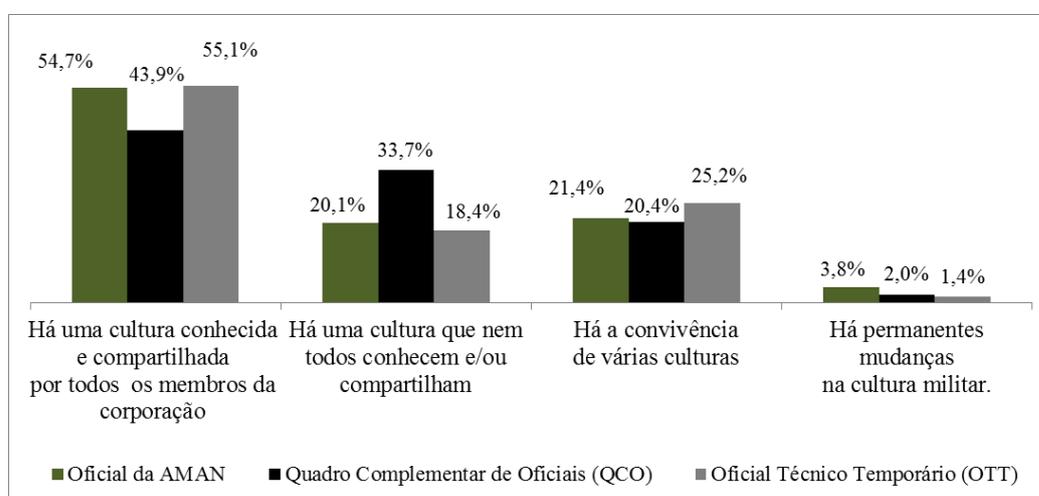
Já os QCO (1,0%) e os temporários (4,8%) consideram menos importante a “Excelência na formação militar”. É possível que tenha isso relação com o fato de não terem uma formação militar tão completa quanto os oficiais da AMAN.

É um caso que merece mais investigação para melhor compreensão, já que os oficiais da AMAN, embora tenha apresentado um percentual bem maior(11,4%), ainda assim, representam um número modesto, já que se trata de

oficiais combatentes, o que sugere que a formação militar não é mesmo considerada tão importante para dar credibilidade ao EB.

O motivo desse resultado pode estar associado à necessidade cada vez maior de recrutar e formar profissionais com especialidades “civis” para cumprir a missão constitucional. E também porque o Brasil não tem uma tradição bélica, então a dedicação à “prática de ações sociais” ou “Isenção nas questões” pode atribuir mais credibilidade ao Exército do que a “Excelência na formação militar” por ser mais palpável, embora não seja a atividade principal do Exército.

Gráfico 16 – Algumas organizações possuem uma “cultura” própria. No Exército por Vínculo



Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Em relação à cultura do EB, 52,2% dos oficiais afirmam que “Há uma cultura conhecida e compartilhada por todos os membros da corporação”. Os grupos de oficiais se dividem da seguinte forma: Oficial Temporário representa 55,1%, oficial da AMAN indica 54,7%, e QCO representa 43,9%.

Nesta categoria os oficiais do QCO se destacam por apresentarem um percentual menor que os demais, já a diferença entre oficiais da AMAN e temporário é pequena, inferior a 1%. Os oficiais do QCO se diferenciam um pouco mais dos oficiais temporários (11,2%), já a diferença percentual dos oficiais da AMAN é um pouco menor (10,8%), o que nos mostra uma afinidade maior entre estes dois grupos de oficiais.

A segunda opção confirma a similitude entre os oficiais da AMAN e os temporários, pois ambos apresentam um número maior de oficiais respondendo que “Há uma cultura que nem todos conhecem e/ou compartilham”. Os oficiais da AMAN apresentam 20,1% e os oficiais temporários 18,4%.

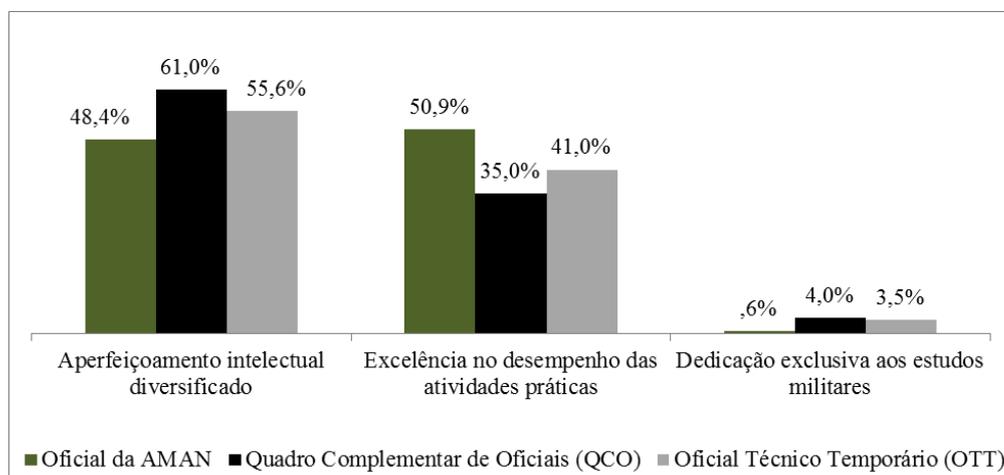
O mesmo acontece, embora a diferença de percentuais seja um pouco maior, ao apresentarem a 3ª resposta mais mencionada: “Há a convivência de várias culturas”, quando os temporários têm 25,2% das respostas e os oficiais da AMAN 21,4%.

Já os oficiais do QCO apontam um padrão diferente dos demais grupos. Ou seja, há mais oficiais do QCO respondendo “Há uma cultura que nem todos conhecem e/ou compartilham” (33,7%) do que “Há a convivência de várias culturas” (20,4%).

De uma forma geral, os grupos de oficiais manifestam uma opinião semelhante, quando questionados sobre a cultura do EB. Mas, quando nos concentramos na divergência percebemos que os oficiais do QCO ficam mais destacados, demonstrando que há mais afinidade entre os Oficiais da AMAN e os temporários.

Neste caso podemos questionar se o fato dos oficiais do QCO apresentarem um padrão diferente, não seja uma maneira de reivindicar o mesmo espaço no EB que os demais oficiais. Os oficiais temporários não têm a mesma necessidade porque sabem que não tem perspectiva de carreira no EB.

Gráfico 17 - Ser um bom profissional militar exige principalmente: por Vínculo



Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Ao analisar o **gráfico 17**, notamos que os tenentes afirmam que para “Ser um bom profissional militar exige principalmente” Em primeiro lugar é necessário: “Aperfeiçoamento intelectual diversificado” (54,1%).

Entre os oficiais que mais apontam essas respostas estão os oficiais do QCO (61,0%), um resultado previsto, uma vez que o oficial do QCO tem uma formação mais diversificada, e são formados em universidade civis e recebem um treinamento militar mais intenso que o treinamento oferecido ao oficial temporário.

Outro fator que merece ser considerado para entender esse gráfico são as consequências das mudanças sociais. Nisto elas aproximaram o EB do mundo civil. E assim se criou a necessidade de um profissional com uma formação intelectual mais diversificada. Isso pode explicar o fato de quase a metade dos oficiais da AMAN (48,4%) terem apontado “Aperfeiçoamento intelectual diversificado”, como altamente relevante. Há no EB uma demanda por este tipo investimento, tanto que atualmente encontramos oficiais da AMAN estudando nas universidades civis.

Em segundo lugar, apareceu a opção “Excelência no desempenho das atividades práticas” (43,5%). Neste caso o maior número de respondentes pertence ao grupo dos oficiais da AMAN (50,9%), seguidos dos temporários (41,0%) e dos oficiais do QCO (35,0%). Mais uma vez a opinião dos oficiais da AMAN está de acordo com o que pensa o oficial temporário.

Apenas, dentre as opções elencadas, 2,5% responderam “Dedicação exclusiva aos estudos militares”, uma resposta que como já vimos não está de acordo com os desafios atuais do EB.

6.2. A função do EB

Nesta seção vamos falar sobre a função do EB. Primeiro, vamos abordar a divisão relacionada às perícias do Exército que é representada pelos *slogans* “Braço forte” ou “Mão amiga”, que se refere à atividade fim e às atividades

complementares do EB. Depois vamos conhecer a percepção dos oficiais a respeito das atividades complementares do EB.

A primeira pergunta que apresentaremos é: O Exército Brasileiro se reconhece mais na expressão “Braço forte” ou “mão amiga”? Antes, porém, de analisarmos as respostas dos oficiais, alguns esclarecimentos sobre o tema são necessários.

Em 1992 o Exército, diante de um novo contexto político e social, consequência não apenas da redemocratização do país mas, também de novo mundo que surgia, mais globalizado e mais distante da Guerra Fria, cria um novo *slogan* que passa a transmitir uma nova imagem e um novo papel para as Forças Armadas.

Como bem explicado em texto do Portal Brasil:

Ao reconhecer a importância da Comunicação Social e de suas ferramentas, em 1992, o Coronel da reserva Francisco Rosélio Brasil Ribeiro, integrante, à época, do CCOMSEx, propôs, em uma das várias reuniões de pauta do Centro (brainstorm), o slogan “Braço Forte, Mão Amiga” para traduzir a complexa missão da Força e substituir o lema anterior “Exército: Segurança e Integração”. No mesmo ano, essa proposta, aceita e oficializada, direcionou a campanha da Semana do Exército no mês de abril e se perpetuou como uma “impressão digital” da Força Terrestre brasileira.⁶¹

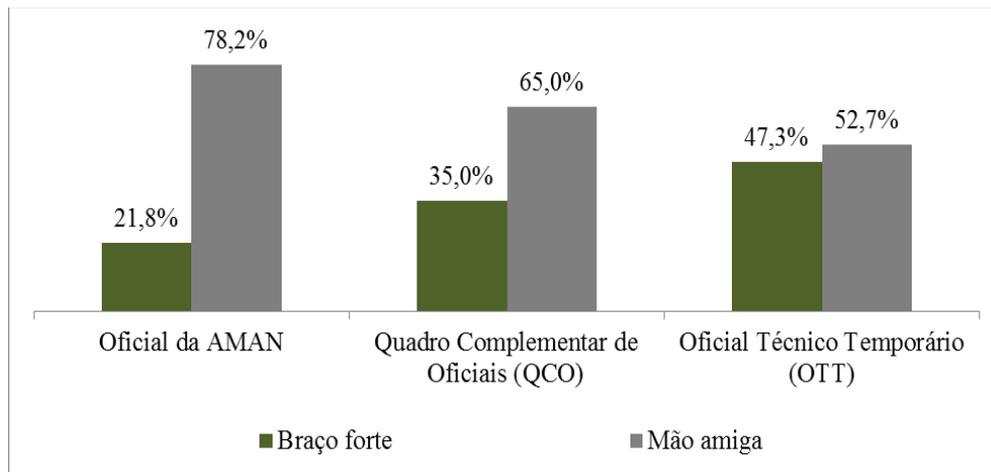
Esse lema comunica a união entre a atividade fim, e neste caso envolve todas as atividades, incluindo a dos oficiais não combatentes, que estão conectadas para que o EB cumpra sua função principal. Já “mão amiga” é o trabalho desenvolvido junto à sociedade para resolução de seus problemas e não tem relação direta com a atividade principal do EB.

Atividade contínua e que abrange várias áreas, de construção de estrada a atendimento a população ribeirinha. Os trabalhos mais noticiados pela mídia são os que envolvem, por exemplo, os desastres naturais, a segurança de grandes eventos internacionais, o combate a violência e as missões de manutenção da paz. Também pode ser incluída na dimensão “mão amiga”, a promoção de atividades educativas e sociais, vide: doação de material escolar a instituições, distribuição

⁶¹ “BRAÇO FORTE, MÃO AMIGA”. In: Portal Brasil. Disponível em: <<http://eblog.eb.mil.br/index.php/exercito-brasileiro-braco-forte-mao-amiga>>. Acesso em: 14 nov. 2017

de medicamentos, o tratamento humanitário aos povos indígenas, a educação básica oferecida a população do interior do Brasil, os atendimentos de saúde as comunidades ribeirinhas da Amazônia e do Pantanal, dentre tantas outras importantes tarefas desenvolvidas pelo Exército em prol da população que não tem acesso a esses benefícios⁶².

Gráfico 18 - O Exército Brasileiro se reconhece mais na expressão “Braço forte” ou “mão amiga” por Vínculo



Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

A primeira informação obtida da observação dos dados é que os oficiais, em seu conjunto, afirmam que o EB se reconhece mais na “mão amiga” (65,9%). Os oficiais da AMAN em percentual de 78,2%, os do QCO 65,0% e os oficiais Temporários em um percentual de 52,7%.

Estes dados revelam que os oficiais que foram submetidos a um processo de socialização mais rígido têm percentual maior de entes sociais que afirmam que “o EB se reconhece mais com a expressão mão amiga”.

Esse resultado pode estar associado ao fato do Brasil não possuir o risco de guerras iminentes. O fato dos oficiais da AMAN apresentarem o maior percentual pode ser associado ao fato de eles estarem mais envolvidos neste tipo

⁶² EXÉRCITO BRASILEIRO – “BRAÇO FORTE, MÃO AMIGA”. In: Portal Brasil. Disponível em: <<http://eblog.eb.mil.br/index.php/exercito-brasileiro-braco-forte-mao-amiga>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

de atividades e porque são transferidos de local de moradia. E por isso ter mais dimensão do trabalho desenvolvido pelo EB nesta área ao redor do país.

As atividades complementares têm sido mais demanda nas últimas décadas devido às mudanças ocorridas no Brasil e no resto do mundo.

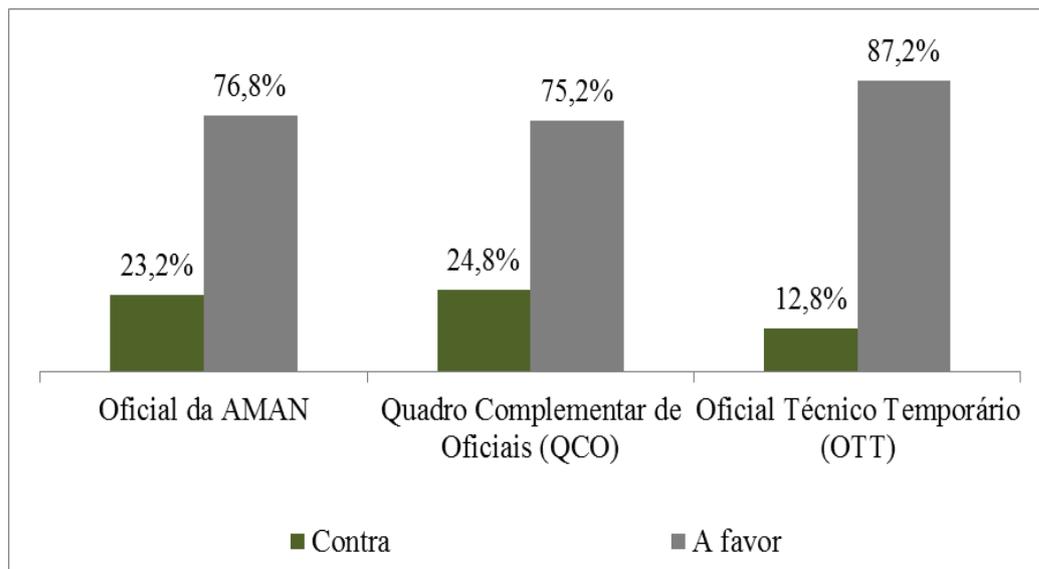
Para Castro Santos (2004) as transformações ocorridas na área militar estão relacionadas às mudanças no conceito de segurança/defesa e a autora enumera que as principais razões são: fim da Guerra Fria, a globalização, a intensificação de diversos processos de integração transnacional e fragmentação nacional.

Afirma a autora também que desde a Guerra Fria a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) define que o papel das Forças Armadas na América Latina deveria se concentrar no que a autora denominou de novas ameaças: terrorismo, tráfico de drogas, pobreza extrema, crescimento populacional desordenado, desigualdade de renda, questão ambiental e proliferação de armas de destruição em massa.

Nos próximos gráficos vamos ver como os militares se posicionaram sobre o combate a alguns desses “novos inimigos”, que atribuem as Forças Armadas um novo papel – o de polícia – que para Castro Santos (2004) é motivo de questionamentos por parte dos militares, pelo fato de ser considerado papel inferior ao desempenhado durante a Guerra Fria.

Os próximos gráficos mostram o que os oficiais pensam sobre a atuação nas seguintes áreas: manutenção da ordem social, combater o tráfico de drogas/armas e ajuda humanitária.

Gráfico 19 - Opinião sobre a utilização das Forças Armadas na Manutenção da Ordem Social



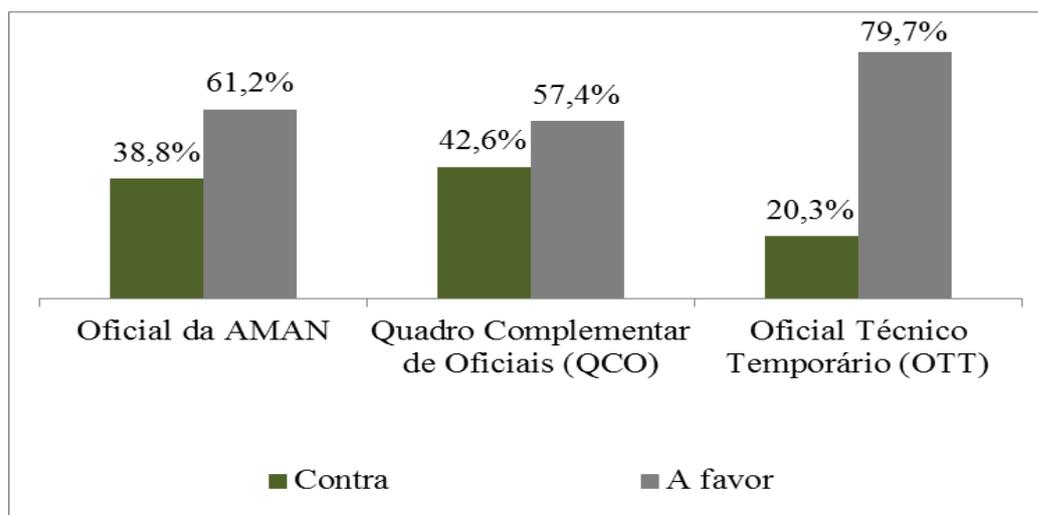
Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Observando-se o **gráfico 19**, a primeira constatação é que a ampla maioria dos oficiais é favorável à utilização das Forças Armadas para a manutenção da ordem social.

A diferença entre os oficiais da AMAN (76,8%) e os do QCO (75,2%) é pequena, a diferença maior apresenta os oficiais temporários (87,2%), pois se mostraram bem mais favoráveis a utilização das FA para a manutenção da ordem social.

O fato dos temporários terem passado por um processo de socialização civil mais completo, e, portanto, não estarem informados sobre os treinamentos recebidos pelos oficiais da AMAN, leva a esta questão de eles não terem a mesma percepção.

Gráfico 20 - Opinião sobre a utilização das Forças Armadas para combater o tráfico de drogas e armas por Vínculo

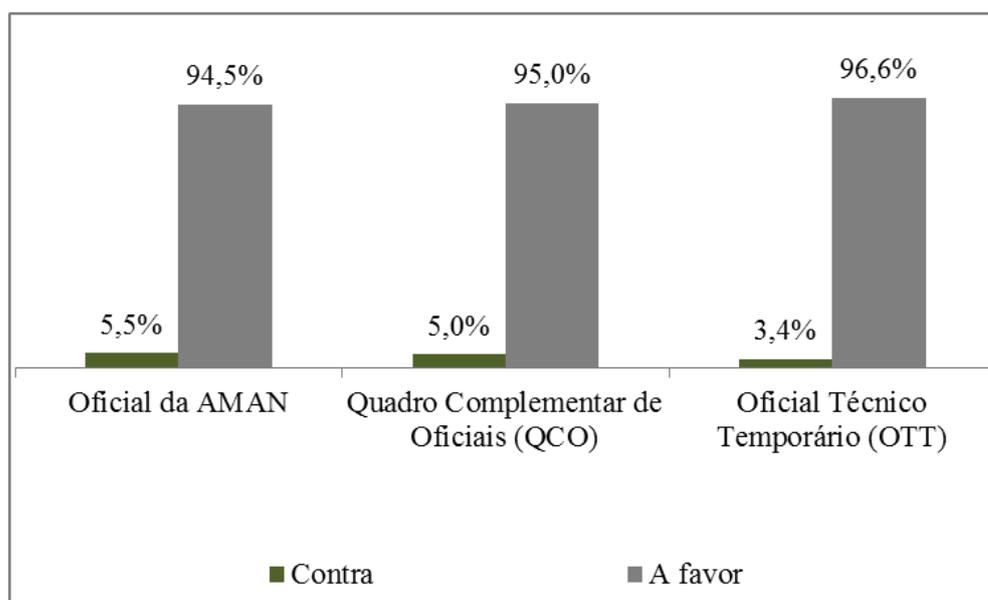


Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Mais uma vez os oficiais temporários têm um percentual maior (79,7%), entre aqueles que são favoráveis à “utilização das Forças Armadas para combater o tráfico de drogas e armas”.

Vale destacar que os oficiais temporários seguem sendo os mais favoráveis à prestação de serviços que fogem da atividade fim do Exército e como na questão sobre “ordem social”, seguido dos oficiais da AMAN (61,2%) e por último dos oficiais do QCO (57,4%).

Gráfico 21 - Opinião sobre a utilização das Forças Armadas para ajuda humanitária por Vínculo



Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

A maior parte destes oficiais declara que é favorável à “utilização das Forças Armadas para ajuda humanitária” (95,4%). Embora os dados não mostrem uma diferença significativa entre os três grupos, há um percentual maior na categoria do oficial Temporário.

Como pudemos constatar, a maioria dos oficiais, independente do vínculo com o EB, é favorável às demandas feitas ao Exército, mencionadas nesta pesquisa. Estes dados podem estar associados ao fato de serem mais novos e, portanto, não serviram no período da ditadura militar e no período de redemocratização, ou seja, servem numa época em que estas atividades são mais frequentes.

Vale ressaltar que os oficiais temporários foram os que se mostraram mais favoráveis à participação de Exército nas atividades complementares mencionadas e também o grupo que tem mais oficiais afirmando que o EB se reconhece mais na expressão “braço forte” (47,3%).

Situações relatadas no documentário *Transformações da Profissão militar no Brasil e na Argentina*,⁶³ que mostra como o EB entrou em um processo de modernização a partir da década de 1990. Isto porque o contexto mostrava que eles teriam de se abrir mais para o mundo civil, afinal eram obrigados a ter mais contato com o mundo civil. A partir da redemocratização, o Presidente da República, que é comandante Supremo das Forças Armadas, passou a ser um civil. A relação entre a sociedade e o EB mudou.

E os militares se prepararam para dialogar com os civis em condição de igualdade, e se faz mudanças significativas. Como promover a aproximação com a academia, reformulando suas escolas para terem um padrão equivalente às melhores universidades do mundo civil. E promovem também a reestruturação do sistema de ensino, no sentido que passam a adotar padrões da CAPES.

⁶³ Projeto” Transformações da Profissão militar no Brasil e na Argentina: a Perspectiva das Ciências sociais” Ciências Militares: a modernização do ensino no Exército. Site: O Exército Brasileiro. <https://www.youtube.com/watch?v=4QuOTs9Co7g> Publicado em 1 de mai de 2019. Acesso em: 30/05/2019

Foi em tal década que eles criam o QCO, e a partir desse quadro passam a incorporar a mulher no EB, quando escolhem uma mulher como patrona pela primeira vez.

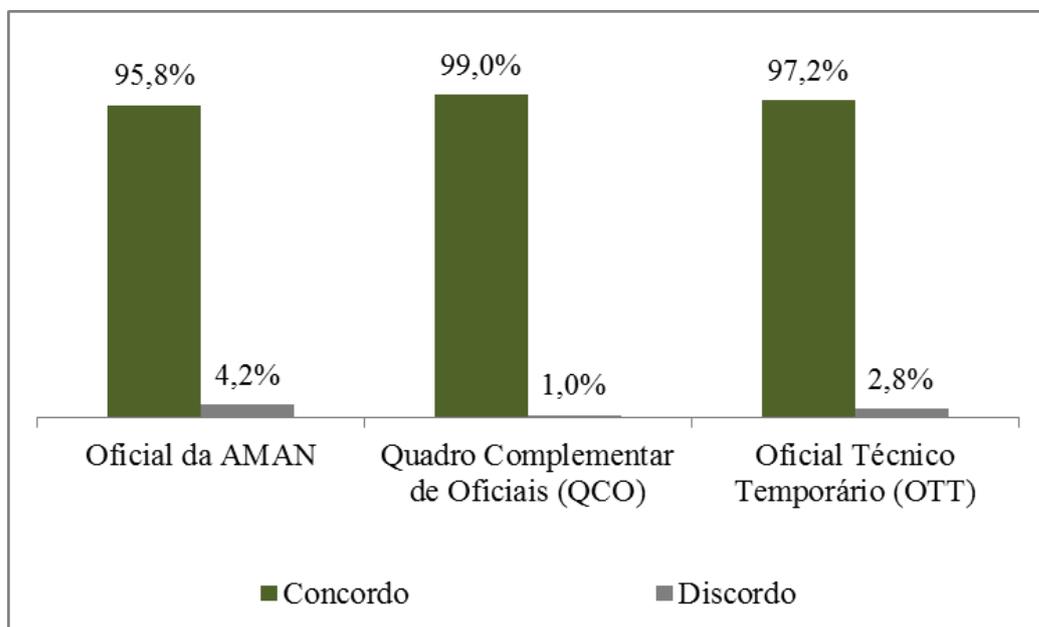
Esse maior contato com o mundo civil foi necessário para o EB possuir as condições de controlar o ritmo das demandas por mudanças impostas pela sociedade civil em constante transformação, e assim proteger suas tradições.

6.3. Fatos que mostram a aproximação entre o EB e o mundo civil

6.3.1. Opinião sobre a aproximação do EB com a universidade Civil

Nos gráficos a seguir, mostraremos como os tenentes avaliam a aproximação entre o EB e a universidade civil.

Gráfico 22 – A aproximação entre o Exército e a Universidade pode contribuir para o aperfeiçoamento dos seus oficiais: por Vínculo



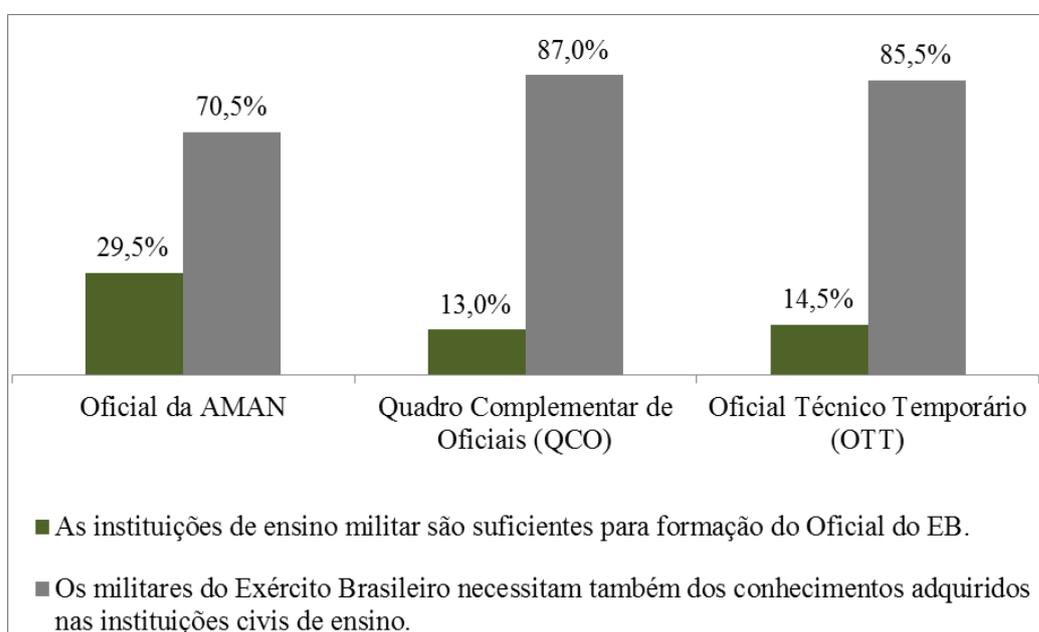
Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

O **gráfico 22** indica que 97,7% dos tenentes reconhecem o valor da Universidade civil para o Exército quando concordam que “A aproximação entre

o Exército e a Universidade pode contribuir para o aperfeiçoamento dos seus oficiais”.

Os oficiais da AMAN (4,2%) são os que apresentam o menor percentual entre os poucos que discordam dessa afirmação. Quando analisamos o conjunto dos Oficiais, ou seja, incluindo todos os postos, verificamos que a maioria dos Oficiais da AMAN fizeram cursos de graduação ou pós graduação em instituições civis. E o próprio EB agora tem interesses que os militares frequentem as universidades civis, como mostrou o referido documentário da FGV.

Gráfico 23 – Assinale a opção com a qual o (a) Sr. (a) mais se identifica: por Vínculo



Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Mais uma vez os tenentes reconhecem o valor da universidade civil. Quando o assunto é a formação dos militares, os dados mostram que a maioria dos tenentes (79,8%) valoriza o conhecimento produzido pelas universidades civis.

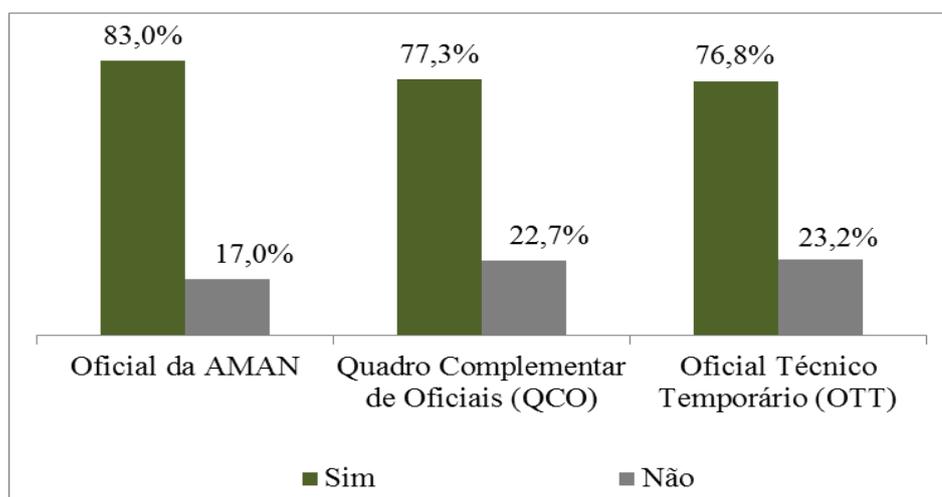
Sendo que entre aqueles que responderam que “As instituições de ensino militar são suficientes para formação do Oficial do EB” 29,5% são oficiais AMAN. Sendo que, 47,0% destes oficiais da AMAN estudaram no Colégio militar e 33,7% são filhos de militares.

Essa diferença de opiniões, entre oficiais formados pela AMAN e os oficiais temporários e os pertencentes ao Quadro Complementar de Oficiais (QCO), será recorrente e objeto que aponta para as diferentes percepções entre as visões de mundo de oficiais que foram submetidos a um processo de socialização mais rígido e os oficiais que não foram submetidos a um treinamento tão intenso.

Outra mudança social que impactou o EB foi a mudança do papel da mulher, como veremos a seguir.

6.3.2. Sobre a família

Gráfico 24 – Acha que a transformação da família tradicional está contribuindo para a decadência da sociedade por Vínculo



Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Ao serem questionados se “O (A) Sr. (a) acha que a transformação da família tradicional está contribuindo para a decadência da sociedade?”, 79,4% dos tenentes responderam que “sim”.

A maioria dos entrevistados concorda com essa afirmação. Os oficiais da AMAN (83,0%) são aqueles que apresentam o maior percentual de concordância com a afirmação de que “a transformação da família tradicional está contribuindo para a decadência da sociedade”, mostrando-se mais conservadores que os demais.

Podemos relacionar esse resultado à importância que o Exército dá à família tradicional. Algo que se manifesta, em duas ações: a primeira é a investigação que é feita, quando o aluno está no primeiro ano da AMAN para saber se a família de origem do cadete é estruturada ou desajustada, e caso se confirme que é desajustada o quanto isto poderá interferir no desempenho do cadete no curso. A segunda ação é, durante o curso, a preocupação com o tipo de família que o cadete construirá.

Esse apreço à família é estimulado constantemente pelas Forças Armadas, principalmente quando se trata de um oficial combatente, isto porque esse tem a responsabilidade de levar adiante as tradições do Exército Brasileiro, e isso requer mais sacrifícios desse tipo de oficial. Para que essa missão seja cumprida, o Exército conta com a participação da família; primeiro da família de origem e depois da família que o cadete irá constituir.

Em suma: o Exército conta com a participação da família do militar para desenvolver sua missão, sendo assim, as famílias estruturadas são mais adequadas às necessidades do EB, segundo Silva (2016).

6.3.2.1. A família de origem

O suporte emocional é fundamental para o sucesso do aluno na AMAN, isto porque os cadetes são muito jovens. Assim que ingressam na AMAN são submetidos a uma rotina rígida de estudos e treinamentos, tudo baseado em disciplina e na hierarquia. Essa nova rotina causa estresse e em muitos casos o questionamento sobre a vocação para carreira militar, envolvendo até mesmo vontade de desistir do curso.

A esse respeito Castro (2004) relata que a formação de um oficial de combate exige muita determinação do cadete, devido às pressões sofridas no período de formação e enfatiza que para o jovem se adaptar à nova rotina requer um esforço individual muito grande. Neste sentido o apoio e o encorajamento recebido da família são muitas vezes elementos determinantes para que o cadete continue no Exército.

Em suma, o treinamento oferecido ao cadete pelo Exército visa que ele possa futuramente assumir uma posição de comandar o EB, logo é rígido. O mesmo procedimento é dispensável no caso dos ingressos do QCO ou Temporário, visto que estes quando ingressam no Exército, já são especialistas – graduados ou pós-graduados – formados por universidades civis, e, portanto são mais experientes. De fato, o apoio da família de origem não é essencial neste caso, uma vez que eles têm acesso a mais recursos que podem ser mobilizados quando as dificuldades naturais, que surgem durante o processo de socialização, aparecem.

6.3.2.2. A família do militar

No decorrer da carreira o Exército continua acionando a família para dar o suporte necessário, para que o militar desempenhe bem seu papel. Isto porque eles entendem que há peculiaridades no exercício da profissão que serão cumpridas com mais êxito se o militar tiver uma família que compreenda e se ajuste bem ao estilo de vida exigido, sobretudo dos Oficiais da AMAN. Por essa razão, a família que o militar construiu é igualmente relevante para o Exército.

Segundo os oficiais mais antigos durante o curso orientam os cadetes a respeito do perfil esperado da esposa de um oficial do Exército. E os orienta a serem criteriosos nessa escolha.

A prudência sugerida é necessária porque a esposa de um oficial é, em parte, responsável pelo sucesso ou insucesso da carreira do marido. Silva (2016) exemplifica essa relação, ao dizer que antes da indicação para essa missão importante é feita uma pesquisa para saber as características pessoais e familiares do militar que está sendo cogitado para o cargo. Por isso, os cadetes são incentivados a casar com mulheres que estejam dispostas a colaborar com sua carreira, mesmo que para isso ela tenha que abrir mão de satisfazer alguns sonhos pessoais.

Para cooperar com a carreira do marido, a esposa precisa estar disposta a acompanhá-lo em suas sucessivas mudanças de local de moradia.⁶⁴ Também cabe à esposa cuidar da educação dos filhos do casal e administrar a casa sem contar com o marido, já que para executar seu trabalho ele muitas vezes tem que ficar fora à noite, final de semana, ou mesmo viajar se ausentando, nestas ocasiões por um período mais longo, deixando a esposa a cargo de todos os afazeres relacionados à família.

Além disso, espera-se que a esposa de oficial se qualifique para estar sempre à altura do posto que o marido ocupa, isso exige uma atualização constante, uma vez que ele ocupará novos postos ao longo da carreira. As esposas também se envolvem diretamente na instituição, quando são convocadas para produzir eventos que promova socialização entre as famílias dos militares ou mesmo em ações sociais que visa beneficiar os militares ou mesmos os civis do local onde residem. Além disso, são convocadas a acompanhar seus maridos em eventos sociais, ocasiões em que sua participação colabora com a atuação do marido.⁶⁵

Para o Exército, o modelo de família tradicional, que é composta por: marido, esposa e filhos, fruto dessa união, é o mais adequado para suprir suas necessidades.

6.3.2.3. A família tradicional

Atualmente, mesmo dentro do modelo de família tradicional, identificamos características que fogem ao padrão esperado pelo EB, pois vemos casais em que a mulher também é militar.

⁶⁴ Algumas vezes o marido vai morar em cidades que não tem a infraestrutura necessária para que ela dê continuidade aos seus estudos conforme o planejado ou não oferece a oportunidade de ascensão na carreira. Sem contar, que morará longe da sua família de origem e amigos, sendo assim, a cada novo local de moradia terá que refazer sua rede de amigos e aprender os hábitos locais a fim de se adaptar a rotina nova, enquanto seu marido se adapta e se dedica a missão que cumprirá nesse novo quartel.

⁶⁵ Sobre importância da família na carreira do oficial do EB, ver livro organizado por Celso Castro “A Família Militar no Brasil.

Na perspectiva dos cônjuges entrevistados por Silva(2016)⁶⁶, isso é bom, já que aumenta a chance da esposa ter uma carreira bem sucedida. Isto porque ela continuará trabalhando quando seu marido for transferido para outra cidade, uma vez que o Exército não costuma separar o casal, mandando ambos para o mesmo Estado. Outra vantagem apontada pelos casais, que trabalham na AMAN, é a cumplicidade desse tipo de relacionamento, já que um entende a dificuldade enfrentada pelo outro no exercício da profissão contribuindo para maior união do casal.

Mas para o EB a família tradicional, onde o marido é militar e a esposa cuida da família é um modelo mais adequado aos seus propósitos, isto porque a esposa do oficial tem funções a serem desenvolvidas para a promoção do marido, que fica prejudicada quando a mulher também é militar.

Como o enunciado de nossa pesquisa sugere, o conceito de família foi ampliado, embora a maioria das famílias brasileiras seja do modelo tradicional, o censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010 mostra que cresce o número de família com outras configurações e isto está relacionado às mudanças ocorridas na sociedade tais como: a entrada da mulher no mercado de trabalho e a facilidade de para se obter o divorciar.

A maior participação da mulher no mercado de trabalho afetou as relações domésticas. Em primeiro lugar, a redução do tempo dedicado à família levou o homem a participar mais das atividades domésticas e isso contribuiu para mudança da relação com o(a) filho(a), à medida que passou a dividir com a esposa os cuidados com as crianças.

Essa aproximação entre pai o(a) filho(a) levou os homens de uma maneira geral a serem mais presentes na vida da criança, e essa afinidade entre pai e filho dá à mulher sensação de que não precisa manter o casamento para que a criança tenha contato com o pai e assim ela se sente mais liberada para desfazer seu

⁶⁶ SILVA, Cristina Rodrigues. Famílias de Militares: uma análise sobre o *ethos* nômade, a construção das relações e as configurações de família no Exército. Disponível em <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-34-encontro/st-8/st12-6/1442-csilva-familias/file>> Acessado em 11.02.2018.

casamento, caso não esteja mais satisfeita. Essa impressão tem se mostrado verdadeira, pois após a separação está mais comum os pais optarem pela guarda compartilhada dos filhos.

O maior número de mulheres independentes financeiramente possibilita também que ela não mantenha seu casamento, caso ele não seja mais satisfatório, tornando-se, muitas vezes, chefe de família.

Outro fator que facilita a dissolução de um casamento é o direito ao divórcio. Atualmente basta manifestar o desejo de não continuar casado para que o divórcio seja aceito, não é mais necessária uma justificativa específica para o pedido, como acontecia no passado, quando se exigia motivos como, por exemplo: traição de um dos cônjuges ou abandono da família. Além disso, o processo judicial tornou-se mais rápido, um casal pode ter sua condição de divorciado legalizada no período de um mês. E a sociedade aceita com mais naturalidade os divorciados, não os trata com preconceito como acontecia no passado. Estas facilidades, em se divorciar, faz com que as pessoas não fiquem mais presas a casamentos que não as fazem felizes.

O Censo 2010 mostra que foi entre os divorciados o maior aumento observado de uma década para outra: o índice quase dobrou do levantamento feito em 2000 para o atual, passando de 1,7% para 3,1%. Se somados com o número de desquitados e separados judicialmente, esse grupo chega a quase 5% dos brasileiros.

O aumento do número de divorciados impacta diretamente no conceito de família, uma vez que essas pessoas se casam com outras pessoas, e levam para essa nova relação seus filhos fruto do relacionamento anterior, constituindo assim uma nova família. Esse novo modelo de família é chamado pelo IBGE de “reconstruída”.

Esses grupos representam 16,3% do total de casais que vivem com filhos, sendo eles de apenas um dos companheiros ou de ambos. São mais de 4,4 milhões as famílias com essas características atualmente – o restante, quase 84%, é

formado por casais com filhos do marido e da mulher vivendo juntos no momento da entrevista⁶⁷.

Os dados do IBGE também apontam para o aumento de famílias chefiadas por mulheres, de pessoas que moram sozinhas e de uniões homoafetivas.⁶⁸

A composição de casais com filhos ainda representa a maioria das famílias brasileiras, apesar da queda significativa nessa fatia da população: foi registrada redução de 63,6%, em 2000, para 54,9% em 2010. O Censo também mostra que os solteiros ainda responderem por mais de metade da população, 55,3%, entre as pessoas com 10 anos de idade ou mais.

Como o Exército sempre foi considerado um espaço masculino, elegemos a “inserção da mulher no Exército” para medir como eles se posicionam diante das mudanças ocorridas dentro da sua instituição. A presença da mulher no Exército é um fato para inferir o quanto há resistência e se essa oposição varia de acordo com o tipo de vínculo estabelecido com o Exército.

6.4. A presença da mulher no EB

Desta vez vamos considerar mais uma mudança ocorrida dentro do Exército, o que os oficiais pensam sobre “a presença da mulher no Exército”. Como vimos anteriormente, a mulher sempre teve um papel no EB.

As mulheres sempre atuaram apoiando seus filhos e maridos dando apoio emocional quando estes precisam passar por cursos ou treinamentos que exigem mais dos aspectos físicos e psicológicos. O fato de essa contribuição feminina ter sido, por muito tempo, a mais valorizada pelo Exército, não significa que as mulheres não atuaram, mesmo que esporadicamente, no campo de batalha, área de atuação destinada exclusivamente aos homens, até bem pouco tempo atrás.

⁶⁷ Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/a-nova-familia-brasileira/>. Acessado em 05/02/18.

⁶⁸ Fonte: Portal do IBGE: <https://www.ibge.gov.br/>. Acessado em; 05/02/18.

O primeiro documento que registrou a mulher atuando como combatente refere-se a Maria Quitéria de Jesus que se disfarçou de homem e se apresentou voluntariamente para ingressar na tropa que iria lutar pela manutenção da independência do Brasil (1823).

Quando foi descoberta, ela já tinha atuado em algumas batalhas. O bom desempenho no campo e o reduzido número de soldados foram fatores decisivos para sua permanência no Exército, enquanto durasse a batalha. Seu esforço foi reconhecido a ponto de ser recebida e condecorada pelo imperador D. Pedro I. Tornando-se assim, oficialmente, a primeira mulher do Brasil a assentar praça em uma unidade militar. E mais recentemente, em 1996, Maria Quitéria de Jesus, foi reconhecida, nas fileiras do Exército, como Patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro.⁶⁹

Posteriormente, outras participações dessa natureza foram apontadas como o caso de Jovita Alves Feitosa, que também deixou seu nome na História do Exército, pois pelejou na Guerra do Paraguai (1865-1870). E também Ana Vieira da Silva que lutou, clandestinamente, entre tropas legalistas na Revolução de 1932, ocorrida em São Paulo.⁷⁰

No Brasil, as mulheres entraram oficialmente no Exército na Segunda Guerra Mundial, e atuaram como enfermeiras e especialistas em transporte aéreo. Todas eram voluntárias e após a Guerra, em sua maioria foram condecoradas, ganharam a patente de oficial e foram licenciadas do serviço ativo militar. Há outros registros também de mulheres atuando como combatente, no teatro de operações, em períodos de grandes adversidades.⁷¹

Apesar desses exemplos históricos, esses feitos não são destacados na História, a mulher atuando fora da esfera privada, até bem pouco tempo atrás, só

⁶⁹ Site do Exército Brasileiro: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/-/asset_publisher/6ssPDvxqEURI/content/a-historia-da-mulher-no-exercito?inheritRedirect=false
Acessado em 13/03/18

⁷⁰ Site do Exército Brasileiro: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/-/asset_publisher/6ssPDvxqEURI/content/a-historia-da-mulher-no-exercito?inheritRedirect=false
Acessado em 13/03/18

⁷¹ Site do Exército Brasileiro: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/-/asset_publisher/6ssPDvxqEURI/content/a-historia-da-mulher-no-exercito?inheritRedirect=false
Acessado em 13/03/18

era lembrado em casos excepcionais, quando sua presença se tornava indispensável. Para legitimar a sua convocação, e depois desconsiderá-la a fim de que o modelo predominante – que associa a mulher ao espaço privado – se restabelecesse.

Essa escolha de valorizar o papel de apoio e de atuação na vida privada, não se trata de uma invenção das Forças Armadas, embora essa instituição tenha se apropriado desse modelo para desenvolver suas atividades. E também tenha apresentado mais dificuldade de incorporar a mulher em seus quadros e de se organizar em torno do novo papel que a mulher desempenha na sociedade.

A incorporação da mulher no mercado de trabalho e, posteriormente, nas Forças Armadas requer uma reorganização das mesmas, que se estruturaram tendo como base o modelo da família tradicional, no qual cabe à mulher se responsabilizar pelas tarefas domésticas e aos homens são os provedores da família. Sendo assim, as Forças Armadas promovem mudanças a fim de superar as resistências e a se adaptar aos novos tempos.

6.4.1 O papel social definido por sexo

Mais uma vez vamos apresentar dados que mostram o que os militares pensam, mas desta vez eles expressaram sua opinião a respeito da presença da mulher no Exército Brasileiro, mas antes da apresentação dessas informações, vamos abordar os seguintes temas: os argumentos apresentados para justificar a divisão social do trabalho baseado no sexo; as mudanças sociais que contribuem para a incorporação e impactos da mulher no mercado de trabalho; a incorporação nas Forças Armadas a fim de situar sobre as questões envolvidas nas perguntas feitas na pesquisa “O que pensam os oficiais do Exército Brasileiro”.

A incorporação da mulher ao mercado de trabalho não foi um processo tranquilo, é fruto de muito trabalho, apesar de não ser uma novidade até hoje a mulher ainda encontra desafios para se estabelecer em condições de igualdade com o homem neste espaço, em algumas empresas precisa ser mais qualificada e trabalhar mais que o homem para conseguir os cargos mais disputados. Além da

queixa comum de que mesmo ao desempenhar a mesma função que o homem, seu salário é inferior.

Mais desafiante ainda é entrar para as Forças Armadas, embora nesta instituição homens e mulheres recebam o mesmo salário ao ocupar o mesmo posto. Porém, a diferença nas Forças Armadas se manifesta na restrição imposta às mulheres no desempenho de certas funções, que as qualificariam para aspirar altos postos na hierarquia das Forças Armadas.

A mulher sempre trabalhou, a novidade é o fato de desejar entrar para o mercado de trabalho, ter uma carreira. Durante a revolução industrial, por exemplo, cresceu a demanda por mão de obra e, por isso, as fábricas disponibilizaram vagas de emprego para as mulheres, porém, em condições diferentes as condições oferecidas ao homem, pois elas trabalhavam o mesmo número de horas e ganhavam a metade do salário. As mulheres não desejavam esse lugar, as que se tornaram operárias o fizeram devido à pobreza e à falta de alternativa.

O que mudou foi o desejo de não se limitar ao espaço privado, o desejo de estudar, trabalhar e ser independente financeiramente. O movimento feminista – e na presente tese não aprofundaremos suas vertentes ou sua longa história – ao transformar esse desejo em pauta de reivindicação, e ao se organizar e sair a público para reivindicar direitos iguais, mostra as outras mulheres que é possível ter outra perspectiva de vida fora do padrão de casar, ter filhos e tornar-se dona de casa. As mulheres chegaram às universidades e ao mercado de trabalho depois de vencer grandes desafios.

No início geralmente as mulheres saíam de casa para trabalhar em profissões mais familiarizadas com o papel que desenvolvia anteriormente, era mais comum ver mulheres trabalhando como doméstica, professoras, enfermeiras. Etc., Ou seja, muito associado ao cuidado com o outro. Mesmo assim, isso era motivo de grandes desavenças uma vez que ao sair para trabalhar dedicava-se menos tempo aos afazeres domésticos. Aos poucos foram desafiando, mostraram-se competentes e asseguraram para si espaços no mercado de trabalho em profissões consideradas masculinas.

No entanto, reivindicar o direito de ser admitida nas Forças Armadas causou mais estranheza. Isto porque a atividade fim destas instituições é o combate. A imagem da mulher está associada à maternidade e não à morte.

Cuidar da segurança sempre foi uma atribuição do homem, a ele é reservado o papel de proteger a mulher e as crianças, e a mulher teria a função de cuidar. Quando a mulher é relacionada à segurança é sempre no papel de vítima e não de produtora de violência. Além disso, a mulher é percebida como frágil fisicamente e psicologicamente para lidar com as funções relacionadas com a atividade de combate.

A razão da resistência à integração das mulheres às Forças Armadas reside na convicção de que as mulheres não são aptas a integrarem uma instituição cujo objetivo é garantir a segurança do país devido a esse trabalho ser o oposto do que a sociedade sempre esperou da mulher. D'Araújo (2004) ao analisar a incorporação das mulheres e dos homossexuais às Forças Armadas dos países da OTAN, nos apresenta tal paradoxo. Há uma crença difundida de que a mulher deve ser protegida e não expostas em tempo de guerra, espera-se que ela continue em casa cuidando dos filhos, só em último caso dever se envolver diretamente na guerra.

6.4.2. Mudanças sociais

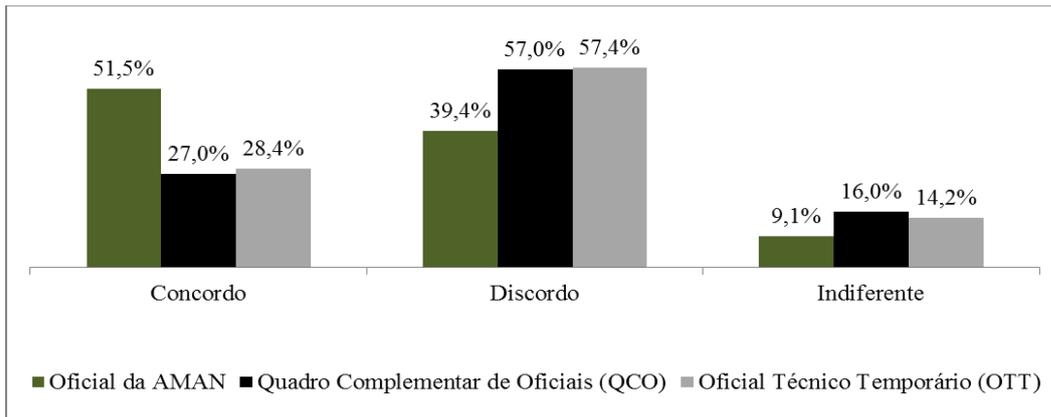
Nesta seção vamos falar sobre mais dois aspectos que facilitaram a incorporação das mulheres às Forças Armadas: primeiro, os avanços tecnológicos⁷² e depois as mudanças ocorridas na forma de fazer guerra, que demanda e valoriza novos atributos, além do uso da força física.

Mais uma vez, apresentaremos dados que apontam o que os militares pensam, mas desta vez eles expressaram sua opinião a respeito da presença da mulher no Exército Brasileiro, mas antes da apresentação dessas informações,

⁷² Que diminuem o uso da força física e, conseqüentemente, enfraquece o argumento de que a mulher não tem capacidade física para exercer essa profissão.

vamos abordar os seguintes temas: os argumentos apresentados para justificar a divisão social do trabalho baseado no gênero; as mudanças sociais que contribuem para a incorporação e impactos da mulher no mercado de trabalho; a incorporação nas Forças Armadas a fim de situar sobre as questões envolvidas nas perguntas feitas na pesquisa “O que pensam os oficiais do Exército Brasileiro”.

Gráfico 25 – A presença da mulher no Exército Brasileiro é aceitável desde que restrita a funções administrativas: por Vínculo



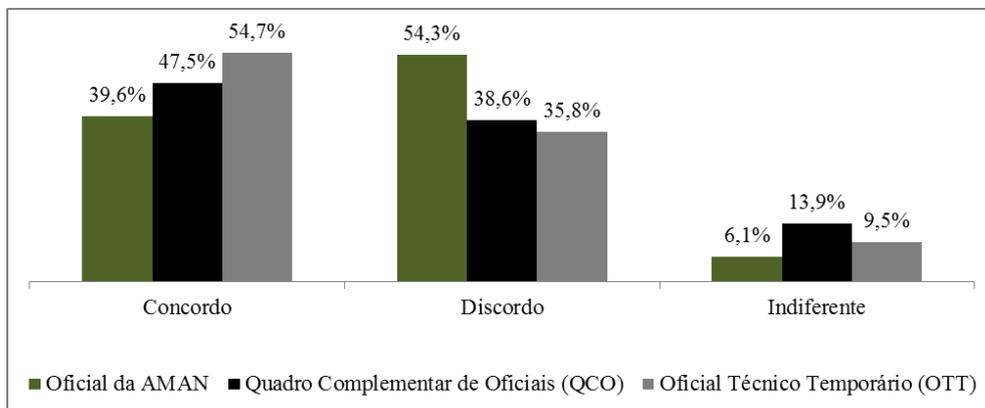
Fonte: *Survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Para examinar o que os tenentes pensam a respeito do ingresso das mulheres no Exército, perguntamos aos militares se eles concordavam com o seguinte enunciado: “É aceitável desde que restrita a funções administrativas”; a metade desses oficiais discorda dessa afirmação, 37,3% dos tenentes concordam com essa afirmação e o oficial da AMAN apresenta o maior percentual de concordância (51,5%). Já o oficial temporário e o QCO apresentam uma diferença muito pequena; 28,4% e 27,0% respectivamente.

Aqui vemos que a metade dos oficiais da AMAN concorda com essa afirmação, como vimos anteriormente eles são formados em um ambiente até então masculinos. Os oficiais da AMAN também são aqueles que foram incentivados a procurar esposa que atuasse muito em função do marido, assim como os evangélicos, que também definem bem o papel do homem e da mulher; associando sempre a mulher à função de protetora dos familiares, um porto seguro, fazendo da casa um lugar aconchegante para o homem se revigorar após o seu trabalho e um lugar para recuperar suas energias para as novas missões que terá pela frente.

As próximas tabelas refinaram esse argumento. Como a seguinte que pergunta diretamente se as mulheres devem atuar em áreas de combate.

Gráfico 26 – A presença da mulher no Exército Brasileiro é aceitável para todas as atividades, inclusive as de combate: por Vínculo

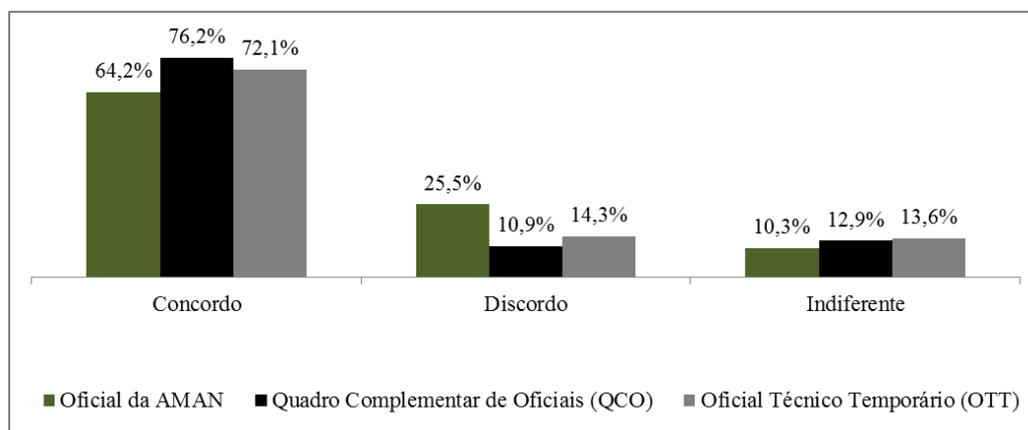


Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Quando perguntados diretamente se as mulheres devem participar de todas as atividades desenvolvidas no Exército, inclusive as de combate, percebemos que os militares ficaram mais divididos.

Dos 47,0% de oficiais que concordaram com essa afirmação, 54,7% são oficiais temporários e 47,5% são QCO. O oficial da AMAN (39,6%), novamente, corrobora com a posição de que as mulheres não podem exercer as mesmas funções que um homem no Exército. E mais uma vez confirma a tendência de que quanto maior o vínculo com o Exército, mais o tenente acha que as funções da mulher no Exército devem ser restritas.

Gráfico 27 – A presença da mulher no Exército Brasileiro, é aceitável mesmo em funções de comando: por Vínculo



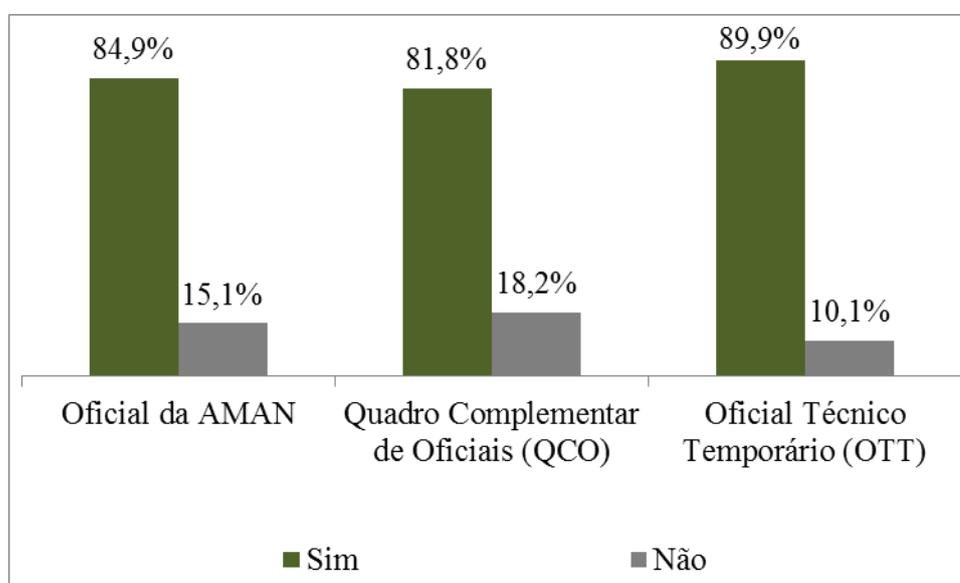
Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

A mulher na função de comando tem a aceitação de 70,0% dos tenentes. Mas neste caso há uma mudança no padrão, uma vez que o QCO (76,2%) apresenta um percentual maior do que o oficial temporário (72,1%). A maioria dos oficiais da AMAN (64,2%) aceitam as mulheres desempenhando função de comando.

6.5. Opinião sobre os valores sociais

Nesta seção vamos apresentar algumas perguntas que estão na pauta do dia e medir o quanto esses jovens oficiais estão abertos para mudanças que estão acontecendo.

Gráfico 28 – Acha que o mundo, em constante mudança, obriga a adaptação de nossa mentalidade por Vínculo



Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Nesta pergunta afirmamos que o mundo está em constante mudança e perguntamos se isso exige a adaptação de mentalidade. A maioria dos tenentes (85,9%) concorda com o enunciado “Acha que o mundo, em constante mudança, obriga a adaptação de nossa mentalidade”. Novamente constatamos que as diferenças entre os grupos de oficiais não são significativas, pois os oficiais do

QCO apresentaram um percentual 81,8%, os da AMAN de 84,9% e os temporários (89,9%).

O **gráfico 28** indica que os tenentes, mesmo os da AMAN, estão cientes que as transformações sociais exigem uma nova maneira de ver o mundo. E para saber qual o grupo de oficiais que está mais em sintonia com atitudes relacionadas à liberdade do indivíduo, um valor caro para as sociedades democráticas, reunimos 5 perguntas do *survey*⁷³ que abordam este tema.

Atribuímos valores de 1 (mais favoráveis à liberdade individual) e 0 (menos favoráveis à liberdade individual) de acordo com a resposta dada a cada pergunta. Depois somamos os valores das respostas atribuídos à cada pergunta para criar nosso índice.

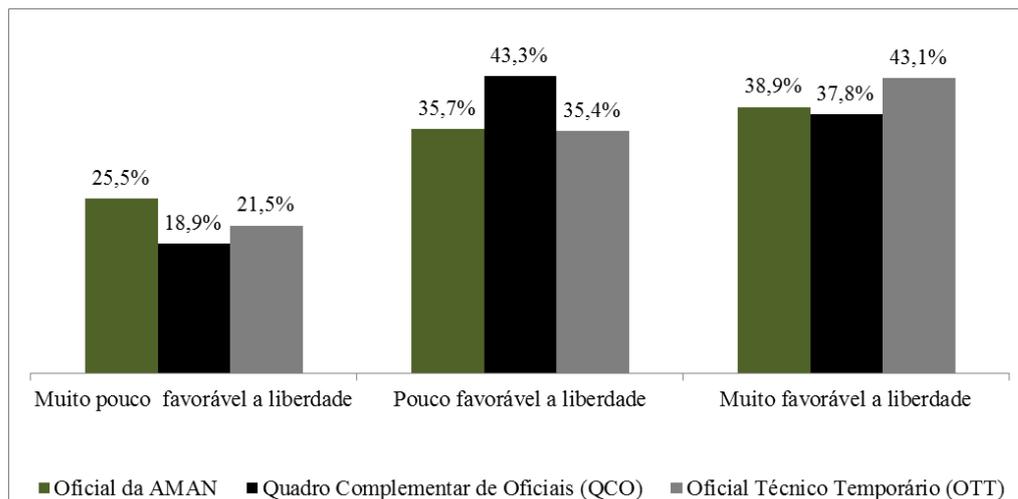
O entrevistado, cuja soma dos valores atribuída à sua resposta, teve como resultado 5 ou 4 pontos foi classificado como um oficial “muito favorável à liberdade do indivíduo”, já o entrevistado com a pontuação 3 ou 2 foi classificado como “pouco favorável à liberdade do indivíduo” e por último o entrevistado com pontuação 1 ou 0 foi considerado “muito pouco favorável à liberdade do indivíduo”.

Depois de construído o índice “liberdade do indivíduo”, cruzamos esta variável por vínculo. E alcançamos o seguinte resultado:

⁷³ As 5 perguntas mencionadas são:

1. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor de excluir das bibliotecas públicas livros que ataquem a moral e os bons costumes?
2. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor de excluir das bibliotecas públicas livros que professam a ideologia comunista?
3. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor de excluir das bibliotecas públicas livros que se manifestassem a favor do homossexualismo?
4. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor que homossexuais ensinem em escolas públicas?
5. O (A) Sr. (a) acha que a decisão sobre o aborto deve ser da mulher ou do Estado?

Gráfico 29 – Índice de liberdade do indivíduo



Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Os três grupos de oficiais se mostram mais favoráveis à liberdade do indivíduo (40,1%), como nos indica o **gráfico 29**. Sendo que, como mostra o gráfico, o maior número de oficiais mais favoráveis a liberdade estão no grupo dos temporários (43,1%), seguido dos oficiais da AMAN(38,9%) e por último dos oficiais do QCO (37,8%).

7. Conclusão

O objetivo desta tese foi verificar a partir de uma seleção de perguntas contidas no *survey* “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, se os oficiais da AMAN, do QCO e os Temporários têm uma visão de mundo diferente, por terem sido socializados em cursos de formação com um nível de intensidade, o qual varia de acordo com o grupo de oficiais.

Nesta tese analisamos os três grupos de oficiais que cumprem funções específicas no EB, como apresentado.⁷⁴ Embora sejam todos preparados para a vida militar - desempenhando seus papéis profissionais, adotando os valores de tal instituição, exercendo em alguns períodos atividades exclusivas do militar, participando de cerimônias e rituais que celebram as tradições do Exército etc, - a relação com a instituição é diferente no sentido que os oficiais não combatentes (QCO e Temporários) são menos expostos ao treinamento militar.

A formação militar dos oficiais da AMAN possui o objetivo de torná-los mais disciplinados e conectados com a instituição, preparando-os para o combate e para possuírem habilidades que tem que ser, necessariamente, controladas institucionalmente.⁷⁵ Essa significativa diferença faz com que os oficiais combatentes se considerem “mais militares” do que os dos outros dois grupos. Partindo dessa premissa, esperávamos que o padrão de respostas ao *survey* apresentasse diferenças entre os oficiais.

Ao comparar os grupos em questão, através das respostas presentes no questionário, verificamos inicialmente haver alguma similitude em suas respostas. Observamos também que, em muitos casos, não existe grandes diferenças entre os percentuais apresentados por cada grupo.

Porém, quando analisamos o conjunto das respostas para identificar as possíveis direções que os dados apontam, verificamos que podemos desdobrá-las em três tendências: Na primeira, os oficiais da AMAN se diferenciam dos oficiais

⁷⁴ Referimos-nos ao oficial combatente que é ligado a área principal do EB e o oficial não combatente que desenvolvem atividades complementares.

⁷⁵ Ver : UNICEUB. Palestra: “O Papel do Exército Brasileiro na Vida Nacional”
<https://www.youtube.com/watch?v=G5U04UzfeZU>

não combatentes em 9 respostas; na segunda há homogeneidade entre os grupos em 8 respostas e na terceira há casos atípicos em 2 respostas.

Tabela 6 – Tendência

nº do gráfico	Pergunta	Os oficiais da AMAN se diferenciam dos oficiais Não combatentes	Homogeneidade entre os grupos	Atípicos
11	Como o(a) Sr(a) incorporou os valores militares?	x		
12	O (a) Sr.(a) acredita que o culto aos Valores Militares varia de que maneira em relação ao tempo de serviço militar:	x		
13	Que grupo de valores abaixo melhor representa o espírito militar.	x		
15	O (A) Sr(a) atribui a credibilidade do Exército principalmente a:	x		
17	Ser um bom profissional militar exige principalmente:	x		
25	A presença da mulher no Exército Brasileiro: É aceitável desde que restrita a funções administrativas:	x		
26	A presença da mulher no Exército Brasileiro:É aceitável para todas as atividades, inclusive as de combate:	x		
27	A presença da mulher no Exército Brasileiro:É aceitável mesmo em funções de comando:	x		
28	O (A) Sr. (a) acha que o mundo, em constante mudança, obriga a adaptação de nossa mentalidade?	x		
18	Em sua opinião, o Exército Brasileiro se reconhece mais na expressão “Braço forte” ou “mão amiga”?		x	
19	O (A) Sr. (a) é contra ou a favor da utilização das Forças Armadas na manutenção da ordem social?		x	
20	O (A) Sr. (a) é contra ou a favor da utilização das Forças Armadas para combater o tráfico de drogas e armas?		x	
21	O (A) Sr. (a) é contra ou a favor da utilização das Forças Armadas para ajuda humanitária?		x	
22	A aproximação entre o Exército e a Universidade pode contribuir para o aperfeiçoamento dos seus oficiais:		x	
23	Assinale a opção com a qual o (a) Sr. (a) mais se identifica: 1. As instituições de ensino militar são suficientes para formação do Oficial do EB. 2. Os militares do Exército Brasileiro necessitam também dos conhecimentos adquiridos nas instituições civis de ensino		x	
24	O (A) Sr. (a) acha que a transformação da família tradicional está contribuindo para a decadência da sociedade?		x	
29	Índice: Índice de liberdade do indivíduo		x	
14	No seu entender, qual afirmação abaixo mais se aproxima da imagem que o (a) Sr. (a) tem do Exército Brasileiro?			x
16	Algumas organizações possuem uma “cultura” própria. No Exército, o (a) Sr.(a) acha que:			x

Fonte: Survey “O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”, 2013.

Como podemos constatar, na tabela acima, existem duas tendências que se sobressaem. Há um grupo de respostas que indicam que os oficiais da AMAN se diferenciam dos oficiais não combatentes. Há, também, outro grupo de respostas que indicam similitudes entre os três grupos de oficiais.

As respostas que diferenciam os oficiais da AMAN dos oficiais não combatentes são relativas, sobretudo, a valores e espírito militar, à credibilidade do Exército, aos critérios sobre o que seja um bom profissional, a presença da mulher no EB e a adaptação às transformações sociais.⁷⁶ Ou seja, questões mais ligadas à vida militar propriamente dita. Por mais que a literatura mostre como o EB está em processo de modernização – mais aberto ao mundo civil⁷⁷ – ainda assim o curso de formação e os vínculos do oficial combatente com a instituição são diferentes. A análise do conjunto das respostas indica que há uma tendência dos oficiais da AMAN diferenciarem-se dos oficiais não combatentes, sobretudo sobre suas identidades institucionais.

As respostas que associam os oficiais da AMAN aos oficiais não combatentes são relativas à aproximação do EB com o mundo civil e aos valores sociais. Abordam questões como: manutenção da ordem social, combate ao tráfico de drogas e armas, ajuda humanitária, aproximado do Exército com instituições civis como as universidades, transformações na família e liberdade individual. Questões que se referem às funções complementares do EB, e de como o mesmo se posiciona diante de questões mais ligadas ao mundo civil. A proximidade da instituição militar com o mundo civil e o aumento da interação entre militares e civis, as diferenças de mentalidades tendem a ser reduzidas e esses grupos terminaram por se aproximar, sobretudo, quando se trata dos temas assinalados. Embora haja uma tentativa de distanciar esses dois mundos, separando inclusive espacialmente as interações e afinidades são inevitáveis.

⁷⁶ Ver tabela 6

⁷⁷ Podemos constatar isso observando o número de informações disponibilizadas na *internet* a partir de sites, canal do *Youtube*, produção acadêmica.

Havia, no passado, um maior enclausuramento do militar. Isso era forjado, entre outras ações, pelo uso do uniforme em todas as ocasiões e a oferta de serviços exclusivamente à família militar, fatos que vêm se modificando gradualmente.⁷⁸

A oferta de serviços – saúde, recreação, moradia entre outros – oferecidos e gerenciados por militares aos integrantes das Forças Armadas, estimulava o convívio dos militares e seus familiares com seus pares, reduzindo o contato com o mundo civil. Estes marcadores da identidade estão mudando, apesar de as Forças Armadas continuarem a oferecer esses serviços. Porém, em razão das parcerias estabelecidas entre as Forças Armadas e outras prestadoras de serviço, tem ocorrido uma relativa abertura para o mundo civil.⁷⁹

O contato com o mundo civil também era muito prejudicado pelo número excessivo de transferência de local de moradia imposto pelas Forças Armadas aos militares. A mudança constante de endereço de moradia impactava os relacionamentos afetivos, visto que a distância tende a “esfriar” os relacionamentos, havendo também uma preocupação maior com os filhos que por não conviverem com os avós, tios e primos etc., não desenvolviam contratos sociais mais amplos.

Com os avanços tecnológicos, as distâncias foram reduzidas significativamente, isto porque houve a proliferação dos celulares e acesso à

⁷⁸ Houve um tempo que os militares eram obrigados a andar fardados até quando estavam a passeio. Este hábito foi sendo modificado aos poucos, inicialmente os militares foram liberados usar farda a passeio, sendo assim o militar deveria usar farda apenas para ir trabalhar, foi delimitado um perímetro em torno do quartel, onde o militar servia, onde era obrigado o fardamento. Posteriormente, foi autorizado o que o militar só usasse farda no quartel. A dispensa do uso da farda fora do quartel é um elemento que atenua a distinção entre militar e civil.

⁷⁹ Um exemplo disso é o sistema de saúde. Hoje em dia, as Forças Armadas continuam responsáveis por esse acolhimento, mas já estabelecem convênios com clínicas e consultórios particulares a fim de transferir para esse setor alguns serviços. Geralmente, o paciente procura a clínica de saúde militar, são atendidos nesta unidade, e o médico após a avaliação do quadro, apresentado pelo paciente, decide se o atendimento será prestado dentro ou fora do serviço de saúde das Forças Armadas.

internet, diminuindo o efeito de isolamento. Além disso, a diminuição do valor das tarifas de telefone e *internet* tornou a comunicação mais acessível também.⁸⁰

Quando visitamos a AMAN, por exemplo, vimos um cadete utilizando o celular, possivelmente no aplicativo de mensagem instantânea *WhatsApp*. Ao indagarmos se os cadetes tinham acesso às mídias sociais dentro do quartel, ele respondeu que o uso do celular é proibido em sala de aula, nas formaturas e treinamentos, mas liberado em outras ocasiões. Essa informação nos reportou à pesquisa feita por Castro (2004), quando ele descreve o isolamento em que o cadete era submetido,⁸¹ isolamento não mais existente na mesma intensidade.

Outro aspecto relevante é o aumento da presença de militares combatentes matriculados em universidades. O interesse pela formação em universidade civil é maior atualmente, assim como a facilidade para ingressar na mesma. E não podemos deixar de mencionar a modalidade *on line*, a qual permite que os militares que servem em quartéis com escala de serviço apertada, ou estão sujeitos à movimentação no território brasileiro, tenham a oportunidade de estudar em tais instituições.

A visão de mundo dos civis e militares mudou, por exemplo, a relação à idade e à vida de aposentado. Hoje há quem se prepare para ingressar em uma nova profissão quando se aposentar, ou for para reserva no caso dos militares, o que também impulsiona a busca de conhecimento fora do EB.

O Exército brasileiro sentiu a necessidade de se aproximar do mundo civil, as regras do jogo mudaram e eles precisavam se comunicar para defender seus interesses. Os militares estão nas universidades civis, as mulheres são admitidas no EB (para cumprir carreira como oficial) etc. De outro lado a sociedade, ou o governo, também manifestam interesse no mundo militar. Atualmente, existe mais

⁸⁰ Há outros fatores ainda como: a facilidade para circular pelo país, hoje em dia é mais fácil viajar, é mais fácil comprar um carro, até o transporte aéreo tornou-se mais simples, devido à redução do valor das tarifas e as facilidades de financiamento.

⁸¹ Em um primeiro momento, o cadete não possuía contato com o mundo exterior, num segundo momento recebia visitas apenas nos finais de semana e depois era liberado para ir para casa nos finais de semana. Isso quando não eram punidos por indisciplina e ficavam impedidos de sair do quartel, diminuindo ainda mais a interação com o mundo exterior durante sua formação.

investimento em pesquisa a respeito dos militares na área de Sociologia, por exemplo.

Os recursos mobilizados e utilizados em nossa tese, indicam e apontam para novas hipóteses a serem desenvolvidas para melhor conhecermos a relação das Forças Armadas com o mundo civil.

Em síntese: ao analisarmos a hipótese de que os diferentes tipos de socialização influenciariam a visão de mundo dos oficiais, identificamos que as diferenças, apesar de pequenas, existem, o que pode estimular novos estudos. Certamente o processo de socialização não é o único fator determinante em uma organização militar, sobretudo em uma época significativamente diferente da época das instituições totais descritas por Erving Goffman.

8. Referências bibliográficas

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de Ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 03 jul. 2012.

BRAVO, Camila Fernandes. Reflexões ainda necessárias sobre o recrutamento endógeno no Exército brasileiro. In: SOARES FILHO, Daniel; TOSTES, Simone Correia. (Orgs.). **Humanis**. 1.ed. Rio de Janeiro: CEP, 2013, v. 1, p. 53-70.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. Forças Armadas. In:FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira: Sociedade e instituições (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CASTRO SANTOS, Maria Helena de. A nova missão das Forças Armadas latino-americanas no mundo pós-Guerra Fria: o caso do Brasil. In:**Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 19, n. 54, p. 115-128, 2004. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092004000100007&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 18 fev. 18.

CASTRO, Celso (Org.). **A Família Militar no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

_____. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. Entre Caxias e Osório: a criação do culto ao patrono do Exército brasileiro. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, p. 103-118, jul. 2000. ISSN 2178-1494. Disponível em:
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2112>>. Acesso em: 21 out. 2019.

_____. A origem social dos militares: novos dados para uma antiga discussão. In: **Novos Estudos - Cebrap**, n. 37, p. 225-231, 1993.

_____. **Exército e Nação**: Estudos sobre a história do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

_____. **O espírito militar:** Um antropólogo na caserna. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2004.

_____. **Os militares e a República:** Um estudo sobre a cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

CASTRO, Celso; D'ARAÚJO, Maria Celina. **Militares e política na Nova República.** Rio de Janeiro: FGV, 2001.

CHIRIO, Maud. **A política nos quartéis:** Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.

COELHO, Edmundo Campos. A Instituição Militar No Brasil. In: **BIB - Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais.** n.19, p. 3-19, 1985.

_____. **Em Busca de Identidade:** O Exército e a Política na Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Militares, Democracia e Desenvolvimento:** Brasil e América do Sul. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

_____. **Mulheres e questões de gênero nas Forças Armadas brasileiras.** Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/237312341_Mulheres_e_questoes_de_genero_nas_Forcas_Armadas_brasileiras> Acesso em: 18 fev.18.

_____. **Mulheres, homossexuais e Forças Armadas no Brasil.** Disponível em:
<file:///C:/Users/Jos%C3%A9%20Maria/Downloads/Mulheres_homossexuais_e_Forcas_Armadas_no_Brasil.pdf > Acesso em: 18 fev. 18.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua.** 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Carnavais, malandros e heróis:** Para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam.** Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DUMONT, Louis. **O individualismo:** uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DEFESA E SEGURANÇA. In: **Portal Brasil.** Disponível em:
<<http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2012/04/exercito-brasileiro>>. Acesso em: 08 out. 2013.

EXÉRCITO BRASILEIRO. A formação militar. **In: Exército Brasileiro braço forte mão amiga.** 2013. Disponível em: <<http://www.eb.mil.br/a-formacao-militar>> Acesso em: 11 out. 2013.

_____. **Braço forte, mão amiga. In: Portal Brasil.** Disponível em: <<http://eblog.eb.mil.br/index.php/exercito-brasileiro-braco-forte-mao-amiga>> Acesso em: 14 nov. 2017.

_____. Normas gerais para organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas. Lei Complementar nº 117, de 2 set 2004. Acesso em: 8 dez. 2014.

_____. Vade-Mécum de cerimonial militar do Exército – valores, deveres e ética militar (VM-10). Portaria nº 156, de 23 de abril de 2002.

_____. Mulher no Exército. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/-/asset_publisher/6ssPDvxqEURL/content/a-historia-da-mulher-no-exercito?inheritRedirect=false> Acesso em: 13 mar 18.

FERNANDES, Heloísa. **Os militares como categoria social.** São Paulo: Global, 1979.

FONTOURA, Camila Bravo. **Curso de Comando e Estado-Maior do Exército: Conteúdos e mudanças após a criação do Ministério da Defesa do Brasil.** Rio de Janeiro, 2015. 266 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica .

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder.** São Paulo: Graal, 2008.

_____. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau, 2002.

_____. **Microfísica do poder.** Tradução de Roberto Machado. 2. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo: n-1, 2013.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do ego. **In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Tradução de Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago. v 18, 1995.

GASTALDO, Édison. Tradição, transformação e o espírito militar: uma entrevista com Celso Castro. **In: Revista Silva – Humanidades em Ciências Militares.** v.1, n.1, p.106-108, mar. 2017. Disponível em: <<http://www.revistasilva.cep.eb.mil.br/pt/edicao-anteriores/2-uncategorised/26-tradicao-transformacao-e-o-espírito-militar-uma-entrevista-com-celso-castro>> Acesso em: 09 jul. 2019.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 19. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GOMES, César Julio. **Mulheres no campo de Marte**: Um estudo sobre o habitus de gênero na oficialidade do Exército brasileiro. 1 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018.

HALL, Peter; TAYLOR, Rosemary. As três versões do neo-institucionalismo. In Lua Nova[online]. 2003, n.58, p.193-223. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452003000100010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 05 fev. 2018.

HOFFMAN, Marcelo. O poder disciplinar. In: TAYLOR, Dianna (Org.). **Michel Foucault**: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p.41-57.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Portal do IBGE: Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 05 fev. 2018.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: O município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1975.

LEIRNER, Piero de Camargo. **Meia-volta volver**: Um estudo antropológico sobre a hierarquia militar. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

LLOSA, Mario Vargas. **Pantaleón e as Visitadoras**. Tradução de Heloísa Janh. São Paulo: O Globo, 2003.

MATON, Karl. Habitus. In: GRENFELL, Michael (Org.). **Pierre Bourdieu**: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p.73-94.

MCGUSHIN, Edward. A teoria e a prática da subjetividade de Foucault. In: TAYLOR, Dianna (Org.). **Michel Foucault**: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p.165-184.

MIRANDA, Denis de. **A construção da identidade do oficial do Exército Brasileiro**. 1 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018.

MOORE, Rob. Capital. In: GRENFELL, Michael (org). **Pierre Bourdieu**: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p.136-154.

Núcleo de Audiovisual e Documentário do CPDOC/ FGV. **Transformações da Profissão militar no Brasil e na Argentina: a Perspectiva das Ciências Sociais**. 01 mai. 2019. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=4QuOTs9Co7g>> Acesso em: 30 mai. 2019.

RAPOSO, Eduardo; CARVALHO, Maria Alice Rezende de; SCHAFFEL, Sarita. **Para Pensar o Exército Brasileiro no Século XXI**. 1 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2019.

RITTO, Cecília.; SILVA, Pollyane Lima e. **A nova família brasileira**. Revista Veja, 17 out. 2012. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/a-nova-familia-brasileira/>> Acesso em: 02 fev. 2018.

SANTOS, Everton Araújo dos. **O Carisma do Comandante: Um estudo das relações pessoais dos militares do Exército Brasileiro sob o enfoque do poder simbólico, dos corpos dóceis e das instituições totais**. 1 ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018.

SEGAL, Mady W. Funções militares das mulheres numa perspectiva comparada :Passado, presente e futuro. **Nação e Defesa**. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, n. 88, p. 15-43,1999.

SILVA, Cristina Rodrigues. **Gênero, Hierarquia e Forças Armadas: um estudo etnográfico acerca da presença de mulheres nos quartéis**. 2008. Disponível em:
<<http://www.abant.org.br/conteudo/000NOTICIAS/Premios/LeviStrauss/cristina.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

_____. **A Casa e o Quartel: uma análise antropológica sobre o Exército e a Família na Academia Militar das Agulhas Negras**. São Carlos, SP, SP, 2010. (168p). Dissertação (em Antropologia Social) – Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos.

_____. **Famílias de Militares :uma análise sobre o ethos nômade, a construção das relações e as configurações de família no Exército**. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-34-encontro/st-8/st12-6/1442-csilva-familias/file>> Acesso em: 11 fev. 2018.

STEPAN, Alfred C. **O que pensam os militares?** Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v 2, julho de 1993.

TAKAHASHI, Emilia. **Homens e Mulheres em campo: Um estudo sobre a formação da identidade militar**. Campinas, SP, 2002. (276 p). Tese (Faculdade Educação). UNICAMP.

TAYLOR, Chloë. Biopoder. In:TAYLOR, Dianna (Org.). **Michel Foucault: Conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.p.58-75.

THOMSON, Patrícia. Campo. In: GRENFELL, Michael (Org.). **Pierre Bourdieu: Conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p. 95-114.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Rev. téc.: Gabriel Coln. 3. ed. Tradução da 5. ed., revista, anotada e 249 organizada por Johannes Winckelmann. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 464. p. v. 1.

Villas Bôas, Eduardo. **O Papel do Exército Brasileiro na Vida Nacional**. 19 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gsu04UzfeZU> Acesso em: 30 mai. 2019.

ZAVERUCHA, Jorge; TEIXEIRA, Helder B. A literatura sobre relações-civis militares no Brasil (1964-2002): In: **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. Uma Síntese. São Paulo, vol. 55, p.59-72, 2003.

Anexos

Anexo 1 - LEI Nº 12.786, DE 11 DE JANEIRO DE 2013

Altera dispositivos da Lei nº 7.831, de 2 de outubro de 1989, que cria o Quadro Complementar de Oficiais do Exército - QCO.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Os arts. 1º, 2º, 4º e 11 da Lei nº 7.831, de 2 de outubro de 1989, passam a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 1º É criado no Comando do Exército o Quadro Complementar de Oficiais - QCO, destinado a suprir as necessidades de suas Organizações Militares - OM com pessoal de nível superior para o desempenho de atividades complementares.

....." (NR)

"Art. 2º

I - Coronel;

II - Tenente-Coronel;

III - Major;

IV - Capitão; e

V - Primeiro-Tenente.

.....

§ 2º Caberá ao Comandante do Exército a distribuição do efetivo do QCO por áreas de atividade." (NR)

"Art. 4º

.....

§ 4º O número de vagas para cada processo seletivo de admissão será estabelecido em ato do Comandante do Exército.

§ 5º Os requisitos deste artigo aplicam-se sem prejuízo do constante de outras leis." (NR)

"Art. 11. As despesas com a execução desta Lei serão atendidas com os recursos orçamentários do Comando do Exército." (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 11 de janeiro de 2013; 192º da Independência e 125º da República.

DILMA ROUSSEFF
Celso Luiz Nunes Amorim
Eva Maria Cella Dal Chiavon

Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 14/01/2013

Publicação:

- Diário Oficial da União - Seção 1 - 14/1/2013, Página 4 (Publicação Original)

Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2013/lei-12786-11-janeiro-2013-775062-publicacaooriginal-138730-pl.html>

Acessado: em 08/07/2019, às 01:17.

Anexo 2 - Questões retiradas e utilização do survey

“O que pensa o Oficial do Exército Brasileiro”⁸²

12. Posto

1. Aspirante/Segundo Tenente
2. Primeiro Tenente
3. Capitão
4. Major
5. Tenente-Coronel
6. Coronel
7. General de Brigada
8. General de Divisão
9. General de Exército

13. Vínculo

1. Oficial de carreira
2. Oficial temporário
- 99 Não respondeu

9. E a sua mãe?

- | | | | |
|----------------------------|---------------------------------------|--------------|-------------------|
| 0. Não frequentou a escola | 1. Até a 4ª série (Primário) | | |
| 2. 5ª a 8ª série (Ginásio) | 3. Ensino Médio (Clássico/Científico) | | |
| 4. Ensino Superior | 5. Pós Graduação | 77. Não sabe | 99. Não respondeu |

8. Até que série seu pai estudou?

- | | | |
|----------------------------|---------------------------------------|--|
| 0. Não frequentou a escola | 1. Até a 4ª série (Primário) | |
| 2. 5ª a 8ª série (Ginásio) | 3. Ensino Médio (Clássico/Científico) | |
| 4. Ensino Superior | 5. Pós Graduação | |
| 77. Não sabe | 99. Não respondeu | |

⁸² As perguntas apresentadas neste Anexo seguem a ordem que elas ocupam nos gráficos analisados ao longo da Tese, já a numeração, indica a posição que as perguntas ocuparam no questionário original, que conta no total com 95 perguntas.

1. Sexo:

1. Masculino 2. Feminino

99. Não respondeu

6. Como o (a) Sr.(a) se considera:

1. Branco
2. Negro
3. Pardo (a)/Mulato(a)
4. Amarelo (a) (de origem oriental)
5. Indígena ou de origem indígena
99. Não respondeu

3. Estado da Federação (UF):

1 AC	2 AL	3 AM	4 AP	5 BA	6 CE	7 DF
8 ES	9 GO	10 MA	11 MG	12 MS	13 MT	14 PA
15 PB	16 PE	17 PI	18 PR	19 RJ	20 RN	21 RO
22 RR	23 RS	24 SC	25 SE	26 SP	77 TO	29 Outro

99 Não respondeu

38. Há militares na família?

1. Sim 2. Não (Pule para p.40)

77. Não sabe (pule para p.40) 99. Não respondeu (pule para p.40)

39. Qual o grau de parentesco?

Grau de parentesco	Sim	Não	NR	NS	NA
1. Avô	1	2	99	77	88
2. Cônjuge	1	2	99	77	88
3. Irmão (ã)	1	2	99	77	88
4. Pai	1	2	99	77	88
5. Tio (a)	1	2	99	77	88
6. Outro	1	2	99	77	88

39 outro. parentesco:

Em que tipo de escola o (a) Sr. (a) cursou o ensino médio?**19.1. Escola Particular**

- 1. Sim
- 2. Não
- 88. Não se aplica
- 99 Não respondeu

19.2. Escola Pública

- 1. Sim
- 2. Não
- 88. Não se aplica
- 99 Não respondeu

19.3. Colégio Militar

- 1. Sim
- 2. Não
- 88. Não se aplica
- 99 Não respondeu

47. Como o(a) Sr(a) incorporou os valores militares?

[indique apenas uma resposta]

- 1. Na minha família
- 2. Ainda cedo no Colégio Militar
- 3. Na minha escola de formação (EsPCEEx, AMAN, EsSA, EsAEx, EsIE, CPOR, NPOR etc.)
- 4. Depois de formado, influenciado por outros militares mais experientes
- 5. Com meus pares
- 77. Não sabe
- 99. Não respondeu

48. O (a) Sr.(a) acredita que o culto aos Valores Militares varia de que maneira em relação ao tempo de serviço militar: [indique apenas uma resposta]

- 1. Aumenta com o passar dos anos na carreira militar
- 2. Permanece o mesmo durante toda a carreira militar
- 3. Diminui com o passar dos anos da carreira militar

99. Não respondeu

46. Que grupo de valores abaixo melhor representa o espírito militar.

[indique apenas uma resposta]

1. Espírito de corpo/ Camaradagem/ Lealdade
2. Honestidade/Integridade/Honradez
3. Responsabilidade/Dedicação/Disponibilidade
4. Civismo/Idealismo/Patriotismo
5. Liderança/Motivação /Iniciativa
6. Organização/Disciplina/Obediência

99. Não respondeu

50. No seu entender, qual afirmação abaixo mais se aproxima da imagem que o (a) Sr. (a) tem do Exército Brasileiro? [indique apenas uma resposta]

- 1 A história do Brasil se confunde com a história do Exército
2. O Exército é o guardião da democracia
3. A hierarquia e a disciplina são os fundamentos de uma instituição patriótica
4. O Exército é a única instituição que defende os interesses maiores da Pátria
77. Não sabe 99. Não respondeu

45. O (A) Sr(a) atribui a credibilidade do Exército principalmente a:

[indique apenas uma resposta]

1. Excelência na formação militar
2. Prática de ações sociais
3. Garantia da lei e da ordem
4. Profissionalismo no cumprimento das missões
5. Isenção nas questões políticas da nação.

77. Não sabe

99. Não respondeu

54. Algumas organizações possuem uma “cultura” própria. No Exército, o (a) Sr.(a) acha que: [indique apenas uma resposta]

1. Há uma cultura conhecida e compartilhada por todos os membros da corporação;
2. Há uma cultura que nem todos conhecem e/ou compartilham;
3. Há a convivência de várias culturas;
4. Há permanentes mudanças na cultura militar.

77. Não sabe

99. Não respondeu

52. Ser um bom profissional militar exige principalmente:

[indique apenas uma resposta]

1. Aperfeiçoamento intelectual diversificado
2. Excelência no desempenho das atividades práticas
3. Dedicção exclusiva aos estudos militares
77. Não sabe
99. Não respondeu

44. Em sua opinião, o Exército Brasileiro se reconhece mais na expressão “Braço forte” ou “mão amiga”?

1. Braço forte
2. Mão amiga
99. Não respondeu

63. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor da utilização das Forças Armadas na manutenção da ordem social?

1. Contra
2. A favor
99. Não respondeu

64. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor da utilização das Forças Armadas para combater o tráfico de drogas e armas?

1. Contra
2. A favor
99. Não respondeu

62. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor da utilização das Forças Armadas para ajuda humanitária?

1. Contra
2. A favor
99. Não respondeu

42. A aproximação entre o Exército e a Universidade pode contribuir para o aperfeiçoamento dos seus oficiais:

1. Concordo
2. Discordo
77. Não sabe
99. Não respondeu

41. Assinale a opção com a qual o (a) Sr. (a) mais se identifica:

1. As instituições de ensino militar são suficientes para formação do Oficial do EB.
2. Os militares do Exército Brasileiro necessitam também dos conhecimentos adquiridos nas instituições civis de ensino.

78. O (A) Sr. (a) acha que a transformação da família tradicional está contribuindo para a decadência da sociedade?

1. Sim
2. Não
99. Não respondeu

A presença da mulher no Exército Brasileiro:

58. É aceitável desde que restrita a funções administrativas:

1. Concordo 2. Discordo 3. Indiferente 99. Não respondeu

59. É aceitável para todas as atividades, inclusive as de combate:

1. Concordo 2. Discordo 3. Indiferente 99. Não respondeu

60. É aceitável mesmo em funções de comando:

3. Concordo 2. Discordo 1. Indiferente 99. Não respondeu

79. O (A) Sr. (a) acha que o mundo, em constante mudança, obriga a adaptação de nossa mentalidade?

1. Sim 2. Não 99. Não respondeu

72. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor que homossexuais ensinam em escolas públicas?

1. Contra 2. A favor 99. Não respondeu

73. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor de excluir das bibliotecas públicas livros que ataquem a moral e os bons costumes?

1. Contra 2. A favor 99. Não respondeu

74. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor de excluir das bibliotecas públicas livros que professam a ideologia comunista?

1. Contra 2. A favor 99. Não respondeu

76. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor de excluir das bibliotecas públicas livros que se manifestassem a favor do homossexualismo?

1. Contra 2. A favor 99. Não respondeu

77. O (A) Sr. (a) acha que a decisão sobre o aborto deve ser da mulher ou do Estado?

1. Da mulher 2. Do Estado 99. Não respondeu

Anexo 3 – Carta Convite

Rio de Janeiro, XX de XXXX de 2012

Prezado(a) Senhor (a) XXXXX

O núcleo de Estudos Sociais das Instituições Militares Brasileiras (NESIMB) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), patrocinado pelo Ministério da Defesa (Pró-defesa), está realizando uma pesquisa sobre o perfil dos oficiais do Exército Brasileiro.

Para que nossas metas sejam alcançadas, é muito importante sua participação e a veracidade de suas respostas.

Os dados da presente pesquisa serão tratados pelo Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio de modo sigiloso e anônimo. O questionário tem caráter estritamente acadêmico e a identidade de cada respondente está preservada, não havendo nenhuma possibilidade de serem identificados.

Para iniciar sua participação clique no link abaixo e defina sua senha de acesso ao questionário que encontra-se hospedado no site da PUC.

INSERIR LINK DE ACESSO AO QUESTIONÁRIO.

O preenchimento do referido questionário tem a duração média de 35 min.

Certos de contar com sua colaboração nos colocamos a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Muito obrigado,

**Prof. Eduardo de Vasconcelos Raposo
de Carvalho**

Departamento de Sociologia e Política
Política PUC-Rio

Prof^a. Maria Alice Rezende

Departamento de Sociologia e
PUC-Rio

Anexo 4 – Estrutura do índice de liberdade

Índice de liberdade do indivíduo

Perguntas	Valor			
	A favor	Contra	Da mulher	Do Estado
1. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor de excluir das bibliotecas públicas livros que ataquem a moral e os bons costumes?	0	1	-	-
2. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor de excluir das bibliotecas públicas livros que professam a ideologia comunista?	0	1	-	-
3. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor de excluir das bibliotecas públicas livros que se manifestassem a favor do homossexualismo?	0	1	-	-
4. O (A) Sr. (a) é contra ou a favor que homossexuais ensinem em escolas públicas?	1	0	-	-
5. O (A) Sr. (a) acha que a decisão sobre o aborto deve ser da mulher ou do Estado?	-	-	1	0

A soma de pontos varia de 0 a 5, e classificamos a soma da seguinte forma:

0-1 Muito pouco favorável à liberdade;

2-3 Pouco favorável à liberdade;

4-5 Muito favorável à liberdade.

Anexo 5 – Valores militares por vínculo (frequência)

Como o(a) Sr(a) incorporou os valores militares por vínculo (frequência)

	n° de entrevista	%	% válido	% acumulado
Na minha família	50	42,7	51,5	51,5
Ainda cedo no Colégio Militar	13	11,1	13,4	64,9
Na minha escola de formação (EsPCEEx, AMAN, EsSA, EsAEx, EsIE, CPOR, NPOR etc.)	23	19,7	23,7	88,7
Depois de formado, influenciado por outros militares mais experientes	8	6,8	8,2	96,9
Com meus pares	3	2,6	3,1	100,0
Total	97	82,9	100,0	
Não respondeu	20	17,1		
Total	117	100,0		

Observação: Apenas os entrevistados que declararam ter pai militar.

Anexo 6 – Valores militares por vínculo (cruzamento)

Como o(a) Sr(a) incorporou os valores militares por vínculo (cruzamento)

vínculo	Como o(a) Sr(a) incorporou os valores militares					Total
	Na minha família	Ainda cedo no Colégio Militar	Na minha escola de formação (EsPCEEx, AMAN, EsSA, EsAEx, EsIE, CPOR, NPOR etc.)	Depois de formado, influenciado por outros militares mais experientes	Com meus pares	
Oficial da AMAN	47,2%	18,9%	28,3%	1,9%	3,8%	100,0%
Quadro Complementar de Oficiais (QCO)	58,8%	5,9%	11,8%	23,5%		100,0%
Oficial Temporário	55,6%	7,4%	22,2%	11,1%	3,7%	100,0%
Total	51,5%	13,4%	23,7%	8,2%	3,1%	100,0%

Observação: Apenas os entrevistados que declararam ter pai militar.